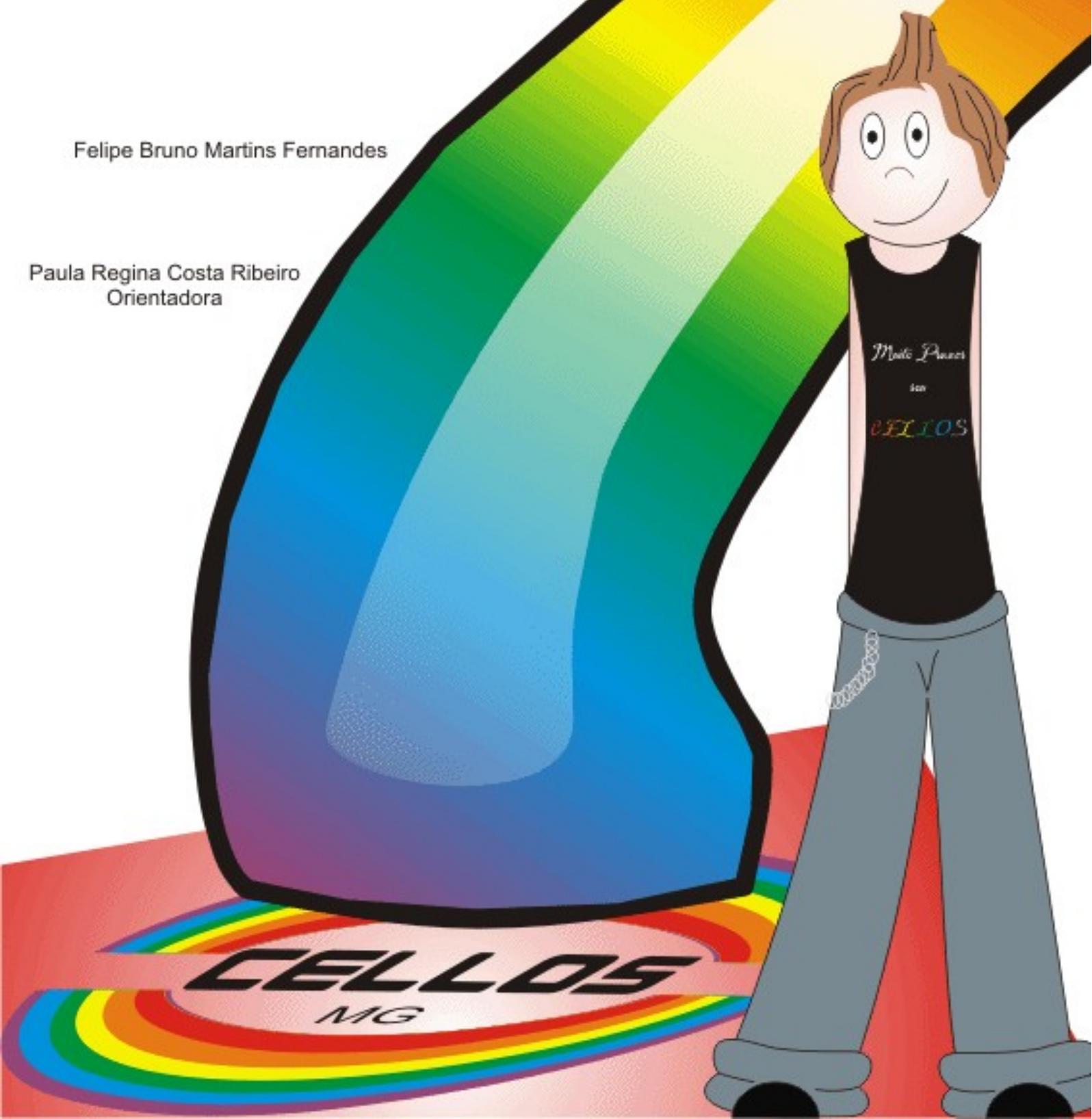


Muito Prazer, Sou **CELLOS**, Sou de Luta:

A Produção da Identidade
Ativista Homossexual

Felipe Bruno Martins Fernandes

Paula Regina Costa Ribeiro
Orientadora



FELIPE BRUNO MARTINS FERNANDES

MUITO PRAZER, SOU CELLOS, SOU DE LUTA:
a produção da identidade ativista homossexual

RIO GRANDE
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
2007

FELIPE BRUNO MARTINS FERNANDES

MUITO PRAZER, SOU CELLOS, SOU DE LUTA:
a produção da identidade ativista homossexual

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Fundação Universidade Federal do Rio Grande como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Ambiental.

Área de concentração: Educação Ambiental: Educação e Formação de Professores.

Orientadora: Profª. Dra. Paula Regina Costa Ribeiro.

Rio Grande, março de 2007

F363m Fernandes, Felipe Bruno Martins

Muito prazer, sou CELLOS, sou de luta : a produção da
identidade ativista homossexual / Felipe Bruno Martins
Fernandes - Rio Grande : FURG, 2007.

153p. : il. color.

Dissertação (Mestrado) – Fundação Universidade Federal do
Rio Grande – Mestrado em Educação Ambiental.

1. Educação Ambiental. 2. Ativismo (social)
3. Homossexualidades 4. Identidades 5. Constituição de
sujeitos I. Título

CDU 504:37:304

Catálogo na fonte: Bibliotecária Alessandra de Lemos CRB10-1530

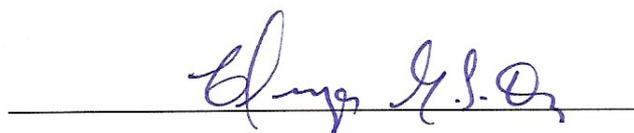
FELIPE BRUNO MARTINS FERNANDES

**MUITO PRAZER, SOU CELLOS, SOU DE LUTA: A
PRODUÇÃO DA IDENTIDADE ATIVISTA HOMOSSEXUAL.**

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Fundação Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Comissão de avaliação formada pelos professores:



Dr^a. Paula Regina Costa Ribeiro
(Orientadora – FURG)



Dr^a. Cleuza Maria Sobral Dias
(FURG)



Dr. Fernando Seffner
(UFRGS)

A Agostinho Neto,
que simboliza aqui a luta de todos por um mundo livre,
sem fronteiras,
ilimitado nos sonhos de liberdade, paz,
diferenças,
escrita com o amor da poesia...

NOITE

*Eu vivo
nos bairros escuros do mundo
sem luz, nem vida.*

*Vou pelas ruas
às apalpadelas
encostado aos meus informes sonhos
tropeçando na escravidão
ao meu desejo de ser.*

*Bairros escuros
mundos de miséria
onde as vontades se diluíram
com as coisas.*

*Ando aos trambolhões
pelas ruas sem luz
desconhecidas
pejadas de mística e terror
de braço dado com fantasmas.*

Também a noite é escura.

Agostinho Neto (1979, p. 24)

Agostinho Neto,
líder do MPLA – Movimento Popular para Libertação de Angola,
médico, poeta,
primeiro presidente da República Popular Angolana,
grande homem de nosso tempo.

...“Na luta pela independência de Angola, a poesia foi
arma poderosa manejada por Agostinho Neto”...

Jorge Amado

AGRADECIMENTOS

A meus pais, Jiçara e Paulo, que ensinaram aos filhos, sobretudo, a nunca desistirem de seus sonhos. Meus irmãos Natália, Rafael e sua esposa Vanessa, meu sobrinho João Pedro; amigos presentes nos momentos fáceis e difíceis.

Minha avó Julinda... Presença viva de amor no meu coração. Avô Saul, exemplo de devoção à cátedra, à educação. Queridos avós, Artur a iluminar-me do plano espiritual, “vó” Jacyra, legado de harmonia no seio familiar.

“A metade está feita quando as coisas têm bom princípio”

A primeira metade foi construída nos princípios de paz, igualdade e justiça em que cresci. A outra metade foi, e está sendo construída, pelas muitas pessoas, entidades, que me apoiam na certeza de que é possível um mundo novo, que vem sendo edificado há séculos. Apenas estamos dando continuidade aos caminhos abertos pelos grandes mestres.

Jiçara Martins, doce e guerreira mãe, aqui vai meu agradecimento especial pela competência nas revisões ortográficas, troca de idéias, e toda a ajuda profissional proporcionada nesta pesquisa.

Cláudio Nascimento, companheiro e alicerce na jornada de dezoito meses do curso de mestrado; apoio na infra-estrutura através da palavra amiga, incentivadora, livros emprestados e possibilidades abertas. Minha eterna gratidão.

Família de Berenice Pires, pela calorosa recepção durante o primeiro ano do mestrado. Família de Goreti Butierres – Gabrielly, Kelly, Pedro, Gi, Rosária, Acelino – pela acolhida, que me possibilitou amenizar as saudades de casa.

Ao Grupo de Pesquisas Sexualidade e Escola, amigos e amigas sinceros que me proporcionaram troca de informações e estudos coletivos. Guiomar, Fabi, Estela, Márcia, Branca, Juliana, Joanelinha, Rose, Eduardo, Carlos, Raquel, Thereza e Liani... Obrigado!

À colega Tássia Dias Furtado pela confecção da capa da minha dissertação.

Amigos e amigas que agüentaram meus sentimentos e angústias nessa caminhada. Em especial, Karina Amaral, Míriam Perilli, Vera Ribeiro, Mariana Ferraz, Cristina Tolentino, Brenda Vartulli, Elisa Vianna, dentre tantos outros.

Amigos e amigas de Rio Grande, que me possibilitaram uma vivência tranquila e momentos de afetividade e lazer: Cintia Du Vall, Karine Hallal, Elison Gonçalves, Emmanuele (Tanaka).

Paula Regina Costa Ribeiro... Minha linda e amada orientadora, que agüentou esse rapaz elétrico, com paciência e dedicação.

Companheiros Márcio Caetano, Carlos Magno, Ricardo Silva, Paulo Quintal, Luís Schalcher, Vera Couto, Jussara Bernardes, dentre tantos outros. Estímulo e exemplo de garra no movimento homossexual.

Bárbara Gramer e Marina, aqui representando o Coletivo Nacional de Transexuais; pela força, conselhos, coragem e superação.

Como foi importante o “Encontro Nacional Pensando Gênero e Ciências”! Obrigado parlamentar Leonardo Mattos (PV/MG), por entender nossa causa, e pela disponibilização das passagens aéreas.

“I Congresso da ABGLT”. Maria Lúcia Scarpelli (PT/MG), tenha a certeza que os recursos concedidos para a minha participação no congresso têm nesse trabalho importantes reflexos.

“A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil de ‘abertura’” - fantástico livro do professor Edward MacRae, cuja cópia recebida do autor por este mestrando, revela a partir do título, a sua grandeza. Livro fundamental na construção deste trabalho.

Professor James Green, quantos conselhos recebidos! Obrigado.

Minha banca... Ah! Minha banca!... Quanto medo, quanto aprendizado, quanta confiança, determinismo, esperança. E os sonhos que me passaram de abraçar a cátedra, a pesquisa; um dia estar ali, lutando pelos meus compromissos sociais pela construção de um mundo novo, alcançável. Um dia, ver jovens como eu, agregando à sociedade os valores de uma vida.

Professora Méri Rosane, você é um luxo! Cleuza Dias, muito obrigado. Professor Fernando Seffner, pesquisador exemplar, agradeço-o em especial pelas contribuições tão relevantes. Vejo-o como um amigo, companheiro.

Funcionários da FURG/RS, minha gratidão a vocês, que dos bastidores fazem parte do alicerce de novos trabalhos. Em especial Ida, Nelson, Bruno.

“Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais”

Porto seguro...

Braços acolhedores,

Onde me tornei mais maduro.

Celeiro de pesquisadores, doadores do bem.

Incansáveis.

Momentos bons,

Momentos ruins, onde encontrei corações solidários à dor de todos.

Amizade, companheirismo.

O começo de tudo...

A possibilidade de realizar minha (nossa) pesquisa.

A transformação, a renovação.

Walkíria La Roche e Soraya Menezes, grandes professoras, representando aqui o meu muito obrigado ao movimento homossexual mineiro.

À Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros, em nome de Toni Reis e David Harrad. Obrigado pelas contribuições e envio de documentos e materiais.

Associação Internacional de Gays e Lésbicas, em nome de seu representante Beto de Jesus. Contribuições importantíssimas enviadas por e-mail do exterior. Através de você, amigo, pude

participar de algumas ações internacionais.

Keila Simpson, Luana Cotroffi, Fernanda Bennevutti e Tati Araújo. Quanta dedicação e ajuda, através da Articulação Nacional de Transgêneros. Nossas conversas sobre identidades sexuais e de gênero estão nesta pesquisa.

Obrigado à Associação Brasileira de Antropologia, em nome de dois de seus “ex” dirigentes Miriam Grossi e Peter Fry. À possibilidade de participar do Workshop Pesquisas Avançadas em Gênero e Saúde Reprodutiva. Grato por tudo.

Às entidades que acreditam no meu trabalho, e convidaram-me para proferir palestras e oficinas. Grande chance de expor e expandir minhas idéias, possibilitando aos ouvintes divisarem uma nova era. Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual do Rio de Janeiro, Movimento Dellas, Fórum de ONGS GLBT de Porto Alegre (em especial Uma Outra Visão), Pastoral da Aids (Rio Grande/RS), DCE da FURG.

A todos os funcionários e companheiros da Secretaria Municipal dos Direitos de Cidadania da Prefeitura de Belo Horizonte. Pela convivência e ensinamentos tão relevantes, que também têm reflexos nesta pesquisa. Em especial ao seu “ex” secretário Antônio David Júnior.

Partido dos Trabalhadores de Rio Grande/RS; CUT (Rio Grande/RS). A crença nos meus ideais possibilitaram-me, através dessas grandiosas entidades, ações relevantes na defesa dos direitos dos homossexuais, efetivadas em Rio Grande, com pioneirismo.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da FURG/RS. Como já disse, o “princípio é fundamental”. A acolhida generosa desse mineiro de ideais internacionalistas, será eternamente lembrada com carinho e amizade. Gostaria de ressaltar que o programa, brilhantemente conduzido por uma mulher de fibra, Suzana Molon, fez-me orgulhoso e feliz. Sinal de tempos de igualdade, respeito e fraternidade. Sobretudo o respeito à competência, que independe de sexo, origens, religiões, vidas. Professor Sírio Velasco e Humberto Calloni, que evolutiva convivência!

CAPES, ajuda imprescindível: a bolsa concedida propiciou-me tranquilidade e mais dedicação na continuidade de minha pesquisa, além, é claro, do valor intrínseco da dignidade de sentir-me parte de “um investimento do nosso país”.

Houve um momento em casa, Belo Horizonte, durante um recesso do mestrado, que me vi sem chão. O choro de um homem que na luta pela sua causa, enxergou “o mais rude preconceito”. E lá estava minha mãe a dizer-me das pedras que encontraria, e como deveria removê-las: com amor. Mas, ao entrar em seu quarto, a vi também chorando, e com o poema já pronto que finaliza meus agradecimentos.

Racional como engenheira, toda emoção como poeta.

Razão

A meu filho Felipe

Uma lágrima, uma dor
Arrancada por mãos
Que massacram
O ideal da justiça.
Na impressão do texto
O contexto do mais rude preconceito.
De onde vem tanto medo?
Algum segredo?!
Quem foi que inventou a barbárie,
Guerras, massacres?...
Quem sabe explique a razão.

Mas há de ter uma
Que me toque a alma,
Conecte neurônios
Ao fluido transcendente,
E então terei razão
Pra ser mais alma.

Deixar o corpo...
Flutuar... Singrar as ares.
Pouco me importa
Que adormeça
Sabe-se lá por quanto tempo
Isso aconteça.
O convite está feito
A festa vai durar
Enquanto dormir.

Hei de ir e vir
Por campos,
Vastidão de flores,
Sentir leves sabores.

Minh'alma dança e se lança
Em compassos.
Luzes iluminam o meu palco,
Reflexos antes desconexos.
Agora faço versos
Não mais incertos
Na certeza do nexos.

Jiçara Martins (2006, p. 73)



What I do in my films is very...
I think very distinctively,
I think they are the films of a woman,
and I think that they're characteristic time quality,
is the time quality of a woman.
I think that the strength of men is their great sense of immediacy.
They are a "now" creature.
And a woman has strength to wait.
'Cause she's had to wait.
She has to wait 9 months of the concept of a child.
Time is built into her body in the sense of becomingness.
And she sees everything in terms of it being in the stage of becoming.
She raises a child knowing not what it is at any moment
but seeing always the person that it will become.
Her whole life from her very beginning it's built into her a sense of becoming.
Now in any time form, this is a very important sense.
I think that my films,
putting as much stress as they do,
upon the constant metamorphosis.
One image is always becoming another.
It is what is happening that is important in my films,
not what is at any moment.
This is a woman's time sense
and I think it happens more in my films than in almost anyone else's...

Maya Deren
(cineasta independente,
uma das mais badaladas figuras
do movimento avant-garde mundial
nos anos 1940 e 1950).

Fala extraída do documentário "*In the Mirror of Maya Deren*"
dirigido por Martina Kudlacek. Áustria: 2001. 103 min.

SUMÁRIO

Apresentação	17
Dialogando com a Teoria	28
Situando o Estudo.....	31
Situando a Metodologia.....	37
(Re)visitando a História do Movimento Homossexual Brasileiro	46
Retratos de Vidas: Rick, Lucas, Vicente, Edivan...	67
Rick.....	70
Lucas.....	73
Vicente.....	79
Edivan.....	83
A Produção da Identidade Ativista Homossexual	88
Perceber-se homossexual.....	90
A revelação pública da identidade homossexual (ou assumir-se).....	94
Experiências discriminatórias.....	97
Problematizando a identidade ativista homossexual.....	98
Do compromisso com a transformação social.....	109
Formação ativista.....	110
Questões por aprofundar: ética e amizade.....	113
Considerações Finais	116
Perspectivas	119
Referências	121
Anexos	129

LISTA DE FIGURAS

- FIGURA 1** – Campanha “Salve o Cerrado” encabeçada pelo Comando da Parada do Orgulho Homossexual de Belô em 2004..... 21
- FIGURA 2** – Selo Lampião, reconfigurado por Gay-A. Este selo, em preto e branco era veiculado nas edições do jornal Lampião da Esquina no final dos anos 1970..... 22
- FIGURA 3** – Cartaz do filme britânico Stonewall (1996), dirigido por Nigel Finch, que narra os acontecimentos ocorridos durante a “Revolução de Stonewall”..... 51
- FIGURA 4** – Cena do filme Stonewall (1996) em que os manifestantes estendem seus punhos em resistência à polícia militar..... 53
- FIGURA 5** – Capa do jornal Lampião da Esquina de julho de 1979 que ilustra a interlocução entre o movimento homossexual e o movimento operário e sindical..... 55
- FIGURA 6** – Logomarca do CELLOS/MG inspirada em dois símbolos homossexuais: a bandeira do arco-íris e o triângulo rosa..... 62
- FIGURA 7** – Frente do panfleto do CELLOS/MG distribuído nos lugares de trânsito homossexual de Belo Horizonte em 2006..... 64
- FIGURA 8** – Projetos permanentes do CELLOS/MG: a) Encontros Tudo a Ver, b) Vídeo-Pipoca e c) Vôlei da Diversidade.....64
- FIGURA 9** – Ativistas do CELLOS/MG durante a Parada do Orgulho Homossexual de Belô em 2006.....65
- FIGURA 10** – Camiseta dos ativistas do CELLOS/MG produzida em 2006. Na frente diz: Muito Prazer, Sou CELLOS. Nas costas diz: Sou de Luta.....66

LISTA DE SIGLAS

ABEH – Associação Brasileira de Estudos da Homocultura
ABGLT – Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros
ABONG – Associação Brasileira de ONG
AGLT/GO – Associação de Gays, Lésbicas e Transgêneros de Goiânia
ALEM – Associação Lésbica de Minas
ANTRA – Articulação Nacional de Transgêneros
ASSTRAV – Associação dos Travestis e Transexuais de Minas Gerais
BSH – Brasil Sem Homofobia
CACO – Centro Acadêmico de Comunicação
CBTU – Companhia Brasileira de Trens Urbanos
CELLOS/MG – Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais
CMDH – Coordenadoria de Direitos Humanos
CNCD – Conselho Nacional de Combate à Discriminação
COMDIM – Coordenadoria de Direitos da Mulher
CRDS – Centro de Referência da Diversidade Sexual
DCE – Diretório Central dos Estudantes
DST – Doenças sexualmente transmissíveis
EBGLT – Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros
EBHO – Encontro Brasileiro de Homossexuais
ECO 92 – Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento
ENUDS – Encontro Nacional Universitário pela Diversidade Sexual
FURG – Fundação Universidade Federal do Rio Grande
GAI/RJ – Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual do Rio de Janeiro
GAY-A – Aliança Homo-Les-Bi-Trans pelo Meio Ambiente
GESE – Grupo de Pesquisas Sexualidade e Escola
GGB – Grupo Gay da Bahia
GHAP – Grupo Habeas Corpus Potiguar
GLBT – Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros
GLS – Gays, Lésbicas e Simpatizantes
GLTB – Gays, Lésbicas, Transgêneros e Bissexuais
GRAB – Grupo de Resistência Asa Branca
HSH – Homens que fazem sexo com homens
ILGA – International Gay and Lesbian Association
LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros
LIBELÚ – Liberdade e Luta

MEC – Ministério da Educação

MS – Ministério da Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

PBH – Prefeitura de Belo Horizonte

PC do B – Partido Comunista do Brasil

PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira

PSTU – Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado

PT – Partido dos Trabalhadores

PTC – Partido Trabalhista Cristão

REBEA – Rede Brasileira de Educação Ambiental

SEDH – Secretaria Especial de Direitos Humanos

SENALE – Seminário Nacional de Lésbicas

SINDESS – Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos de Serviços de Saúde

SMDC – Secretaria Municipal dos Direitos de Cidadania

SOMOS – Grupo de Afirmação Homossexual

TEASS – Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis

UFPA – Universidade Federal do Pará

UNE – União Nacional dos Estudantes

RESUMO

Esta dissertação foi produzida no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, na linha EA: Ensino e Formação de Educadores, e teve como objetivo analisar a produção da identidade ativista homossexual. Foram analisadas narrativas de ativistas homossexuais integrantes do CELLOS/MG, entidade localizada em Belo Horizonte. As narrativas foram produzidas com a metodologia da Investigação Narrativa. Foram estabelecidas conexões com os Estudos Culturais, nas vertentes pós-estruturalistas, utilizando autores como Hall, Louro, Silva, Veiga-Neto etc., e contribuições de Michel Foucault. A Educação Ambiental é entendida como área do conhecimento que não possui “amarras” científicas da produção epistemológica fabricada na academia, e é interpretada como caminho para se dar voz às diferenças, respeitosa e tolerantemente, ampliando o diálogo para todos. Também foram utilizados autores que teorizam sobre o movimento homossexual como Facchini, Green, Fry, MacRae, Câmara etc. Entendo, que é narrando histórias no movimento homossexual que os ativistas vão constituindo-se através de múltiplos discursos. Conjurando histórias importadas de países como os Estados Unidos, e um governo ditador no Brasil; a década de 1970 vê nascer no Brasil as primeiras ações de um movimento homossexual. O CELLOS/MG começa a ser pensado em 2001, quando um grupo de estudantes, partidários e dissidentes de outras organizações optam pela criação do grupo. Foram quatro colaboradores nesta pesquisa. Rick tem 31 anos, é um homem branco, hemofílico e pobre. Ingressou no movimento a convite de um amigo. Lucas tem 31 anos, é pardo, de descendência indígena. Não inicia sua trajetória no movimento homossexual, e sim, nos movimentos pastorais da igreja, e se no movimento partidário do PT. Vicente tem 43 anos, é branco, classe média e inicia no movimento quando muda do Rio de Janeiro para Belo Horizonte, aos 38 anos. Edivan tem 27 anos, é um homem negro. Inicia o ativismo homossexual no grupo Dignidade em Curitiba, participa do GHAP no RN, sendo o CELLOS/MG sua terceira entidade. Ao analisar as narrativas o “perceber-se” homossexual emergiu, segundo as narrativas, como a primeira “marca” desses sujeitos. O discurso que remete à “percepção” no indivíduo é ligado, muitas vezes, a marcas biológicas. As brincadeiras infantis, mencionadas pelos colaboradores, podem ser entendidas como práticas sociais em que se constituem corpos sexuados, visto que três ativistas remontaram a estas. Na nossa sociedade, “singularmente confessada”, é preciso ressaltar a importância que a revelação pública da identidade homossexual tem na constituição do ativista. Esse “assumir-se”, pode ser entendido como uma estratégia dos grupos para alcançarem o objetivo de “conquista de direitos”. As falas fazem-nos entender que assumir-se constitui-se como atributo determinante para ativistas homossexuais. A “causa” homossexual é caracterizada como um marcador dessa identidade; além disso, demarcam terem sido discriminados, algo comum entre eles. No que tange ao CELLOS/MG, as narrativas nos fazem entender que o grupo preocupa-se com a constituição de seus ativistas, nomeando este processo como “formação”. Todos os ativistas afirmam que a formação passa necessariamente pela prática no interior da entidade. Assim, pode trabalhar com aspectos que indicam como a identidade e a diferença são produzidas no movimento homossexual.

Palavras-chave: educação ambiental, ativismo (social), homossexualidades, identidades, constituição de sujeitos.

ABSTRACT

This thesis has been produced for my Master's degree in Environmental Education for the Research Group, Education and the Training of Educators, and had as its objective to analyze the production of homosexual activist's identities. The thesis analyzed narratives of homosexual activists who belonged to the group CELLOS/MG, located in Belo Horizonte. The narratives were produced with the Narrative Investigation methodology. Connections were established with Cultural Studies, especially the post-structuralists, using authors such as Hall, Louro, Silva, Veiga-Neto among others, and contributions of Michel Foucault. Environmental Education is understood as an area of knowledge that has no scientific "mooring cables" of epistemological production inside science, and it is interpreted as a way of giving voice, respectfully and tolerantly, to differences through broadening dialogue to make it more inclusive. This research project relied on authors who theorize about the homosexual movement, such as Facchini, Green, Fry, MacRae, Câmara, among others. It is through the narration of stories within the homosexual movement that activists constitute themselves through multiple discourses. Appropriating information imported from such countries as the United States, and during a dictatorship in Brazil, the 1970s saw the birth of the first actions of a homosexual movement in Brazil. The group CELLOS/MG became an idea in 2001, when a group of students, members and supporters of other dissident organizations, decided to create a group. Four people collaborated with this research project. Rick is 31 years old, white, hemophilic and poor. He joined the homosexual movement through the invitation of a friend. Lucas is 31 years old, medium brown-skinned, and of Indian descent. He did not start his political work in the homosexual movement, but rather in the Catholic Church and as a supporter of the Workers Party (Partido do Trabalhadores-PT). Vicente is a 43 year old middle-class, white man, who joined the homosexual movement when he moved from Rio de Janeiro to Belo Horizonte, at age 38. Edivan is a 27 year old black man. He joined the movement in Curitiba through the group Dignidade, participated with the group GHAP in the state of Rio Grande do Norte, and then joined CELLOS/MG as the third group he has worked with. When analyzing their narratives the notion of "perceiving oneself as homosexual" emerged in their discourses as the first "trait" of these subjects. The discourse that leads one to "to perceive of oneself as homosexual" is connected, many times, to biological traits. The infantile tricks mentioned by the collaborators can be understood as social practices that constitute sexualized bodies, since three activists referred to them. In our "singularly confessing" society, the importance of the public revelation of a homosexual identity plays an important role in constituting an activist. This "coming out" can be understood as a strategy of groups to achieve the goal of "obtaining their rights". Their words make us understand that "coming out" constitutes a determining attribute for homosexual activists. The homosexual "cause" is characteristic trait of their identity. The discrimination that they have all suffered is also a common trait. As far as CELLOS/MG is concerned, their narratives make us understand that the group worries about the constitution of its activists, referring to this process as "education" [training]. All activists stated that this education [training] took place within the group. Thus, I could work with aspects that indicate how identity and difference are produced within the homosexual movement.

Key-Words: environmental education, (social) activism, homosexualities, identities, the formation of subjectivity.



APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Nunca viram ninguém triste?
Porque não me deixam em paz?
As guerras são tão tristes
E não tem nada demais
Me deixem, bicho acuado
Por um inimigo imaginário
Correndo atrás dos carros
Como um cachorro otário
Me deixem, ataque equivocado
Por um falso alarme
Quebrando objetos inúteis
Como quem leva uma topada
Me deixem amolar e esmurrar
A faca cega, cega da paixão
E dar tiros a esmo e ferir
O mesmo cego coração
Não escondam suas crianças
Nem chamem o síndico
Nem chamem a polícia
Nem chamem o hospício, não
Eu não posso causar mal nenhum
A não ser a mim mesmo
A não ser a mim mesmo
A não ser a mim.

Cazuza e Lobão

Cazuza foi um cantor que me afetou muito durante a minha adolescência. Com seu rock and roll embalava as minhas noites, e foi a trilha tocada durante os meus primeiros relacionamentos e saídas a noite com os amigos. Pela importância que Cazuza teve na minha constituição como um homossexual, nada melhor do que iniciar esta apresentação com uma de suas canções (poesias).

Esta pesquisa que se segue, é resultado de um esforço teórico que buscou problematizar a identidade ativista homossexual, como o título já coloca. O objetivo é **analisar os processos de produção da identidade ativista homossexual do Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais (CELLOS/MG), a partir das narrativas de seus ativistas**. Nesta apresentação, tento narrar alguns acontecimentos singulares “meus”, que possibilitaram a mudança de Belo Horizonte/MG para o município de Rio Grande/RS objetivando cursar o Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA), com a pesquisa que a partir de agora se apresenta. É uma reflexão singular, produzida num momento peculiar do autor, em que me distancio da minha cidade natal, da minha família, dos meus amigos, dos meus companheiros ativistas, com a tarefa única de construção desta dissertação. Além disso, este capítulo traz uma apresentação dos demais capítulos, e uma reflexão que, na visão do autor, justifica a presente pesquisa. Por isso, podemos entender este capítulo como uma narrativa singular do autor, aqui mais uma vez enfatizado.

Esta dissertação nasceu da minha participação no movimento homossexual, iniciada há seis anos em Belo Horizonte, e do meu compromisso com a entidade de luta homossexual na qual participei desde sua fundação: o CELLOS/MG. Como um militante partidário durante pouco mais de um ano, ainda em 2001, junto ao Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU), atuei no movimento estudantil. Acreditei e busquei construir a Revolução Socialista, e entendia-me como um agente importante de transformação da sociedade. E é nesse sentido, que me fui constituindo um sujeito que questiona a forma como nossa sociedade é organizada, e o lugar que o sujeito homossexual ocupa na contemporaneidade. Hoje, posso afirmar, após a construção desta pesquisa, que também a minha subjetividade é construída dentro de uma malha de relações. E foi a partir de uma situação ainda na graduação, em que uma professora de embriologia afirmou que a maioria dos homossexuais são pseudo-hermafroditas, que vislumbrei a possibilidade de um primeiro contato com o movimento homossexual: abri um processo interno na PUC-Minas contra a professora, que resultou na obrigatoriedade da mesma na discussão de temas “polêmicos” em sala de aula.

Participo dos movimentos sociais (homossexual e ambientalista), desde então, de forma institucionalizada. Em um primeiro momento desta trajetória, a minha identidade partidária prevalecia em relação às minhas outras identidades. As identidades ativistas, tanto ambientalista, quanto a homossexual, permaneciam com importância secundária de ação; visto que, considerava as demandas desses movimentos elementos, passíveis de serem “transformados”, após a concretização da mudança do sistema capitalista para um sistema socialista. Desse jeito. Certa hora, pelo entendimento da secundarização das questões sexuais no partido, saí do mesmo, e passei a atuar segundo as “bandeiras de luta” dos movimentos ambientalista e homossexual. Por sentir-me na época mais discriminado pela minha existência como um sujeito homossexual, decidi dedicar mais tempo a esse movimento, sem nunca descolá-lo do movimento ambientalista. Sei que são duas movimentações diferentes. Mas vislumbrava a possibilidade de retomada do diálogo entre estes movimentos, o qual acreditava ter sido “rompido” em certo momento da democratização do país.

Quando rompi com o partido revolucionário, instituí em mim uma identidade pelega^[1]. Isso me consumia – no pensamento, é claro! Já imerso nas discussões do movimento ambientalista, principalmente em sua corrente Educação Ambiental, comecei a avaliar a proposta da “sociedade sustentável” difundida na Rede Brasileira de Educação Ambiental (REBEA), que defende uma sociedade ecologicamente sustentável, economicamente viável e socialmente justa, em que os indivíduos da população tenham condições de participar da organização da polis nos níveis local e global. A sociedade sustentável se tornou para mim uma utopia importante de ser construída. E foi no sentido da justiça social defendida pela Educação Ambiental que busquei, nesta escola, trabalhar com a produção da identidade ativista homossexual, já que, com esta pesquisa, é possível tecer paralelos para outras entidades e movimentos sociais em nosso país.

Os movimentos ambientalista e homossexual mantêm, desde sua emergência, diálogos furtivos. Buscarei narrar alguns desses diálogos, objetivando ilustrar que a pesquisa que se segue não é pioneira em um diálogo possível entre esses movimentos, ou seja, trabalhar questões relacionadas à sexualidade é temática imersa no campo da Educação Ambiental já há muitos anos. Sei que alguns dos acontecimentos contrapõem-se à visão de natureza e meio ambiente abordada nesta pesquisa, sendo que, no final da narrativa sobre os diálogos já estabelecidos problematizarei o meu entendimento do campo. Narro agora alguns acontecimentos.

Durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (ECO 92), houve uma expressiva intervenção do grupo Atobá do Rio de Janeiro, realizado principalmente pelo militante Aduino Belarmino, buscando interpelar os ambientalistas sobre a importância de inclusão da temática das sexualidades na perspectiva da sociedade sustentável, e nos fundamentos da educação ambiental. Segundo ESTRUTURAÇÃO (2005), skinheads não queriam a participação dos homossexuais durante a ECO 92, o que resultou em um grande conflito entre homossexuais e ambientalistas. Segundo o militante Raimundo Pereira, presidente do Atobá, “até o presidente Lula assinou um abaixo assinado na época para que pudéssemos fazer parte do evento” (id., p. 9). Paralelo à ECO 92, ocorreu na mesma época, no Rio de Janeiro, o VI EBHO (Encontro Brasileiro de Homossexuais), com participação de 12 grupos, dentre eles o Grupo Gay da Bahia (GGB), Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB), Dialogay, Triângulo Rosa; tendo este encontro colocado em pauta questões relacionadas à preservação do meio ambiente (id.). Outras iniciativas podem ser vistas ao longo de toda a década de 1990, e nos últimos anos, como a titulação de projetos de prevenção de HIV/aids, com nomes de espécies da biodiversidade do Cerrado pelo grupo Ipê-Rosa em Goiânia, e a campanha, *Salve o Cerrado*, encabeçada pelo Comando da Parada do Orgulho Homossexual de Belo Horizonte em 2004. Este comando usou em seus materiais publicitários – flyer, camiseta e banners – a frase *Salve o Cerrado* em letras verdes (FIGURA 1). Enfim, com algumas reflexões sobre o Cerrado, outras sobre o movimento ambientalista, além de narrativas de ativistas gays, lésbicas e transgêneros; publiquei um pôster institucional do CELLOS/MG intitulado “Educação Ambiental voltada para a comunidade de gays, lésbicas, transgêneros e bissexuais de Belo Horizonte, Minas Gerais: Conservação do Cerrado como bandeira de luta da Parada do Orgulho” (REVBEA/REBEA, 2004, p. 69), que apresentei no V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental em junho de 2004.

Como ação de formação no campo da educação ambiental, citam-se materiais impressos e site do GGB. No site é possível acessar um documento intitulado *10 Verdades sobre a Homossexualidade*, em que o tópico 6 “*A Homossexualidade é Natural*” afirma:

consideramos politicamente correto afirmar que ela também é natural pois existe na natureza. Os animais também praticam o homossexualismo. Segundo a Zoologia, desde os percevejos, até as baleias, passando pelos veados e rolinhas, em

todo o reino animal, existem relações sexuais de macho com macho e de fêmea com fêmea. Portanto, dizer que o homossexualismo é anti-natural ou vai contra a natureza, é ignorância. Dizer também que os homossexuais ameaçam a sobrevivência da espécie humana é burrice, pois há evidências históricas e antropológicas comprovando que mesmo naquelas sociedades ultra favoráveis às práticas homossexuais, nem por isto tais povos sumiram do mapa: exemplo, os Etoros, nativos da Nova-Guiné, povo onde todos os adolescentes são obrigados a praticar o homoerotismo e nem por isto a reprodução da espécie ficou ameaçada (GGB, 2006).



FIGURA 1: Campanha “Salve o Cerrado” encabeçada pelo Comando da Parada do Orgulho Homossexual de Belô em 2004.

Na atualidade, em função da década da sustentabilidade nomeada pela Organização das Nações Unidas (ONU), foi criada a Aliança Homo-Les-Bi-Trans pelo Meio Ambiente (GAY-A), que se configura como uma aliança de ativistas homossexuais, lésbicas, bissexuais e transgêneros, além de parceiros que interpelados pela crise ambiental por um lado, e exclusão dos homossexuais por outro, decidem construir uma ferramenta de informação, mobilização e problematização acerca de outra sociedade possível. Como primeira ação nacional desta aliança, cita-se a Campanha Gay-a Paradas 2006, que estimulou os organizadores de paradas a aderirem a uma (re)configuração do selo difundido no jornal Lampião da Esquina (FIGURA 2), nomeado agora como Selo Lampião, com o diferencial que, em vez de dizerem “Salvemos a Amazônia”, como originalmente encontramos no jornal Lampião da Esquina, os selos forjados por Gay-A mencionam os seis biomas brasileiros: pampa, cerrado, amazônia, caatinga, mata atlântica e pantanal.



FIGURA 2: Selo Lampião, reconfigurado por Gay-A. Este selo, em preto e branco era veiculado nas edições do jornal Lampião da Esquina no final dos anos 1970.

Mesmo com efetivas ações de educação ambiental, e tentativas de aproximação com o movimento ambientalista, ambos os espaços de socioambientalismo se mostram relutantes a assumirem compromissos mútuos, resgatando a história de ambos os movimentos; como é o caso de homossexuais que frequentemente afirmam que o movimento homossexual não tem nada a ver com meio ambiente, ou ambientalistas que afirmam que sexualidade não é temática a ser abordada no campo da educação ambiental. Como exemplo deste último discurso, se pode citar discussão ocorrida na REBEA onde um integrante, ao perceber uma proposta de inclusão deste princípio no Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis (TEASS) enviou mensagem com o conteúdo:

Pessoalmente, não consigo ver o que sustentabilidade tem a ver com sexualidade. A primeira abarca questões muito amplas, desde sociais, biológicas, econômicas e tudo mais o que se sabe a respeito; a segunda tem a ver com opções pessoais e, portanto, individuais e intransmissíveis. Quanto a mim, existem problemas sociais muito mais importantes a resolver do que dissolvê-los com assuntos do foro íntimo de cada um – ou da sexualidade de cada um, como se quiser. [...] eu acredito que questões de sexualidade devem ser absolutamente omissas de qualquer projeto ou mesmo tratado ambiental ou de sustentabilidade (A. S., REBEA, 6 de fevereiro de 2006).

Não seria certo afirmar que, em ambos os , essa concepção exposta acima de movimento social é hegemônica, sendo que várias paradas assumiram o Selo Lampião no Brasil em 2006, e houve outra intervenção na lista virtual da REBEA:

O sócio-ambiental precisa contemplar o bem estar íntimo que representa o equilíbrio pessoal, tanto quanto precisa contemplar o bem estar da natureza, que representa o equilíbrio do meio-ambiente. Está na constituição que todos têm direito a um meio-ambiente equilibrado, mas não há o reconhecimento desse direito e nem é concedido espaço suficiente para a prática. (S. N., REBEA, 6 de

fevereiro de 2006).

Lembro que fui eu o proponente da referida inclusão no TEASS, sendo que a proposta afirmava: “a Educação Ambiental afirma os Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos como Direitos Humanos; o Direito à Informação sobre temas da Sexualidade; além de entender que o exercício de uma sexualidade segura e livremente consentida, é parte do desenvolvimento de indivíduos sadios no seio de uma comunidade saudável”. Esta proposta foi construída, principalmente, pela interpelação que tive na cadeira de Filosofia da Educação Ambiental ministrada pelo professor Sírio Lopez Velasco. Para concluir essa pequena narrativa, afirmo que o mais expressivo jornal da história homossexual brasileira, iniciou um trabalho de exercício de educação ambiental junto à população homossexual que, mesmo sob a repressão da Ditadura Militar no estado brasileiro, em sua época de circulação, se manteve com circulação nacional durante quatro expressivos anos. Assim, podemos entender o jornal *Lampião da Esquina*, como uma ferramenta importante na difusão do socioambientalismo nos primórdios do movimento ambientalista brasileiro.

A Educação Ambiental é entendida, então, como uma área do conhecimento que não possui “amarras” científicas da produção epistemológica fabricada na academia (GOMES, 2004), e é interpretada como “o caminho para se dar voz às diferenças, respeitosa e tolerantemente, e ampliar o diálogo para todos” (VEIGA-NETO, 1994, p. 143). Além disso, a importância em se constituir a educação ambiental como uma área do conhecimento, surge com a nomeação de uma crise ambiental, e é em Guattari (1990), que entendemos esta pesquisa como imersa neste campo, já que salienta a ocorrência da deteriorização das relações da humanidade, tanto com o *socius*, como com a *psique* e com a natureza. Assim, entendo que esta pesquisa, que busca narrar a produção da identidade ativista homossexual, problematiza aspectos importantes do campo da educação ambiental, uma vez que concebe a realidade como construída discursivamente, e demarca as identidades em uma visão não-essencialista.

Em novembro de 2004, quando participava do processo seletivo para o PPGA, optei por “unir o útil ao agradável” e apresentar tanto o resumo, que havia publicado na REVBEA, quanto um resumo inédito, intitulado “Construção de uma alternativa de luta para a juventude homossexual” (FERNANDES; FONSECA; SILVA, 2004) no I Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, organizado pelo Grupo de Pesquisas Sexualidade e Escola (GESE), da Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Quando ingressei no PPGA, me integrei ao GESE, e permaneci neste grupo durante todo o período de realização da pesquisa. Lá tive a oportunidade de ser interpelado por diversos textos dos Estudos Culturais em suas vertentes pós-estruturalistas, que possibilitaram um referencial teórico para a construção desta pesquisa. Além disso, o diálogo com a orientadora, com os colegas do grupo, os estudos coletivos, possibilitaram construir um projeto que se constituiu na pesquisa que se segue. As disciplinas do mestrado auxiliaram-me a pensar nas

interlocações entre o movimento homossexual e o movimento ambientalista, além de me apresentarem diferentes correntes teóricas da ciência. Foram de grande valia na constituição desta pesquisa, uma vez que apresentaram métodos, paradigmas, correntes...

Outro acontecimento importante durante o curso de mestrado, foi a possibilidade de participação como ouvinte na disciplina “Homens: pensar a homossexualidade para entender a heterossexualidade” ministrada pelos professores Dr. Fernando Seffner e Dr. Roger Raupp Rios, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). As maiores contribuições que penso ter tido nestas aulas, para a construção desta dissertação foram: a organização de leituras sobre os temas que concernem a esta dissertação, e problematizar o meu próprio discurso antes muito centrado nas instituições como a “família”, e nas ações do movimento como a “adoção”, a “paternidade”, o “patrimônio”, etc. Conjurando estas experiências vividas na academia gaúcha posso afirmar uma virada no entendimento de alguns termos que irão aparecer ao longo desta dissertação como sexo, gênero e sexualidade:

'Sexo' será usado [...] como um termo descritivo para as diferenças anatômicas básicas, internas e externas ao corpo, que vemos como diferenciando homens e mulheres. Embora essas distinções anatômicas sejam geralmente dadas no nascimento, os significados a elas associados são altamente históricos e sociais. Para descrever a diferenciação 'social' entre homens e mulheres, usarei o termo 'gênero'. Usarei o termo 'sexualidade' como uma descrição geral para uma série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas (WEEKS, 2001, p. 43).

Assim, imerso nesta perspectiva e em mãos com os textos que me interpelaram, busquei contar, não a história linear da produção da identidade ativista homossexual, mas sim, “uma história que se preocupa em descrever e compreender a gênese, enquanto proveniência e emergência – seja de um conceito, de uma prática, de uma idéia –, e não propriamente em encontrar uma origem fundacional, um suposto ponto inicial de tal conceito, prática ou idéia” (VEIGA-NETO; FISHER, 2004, p. 22-23), levando em conta, portanto:

o modo construcionista de lidar com a realidade – que relativiza o poder de verdade [...] [e] atentam para os processos em que se dá a produção e a circulação de discursos, destacando como esses discursos se instituem em – e, ao mesmo tempo, instituem os – embates que implicam a produção de significados para as 'coisas' que a eles dizem respeito (WORTMANN; VEIGA-NETO, 2001, p. 100).

Dois termos também aparecem como elementos centrais nesta pesquisa, para demarcarem a identidade à qual me propus a estudar: ativista e militante. Recorri ao dicionário para problematizar estes termos levando em conta que as terminologias “ativista”, “militante” e “ativismo”, e o verbo “militar”, nos remetem a significados diferentes. Em alguns momentos nesta dissertação (em especial nas narrativas dos colaboradores da pesquisa) os termos emergem como sinônimos. Em Bueno (1983) encontramos que militante é aquele indivíduo “que milita; que funciona; que está em exercício” (p. 730), o verbo militar seria então “combater; seguir a carreira das armas; ser membro

de um partido” (p. 730). Já o ativista “diz-se de, ou pessoa partidária do ativismo” (p. 146), sendo o ativismo então um “sistema de ética em que o ato constitui o valor principal” (p. 146). É de posse destas referências oriundas do dicionário, que se optou prioritariamente pelo uso do termo ativista para designar a experiência dos sujeitos abordados nesta pesquisa integrantes do movimento homossexual. Militante é uma terminologia usada no momento de descrição de identidades partidárias.

Ao narrar a construção desta dissertação, produzi cinco capítulos. No capítulo “**Dialogando com a Teoria**”, busco apresentar algumas considerações sobre os textos que me interpelaram no momento de descrição desta pesquisa. Início o capítulo, situando a pesquisa no campo dos Estudos Culturais, nas suas vertentes pós-estruturalistas. Apresento dois tópicos: **Situando o Estudo e Situando a Metodologia**. No primeiro tópico, apresento alguns entendimentos sobre o poder, a constituição de uma sociedade disciplinar, com suas disciplinas e biopolíticas que atuam, assim, sobre o indivíduo e a população. Além disso, abordo a confissão como uma técnica difundida na sociedade disciplinar. Também discuto o entendimento de identidade abordado nessa pesquisa, que não é visto como uma essência, mas sim, abordando o sujeito como constituído por múltiplas identidades. No segundo tópico apresento o caminho metodológico percorrido, delimitando esta pesquisa como uma Investigação Narrativa, discutindo as narrativas dos ativistas homossexuais como formações discursivas através das quais, os significados vão sendo produzidos.

No capítulo “**(Re)visitando a História do Movimento Homossexual Brasileiro**”, início apresentando o corpo homossexual como um corpo investido de saber científico, principalmente médico. Delimito alguns acontecimentos que marcaram o movimento homossexual em nosso país; como a (re)significação de terminologias utilizadas na classificação dos indivíduos que se relacionam afetivo-sexualmente com aqueles do mesmo sexo, a Revolução de Stonewall, como embate político emblemático para o movimento, a ditadura militar, como período de emergência do movimento homossexual, a década de 1980 com a aids e os debates sobre a homossexualidade na constituição de 1988, a década de 1990 com a diversificação do sujeito ativista. Esta história foi possível, com o auxílio de trabalhos científicos imersos no campo dos Estudos Gays e Lésbicos. Além disso, o capítulo buscou narrar alguns movimentos que possibilitaram a organização do CELLOS/MG, fundamentando esta narrativa, principalmente, nas minhas recordações sobre o período.

No capítulo “**Retratos de Vidas: Rick, Lucas, Vicente, Edivan...**”, faço uma apresentação dos quatro colaboradores que se prontificaram a produzir os dados narrativos para esta pesquisa. Narro algumas histórias sobre como foram objetivados e subjetivados, finalizando cada apresentação com o trecho de uma música de estilo MPB, escolhida segundo meu conhecimento pessoal do colaborador.

Já no capítulo “**A Produção da Identidade Ativista Homossexual**”, apresento as análises referentes à produção da identidade ativista homossexual. Discuto o “perceber-se” homossexual, o “assumir-se”, os marcadores identitários (e atitudes esperadas) da identidade ativista homossexual, a “formação” de novos ativistas, como uma prática que constitui sujeitos no grupo, a manutenção do movimento homossexual, narrada como possível a partir desta formação, a vontade de transformação social... Finalizo o capítulo, então, com uma pequena discussão sobre ética e amizade, como proposta para o movimento homossexual, discussão esta que emerge nas análises, mas que não são aprofundadas na pesquisa.

No último capítulo, **Considerações Finais** retomo as análises, e teço algumas considerações acerca da produção da identidade ativista homossexual, tais como: as inscrições que vêm demarcando a identidade ativista no CELLOS/MG, destacando também, o “perceber-se”, o “assumir-se”, e as marcas inscritas nos corpos dos ativistas.

[1] Ver mais sobre o termo pelego no capítulo “Retratos de Vidas: Rick, Lucas, Vicente, Edivan...”.



DIALOGANDO COM A TEORIA

DIALOGANDO COM A TEORIA

Trilhar os caminhos desta pesquisa, tanto teórico, quanto metodologicamente, foi um desafio. Um desafio para um biólogo, constituído em uma área do conhecimento positivista, cujo conhecimento “procura eliminar os julgamentos morais e os critérios estéticos dos processos de transformação que ajudam a por em movimento e dos quais faz a análise e a interpretação” (GIDDENS, 2002, p. 145). Assim, nesta dissertação, busquei romper com esta visão positivista da ciência, descrevendo a pesquisa segundo outros pressupostos, principalmente aqueles vinculados aos Estudos Culturais delineando-se como:

um novo agente epistêmico, não isolado do mundo, mas inserido no coração dele; não isento e imparcial, mas subjetivo e afirmando sua particularidade. Ao contrário do desligamento do cientista em relação ao seu objeto de conhecimento, o que permitiria produzir um conhecimento neutro, livre de interferências subjetivas, clama-se pelo envolvimento do sujeito com seu objeto. Busca-se uma nova idéia de produção do conhecimento: não o cientista isolado em seu gabinete, testando seu método acabado na realidade empírica, livre das emoções desviantes do contato social, mas um processo de conhecimento construído por indivíduos em interação, em diálogo crítico, contrastando seus diferentes pontos de vista, alterando suas observações, teorias e hipóteses, sem um método pronto. Reafirma-se que o caminho se constrói caminhando e interagindo (RAGO, 1998, p.32-33).

Nesta pesquisa, abriu-se uma “nova” trilha, diferente daquela percorrida na graduação. A possibilidade de pensar esta pesquisa, segundo outras formas de abordagem teórica, surgiu no mestrado com o contato com textos de Michel Foucault^[2], Stuart Hall, Tomaz Tadeu da Silva, dentre outros “desconhecidos”; até então, dentro da minha formação. A participação no Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola (GESE) na Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG), interpelou-me com uma variedade de bibliografias e discussões imersas no campo dos Estudos Culturais, principalmente em suas vertentes pós-estruturalistas, e de algumas contribuições do pensador Michel Foucault.

O campo dos Estudos Culturais emerge na Inglaterra, e na atualidade se tornou um fenômeno internacional (COSTA, 2000). Este campo se constitui a partir da compilação de “saberes nômades, que migram de uma disciplina [acadêmica] para outra, de uma cultura para outra, que percorrem países, grupos, práticas, tradições, e que não são capturados pelas cartografias consagradas que têm ordenado à produção do pensamento humano” (id., p.13). Este campo pressupõe como tarefa para o pesquisador, “abstrair, descrever e reconstituir, em estudos concretos, as formas através das quais os seres humanos 'vivem', tornam-se conscientes e se sustentam subjetivamente” (JOHNSON, 2006, p. 29). Uma das características que delimitam a atuação dos Estudos Culturais, é o fato de ser um campo de conhecimentos e de ativismo, capaz de articular as disciplinas tradicionais, atenuando suas fronteiras, sendo portanto, um campo avesso ao reducionismo epistemológico (VEIGA-NETO, 2000); muitas vezes, verificado em uma prática

acadêmica positivista. Um dos pressupostos que nos pode situar no campo dos Estudos Culturais, é o “compromisso de examinar práticas e representações culturais do ponto de vista de seu envolvimento com, e no interior de, relações de poder” (SANTOS, 2000, p. 234). Assim, “os Estudos Culturais estão necessariamente implicados em relações de poder [...], [e] podem estar envolvidos na vigilância da subjetividade dos grupos subordinados ou nas lutas para representá-los mais adequadamente. [...] Eles podem ser parte do problema ou parte da solução” (JOHNSON, 2006, p. 52). Outro pressuposto possível de delimitação de uma pesquisa no campo dos Estudos Culturais, é pontuar o entendimento de cultura; sendo esta visão, como o conjunto de todas as práticas culturais, sem distinção de alta e baixa cultura, e pelo partilhar de determinados “códigos”, que dão sentido às coisas do mundo (SANTOS, 2000).

Como dito, os textos que me interpelaram no momento de construção desta pesquisa, também se posicionam nas vertentes pós-estruturalistas dos Estudos Culturais. Este termo – pós-estruturalismo – pode ser entendido como um:

termo abrangente, cunhado para nomear uma série de análises e teorias que ampliam e, ao mesmo tempo, modificam certos pressupostos e procedimentos da análise estruturalista. Particularmente, a teorização mantém a ênfase estruturalista nos processos lingüísticos e discursivos, mas também desloca a preocupação estruturalista com estruturas e processos fixos e rígidos de significação. Para a teorização pós-estruturalista, o processo de significação é incerto, indeterminado e instável. De uma outra perspectiva, o pós-estruturalismo apresenta-se também como uma reação tanto à fenomenologia quanto à dialética (SILVA, 2000a, p. 92-93).

Nesta perspectiva, em Woodward (2000), encontramos que, “os sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos, e aquilo no qual podemos nos tornar” (p. 17), um dos pressupostos em que os teóricos que desenvolvem suas pesquisas nas vertentes pós-estruturalistas têm-se situado. Nesse caminho, a pesquisa narrada nesta dissertação, vem do encontro do pesquisador com estes múltiplos (e localizados) olhares. Assim, busco aqui, relatar em parte esse “terreno baixo”, que é a constituição das identidades ativistas homossexuais, contando a história da constituição de quatro pessoas que dividem parte de suas vidas dedicando-se ao movimento homossexual. Enfim, pretendo apresentar como estas posições-de-sujeito ativistas homossexuais, puderam se formar a partir das histórias de vida narradas pelos colaboradores da pesquisa.

Este estudo se enquadra no campo das pesquisas que tratam da constituição de sujeitos, ou seja, se afasta da produção do conhecimento centrada em um sujeito fundante moderno, e passa a dissertar sobre a constituição dos sujeitos, abordando estes como invenções sócio-históricas. Estas pesquisas assumem que, “precisamos de histórias das formas de subjetividade nas quais nós possamos ver como as tendências são modificadas pelas outras determinações sociais, incluindo aquelas que estão em ação através das necessidades materiais” (JOHNSON, 2006, p. 30). Para tanto, utilizarei algumas ferramentas, que constituíram a problematização de Foucault sobre o

sujeito, que me leva a pensar “a constituição histórica de um sujeito de conhecimento, através de um discurso tomado como um conjunto de estratégias, que fazem parte das práticas sociais” (2005b, p. 10-11).



SITUANDO O ESTUDO

Não me pergunte quem sou
e não me diga para permanecer o mesmo.

Michel Foucault (2005a, p. 20)

O alemão não 'é',
ele 'devém',
ele 'desenvolve-se'.

[...]

É inteligente para um povo 'fazer-se' profundo,
desajeitado, bondoso, honesto, pouco esperto.
Poderia até ser profundo!

Friedrich Nietzsche (2006, p. 166-167)

Esta prática acadêmica não constitui a essência “mesma” da ciência, tendo sido ela também uma invenção histórica de nosso tempo, que busca tratar dos problemas do presente. Sendo assim, diferentemente da ciência tradicional, essa “ciência, a sujeição ao verdadeiro, a obrigação de verdade, os procedimentos ritualizados para produzi-la, [que] há milênios vêm atravessando completamente toda a sociedade ocidental e, agora se universalizaram para se tornarem a lei geral de toda a civilização”, diz Foucault (1978, p. 10).

Uma das premissas nas pesquisas pós-estruturalistas, é a abordagem das relações de poder. O poder, no pensamento foucaultiano, não é entendido em sua visão hegemônica, como algo que se detém; mas algo que se exerce em uma malha estendida ao longo de pontos singulares (nós) na sociedade. Neste sentido, o poder pode ser entendido como “uma relação de forças” (DELEUZE, 2004, p. 78), e não como uma forma, como é o caso da instituição estatal. Para Foucault, o poder é definido como “um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado” (1979, p. 248), e deve ser compreendido como:

a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemônias sociais (FOUCAULT, 1988, p. 88-89).

Com o uso de uma figura arquitetural nomeada Panóptico, Foucault (1987) narra a constituição do que nomeou uma sociedade disciplinar. Este que lhes escreve neste momento, é constituído nesta sociedade disciplinar. Tanto o capitalismo, quanto o socialismo, foram constituídos nessa sociedade disciplinar. Michel Foucault foi constituído na sociedade disciplinar. Temos, então, o cárcere como uma espécie de laboratório, que inventa estratégias disciplinares de investimento nos corpos dos indivíduos, e utilizados pelas mais variadas instituições; como o hospital, a escola e o hospício. Como diz Foucault (1987), sobre o panoptismo, “ele programa, ao nível de um mecanismo elementar e facilmente transferível, o funcionamento de base de uma sociedade toda atravessada e penetrada por mecanismos disciplinares” (p. 172) a qual, faz com que, “uma sujeição real nasce mecanicamente de uma relação fictícia” (p. 167), em nossa sociedade disciplinar. É neste contexto de investimento nos corpos, que Foucault, em outra pesquisa, aborda a constituição de bio-políticas da população, ou seja, “uma série de intervenções e controles reguladores” (1988, p. 131), sendo então, que “as disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida” (id., *ibid.*).

A constituição de uma sociedade disciplinar e das bio-políticas, não é um fato em si, pensado conscientemente por um sujeito fundante, como as ciências tradicionais – como o marxismo – poderiam nos levar a crer. É uma articulação – e invenção – de diversas instituições e práticas discursivas, que constituem sujeitos e indivíduos singulares. É a prática de adestramento de uma estrutura inventada: o corpo. Este, entendido em Foucault (1979), não apenas como uma materialidade biológica, mas sim, como uma “superfície de inscrição dos acontecimentos[3] (enquanto que a linguagem os marca e as idéias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização” (p. 22). Segundo Foucault, “houve durante a época clássica, uma descoberta do corpo como objeto e alvo de poder. Encontraríamos, facilmente, sinais dessa grande atenção dedicada então ao corpo – ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam” (1987, p. 117). Este híbrido biológico-cultural – o corpo – é então investido de conhecimento, objeto de análise. Na atualidade, podemos dizer que “não há corpo que não seja, desde sempre, dito e feito na cultura” (LOURO, 2004, p.81).

Surge a preocupação com a arquitetura própria, para a constituição do que Foucault chama “corpos dóceis e úteis”. Uma série de mecanismos são investidos para o controle dos corpos e, nomeadas assim, disciplinas. Estas são base de sustentação de uma sociedade disciplinar, em que estes métodos de controle dos corpos, passam a constituir a fórmula geral de dominação em nossas sociedades ocidentais. Diz Foucault que, “a primeira das grandes operações da disciplina é então a

constituição de 'quadros vivos' que transformam as multidões confusas, inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas” (1987, p. 126-127).

Uma das técnicas utilizadas anteriormente à constituição da sociedade disciplinar, e que se disseminou nas mais variadas instituições sociais, é a da confissão. Esta técnica foi desenvolvida pelo cristianismo, e “exportada” para instituições outras. Afirma Foucault (1988) que, “a confissão passou a ser, no Ocidente, uma das técnicas mais altamente valorizada para produzir a verdade” (p. 59), constituindo nossa sociedade como “singularmente confessada”. Segundo o autor, confessamos nossos crimes, nossos desejos, nossos pensamentos, nosso passado, nossos sonhos, nossa infância, nossas doenças... Tanto em público, como em particular. A título de ilustração, também esta pesquisa exercita o poder no sentido de estabelecer uma relação de confissão, na medida em que, a produção dos dados narrativos, é encaminhada através da confissão direcionada dos colaboradores pela autorizada identidade do pesquisador. Para Spargo:

a partir de la confesión cristiana, pasando por las prácticas médicas, judiciales y familiares, hasta la ciencia contemporánea del psicoanálisis, es posible trazar la historia de hombres y mujeres, de jóvenes de ambos sexos que escutaron sus deseos, emociones y pensamientos pasados y presentes y los comunicaron a otro (SPARGO, 2004, p. 25).

Para Butler (2002), “discursos na verdade, habitam corpos. Eles se acomodam em corpos; os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue” (p. 163). Com a instituição da confissão, os corpos passam a falar de si e de sua experiência. Com essa “falação” instituem-se normas, inventam-se técnicas e arquiteturas, constituem-se sujeitos: criam-se realidades. Com toda a produção discursiva que “explode” no período da nossa sociedade disciplinar, Foucault afirma que:

teria então chegado o momento de considerar esses fatos do discurso, não mais simplesmente sob seu aspecto lingüístico, mas, de certa forma [...] como jogos ('games'), jogos estratégicos, de ação e de reação, de pergunta e de resposta, de dominação e de esquivia, como também de luta. O discurso é esse conjunto regular de fatos lingüísticos em determinado nível, e polêmicos e estratégicos em outro (2005b, p. 9).

Nesse sentido, podemos afirmar que, “o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua” (FOUCAULT, 2005a, p. 54). O discurso possui então uma “ordem”, é sujeito a regras de funcionamento comuns em um tempo determinado. Assim, em um período particular, o discurso possui “uma função normativa e reguladora, e coloca em funcionamento mecanismos de organização do real por meio da produção de saberes, de estratégias e de práticas” (REVEL, 2005, p. 37). Como abordarei mais enfaticamente no capítulo “Retratos de Vidas: Rick, Lucas, Vicente, Edivan...”, o sujeito não é assumido como a sede de uma racionalidade original, não figura como o autor consciente, o que faz com que entendamos a língua como:

um sistema social e não um sistema individual. Ela preexiste a nós. Não podemos, em qualquer sentido simples, ser seus autores. Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais (HALL, 2005, p. 40).

Também Foucault traz contribuições nesse sentido, abordadas em Fonseca (1995):

as diversas modalidades de enunciação não estariam relacionadas à unidade de um sujeito, quer se considere o sujeito tomado como pura instância fundadora de racionalidade, quer seja considerado como função empírica de síntese. Os diversos tipos de enunciação não remeteriam assim, à função unificante de um sujeito, mas antes, manifestariam sua dispersão. Seja dispersão nos diferentes 'status' que recebe, seja nos lugares ou nas diversas posições que ocupa quando exerce um discurso, seja ainda na descontinuidade dos planos de onde fala (p. 15).

Então, o conhecimento e a compreensão do mundo social, estão necessariamente vinculados à forma com que nomeamos este mundo, ou seja, a própria nomeação produz, constitui e forma a realidade (SILVA, 1994). Portanto, as formações discursivas e a história da constituição dos sujeitos apresentados nesta pesquisa, não remetem aos seus nomes como sede de uma racionalidade livre. É, inclusive, neste sentido que se optou pela constituição de um personagem (através de um pseudônimo) que assine as narrativas, e não os nomes verdadeiros dos colaboradores. Acredito que é também neste sentido, que Foucault diz, sobre as análises que se ligam ao campo discursivo:

trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui (2005a, p. 31).

É também ainda nesse sentido, que as análises que compõem esta pesquisa buscam problematizar a rede de enunciados dos ativistas homossexuais, delimitando algumas formações discursivas, buscando problematizar as relações de poder envolvidas na constituição dessas identidades. Como a discussão sobre identidade e diferença é importante neste estudo, penso que seria necessário apresentar alguns pressupostos que vêm constituindo esta discussão.

Os indivíduos são interpelados por uma gama variada de discursos, que os constituem indivíduos singulares, e possibilitam identificações que os constituem sujeitos. Segundo Fonseca (1995), “inexistindo o sujeito enquanto essência perene, coloca-se com intensidade o problema de sua constituição” (p. 18). Sendo o sujeito um termo que “serviria para designar o indivíduo preso a uma identidade, que reconhece como sua, assim constituído a partir dos processos de subjetivação. Estes processos, justapostos aos processos de objetivação, explicitam por completo a identidade do indivíduo moderno: objeto dócil-e-útil e sujeito” (p. 26).

O pesquisador Stuart Hall afirma que, “o sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas” (2005, p. 12). Esta nova

realidade, coloca na arena política, uma série de identificações não conhecidas no início do século XX e que, a partir da década de 1970, se posicionam frente à sociedade, configurando uma política de identidades; sendo estas políticas entendidas como um conjunto de estratégias de que se apropriam os indivíduos e grupos, para efetivamente existirem no nível social, para contarem suas histórias e imporem sua versão de si (SEFFNER, 2003). O nascimento desta política de identidade é também descrito por Hall (2005), afirmando que:

cada movimento apelava para a 'identidade' social de seus sustentadores. Assim, o feminismo apelava às mulheres, a política sexual aos gays e lésbicas, as lutas raciais aos negros, o movimento antibelicista aos pacifistas, e assim por diante. Isso constitui o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como 'política de identidade' – uma identidade para cada movimento (p. 45).

A política identitária, a partir do momento que funciona na arena política, possibilita desenhos de outras formas de identificação. Não o sujeito da década de 1970, que cometia seus delitos invadindo princípios da emergente sociedade brasileira, mas o sujeito “discursivo” inferiorizado nas oposições binárias: o homossexual, o negro, o deficiente... Passa-se a constituir auto-representações “marginais” fundadas nestas diversas identidades. Conjunturalmente no mundo, com a constituição do fenômeno globalizante^[4], essas diferenças “postuladas pelo eu” (identidades), passam a ser “atenuadas ou desculpadas, ou, pelo contrário, ressaltadas e tornadas mais claras” (BAUMAN, 2005, p. 19). Instituiu-se uma descentração dos sujeitos^[5], ou nas palavras de Hall, um “duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural, quanto de si mesmos” (2005, p. 9). Esta é a conjuntura em que atua o movimento homossexual, assim como o movimento feminista, o movimento negro, e o movimento ambientalista. Para Woodward (2000):

as identidades em conflito estão localizadas no interior de mudanças sociais, políticas e econômicas, mudanças para as quais elas contribuem. [...] Nos anos 70 e 80, a luta política era descrita e teorizada em termos de ideologias em conflito, ela se caracteriza agora, mais provavelmente, pela competição e pelo conflito entre as diferentes identidades (p. 25). Uma das principais contribuições da política da identidade tem sido a de construir uma política da diferença que subverte a estabilidade das categorias biológicas e a construção de oposições binárias (p. 37).

A diferença, enquanto política, emerge nos últimos trinta anos, tumultuando a arena política, e desestabilizando as formas “tradicionais” assumidas nos movimentos sociais. O esquadramento do corpo social, possibilitado pela emergência da política de identidade complexifica as relações sociais. Segundo Silva (2000), tanto a identidade, como a diferença, “são o resultado de atos de criação linguística” (p. 76), portanto, criações sócio-culturais, e não devem ser entendidas em separado. Também o autor afirma que a definição da identidade “discursiva e lingüística – está sujeita a vetores de força, a relações de poder” (p.81). É tarefa do pesquisador que assume esta concepção de identidade, trabalhar as formações discursivas que classificam em

oposições binárias os sujeitos identificados, já que:

a afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes (id., ibid.).

É neste caminho que a identidade não é concebida em sua visão essencialista, em que “existe um conjunto cristalino, autêntico, de características que todos [...] [os identificados] partilham e que não se altera ao longo do tempo” (WOODWARD, 2000, p. 12), mas sim em sua perspectiva pós-estruturalista, que as considera flutuantes, cambiantes, contingentes e necessitadas de constante (re)invenção. Para Bauman (2005) “no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam” (p. 33) ou, ao menos, se encontram em uma luta de afirmação com suas (re)elaborações constantes.

Nesta pesquisa, os processos de identificação são assumidos, então, como:

o ponto de encontro, o ponto de 'sutura', entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos 'interpelar', nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode 'falar' (HALL, 2000, p. 111-112).

Assim, abordo a identidade ativista homossexual, não como uma essência do indivíduo, ou a possibilidade que o indivíduo singular adquiriu com sua “conscientização”, mas como um marcador identitário entendido como “pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (HALL apud HALL, 2000, p. 112).



SITUANDO A METODOLOGIA

Por maior que seja a minha sede de conhecimento,
não posso retirar das coisas mais do que aquilo que já me pertence;
o que é dos outros, continua nelas.
Como um homem pode roubar ou assaltar!

Friedrich Nietzsche (2005, p. 138)

Não há nenhuma razão para que um homem
seja obrigado a expor sua vida para o mundo –
pois o mundo não é capaz de entender certas coisas.
Mas com pessoas cujo afeto desejamos manter, é diferente.

Oscar Wilde (2006, p. 133)

Pensados os objetivos desta pesquisa, que tem como tarefa narrar a construção da identidade

ativista no movimento homossexual, pensados alguns autores[6] que poderiam fundamentar esta pesquisa, começamos a pensar a metodologia. Algumas perguntas orientaram os primeiros passos de sua construção. Uma delas: como contar a história da constituição dos ativistas homossexuais? Outra: como tentar configurar esta pesquisa como uma pesquisa que conte uma história coletiva? E outra: como construir uma dissertação capaz de cortar[7]? Nesse sentido, optou-se então pela Investigação Narrativa.

Para Larrosa (2004) este campo de investigação e, em particular, os estudos sobre autobiografias ou sobre histórias pessoais, é “muy fecundo y muy vivo, atravesado por discusiones sobre cuestiones teóricas, metodológicas, éticas, políticas y culturales. Se trata también de un campo muy creativo y de gran riqueza interdisciplinar” (p. 11-12). Em Connelly e Clandinin (1995), encontramos que, “el estudio de la narrativa, por lo tanto, es el estudio de la forma en que los seres humanos experimentamos el mundo” (p. 11). Desta forma, os pressupostos da Investigação Narrativa em Larrosa (1994, 1996, 2004) e Connelly e Clandinin (1995), possibilitaram a constituição de uma trilha possível na construção desta pesquisa. Foram também importantes as contribuições do pesquisador Michel Foucault.

A Investigação Narrativa é uma forma de narrativa empírica, em que os dados empíricos são centrais para o trabalho. Mesmo que cada investigador deva buscar critérios que melhor se adequem à sua proposta, alguns critérios como; clareza, seletividade, familiaridade e verossimilhança, podem compor um universo de critérios possíveis para este tipo de investigação (CONNELLY e CLANDININ, 1995). Assim, a pesquisa consiste no aprendizado do pesquisador a contar e viver novas histórias coletivas.

Nesta investigação, o movimento homossexual é considerado uma unidade[8] totalmente formada, sendo o ativista homossexual contemporâneo, assumido como diferente daquele do final da década de 1970 no Brasil. Para o caminho metodológico, seguiu-se Foucault (2005a), quando afirma que, “tenta-se ficar no nível do próprio discurso” (p. 54), no caso, os discursos proferidos pelos ativistas homossexuais nesta pesquisa. Busquei no conceito de “tempo do discurso” (CONNELLY e CLANDININ, 1995, p. 33), uma alternativa para a metodologia que se construiu, visto que este conceito prediz a assunção dos eventos, assim como são contados em uma narrativa.

Segundo Larrosa “contar uma história é enumerar, ordenar os rastros que conservam o que se viu” (1994, p. 68-69), e é neste sentido, que “todos esses grupamentos de enunciados que devemos descrever, não são a expressão de uma visão de mundo que teria sido cunhada sob a forma de palavras, nem a tradução hipócrita de um interesse abrigado sob o pretexto de uma teoria” (FOUCAULT, 2005a, p. 76). Segundo Veiga-Neto e Fisher, “fazer a análise do discurso [no caso desta investigação narrativa], é multiplicar o próprio discurso. Trata-se de vê-lo em sua complexidade” (2004, p. 16). Utilizar os discursos em uma investigação narrativa, é trabalhar com a

análise do campo discursivo que, segundo Foucault:

é orientada de forma inteiramente diferente: trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui (2005a, p. 31).

Neste exercício auto-narrativo, encaminhado como método de produção de dados que se descreve agora, trabalhou-se, principalmente, estratégias de fazer os ativistas homossexuais falarem sobre suas experiências de si, sobre suas vidas, cunhando-se, assim, a história das vidas dos colaboradores da pesquisa. Tal método possibilitou, tanto descrever uma história possível das práticas que constituíram os ativistas homossexuais no interior do movimento homossexual, como inventar o ativista homossexual nessas práticas narrativas, já que a consciência de si próprio “é algo que vai fabricando e inventando, algo que se vai construindo e reconstruindo em operações de narração e com a narração” (LARROSA, 1996, p. 70-71). E é, neste sentido, que Johnson afirma que, “a subjetividade não é dada, mas produzida, constituindo, portanto, o objeto de análise e não sua premissa ou seu ponto de partida” (2006, p. 27).

Os colaboradores foram escolhidos segundo dois critérios fundamentais: (i) ser integrante do Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais (CELLOS/MG) e, (ii) reivindicar-se como um ativista homossexual. O pensamento de Foucault, auxiliou-me no entendimento da importância em se estudar a constituição dos ativistas homossexuais:

se quisermos realmente conhecer o conhecimento, saber o que ele é, apreendê-lo em sua raiz, em sua fabricação, devemos nos aproximar, não dos filósofos mas dos políticos, devemos compreender quais são as relações de luta e de poder. E é somente nessas relações de luta e de poder – na maneira como as coisas entre si, os homens entre si se odeiam, lutam, procuram dominar uns aos outros, relações de poder – que compreendemos em que consiste o conhecimento (2005b, p. 23).

Foram feitos três encontros com cada colaborador da pesquisa, todos individuais. Durante o primeiro encontro, foram-lhes apresentados os objetivos da pesquisa, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO 1). Além disso, como dito neste capítulo, os sujeitos escolhiam um pseudônimo que acompanharia suas narrativas neste relatório. Como em MacRae (1990) que, ao estudar o grupo Somos/SP, considerou possível que “uma parcela do público leitor conheça pessoalmente os indivíduos em questão, tornando assim, difícil até a adoção do tradicional estratagem de disfarçar identidades” (p. 44); pensou-se na mesma problemática. Assim, mesmo utilizando os pseudônimos, acredito na facilidade de alguns leitores que transitam no movimento homossexual, principalmente, o coletivo de entidades filiadas à Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros (ABGLT), em identificar os colaboradores da pesquisa. Segundo Foucault, “que importa quem fala? Nessa indiferença se afirma o princípio ético, talvez o mais fundamental, da escrita contemporânea” (FOUCAULT, 2001a, p. 264), visto que, inclusive, não busco me fixar

nas pessoas, mas sim no que o discurso proferido representa.

Cada entrevistado; *Rick*, *Lucas*, *Vicente* e *Edivan*; receberam um número de controle, segundo a ordem que foram abordados no primeiro encontro. Portanto, *Rick* foi nomeado como número 001, *Lucas* como 002, *Vicente* como 003 e *Edivan* como 004. Esta ordem acompanhará a apresentação destes sujeitos, bem como, os momentos em que as singularidades de cada um são expostas individualmente.

Uma questão que foi necessária na minha visão, foi a constituição de um primeiro momento na produção dos dados narrativos, que pudesse esquadrihar, no nível da auto-narração, as condições que possibilitaram aos colaboradores o recrutamento para a identidade ativista homossexual. Surgiu, então, o que nomeei “Minha linha do tempo...”. Essa atividade foi apresentada aos colaboradores neste primeiro encontro. Consistiu de uma folha A4, com cabeçalho contendo o nome da instituição de onde vinha o entrevistador, o nome da pesquisa e dos seus responsáveis. Além disso, uma linha curva caracterizava o lugar onde as etapas de sua vida deveriam ser escritas. Não houve nenhuma outra orientação dada pelo pesquisador aos colaboradores, durante a atividade. A atividade, “Minha linha do tempo...”, possibilitou a construção de uma narrativa individual de apresentação de cada um dos colaboradores. As etapas de vida relatadas pelos sujeitos na atividade “Minha linha do tempo...” possibilitaram a construção do capítulo “Retratos de Vidas: Rick, Lucas, Vicente, Edivan...” neste documento.

O roteiro de entrevista (ANEXO 2) foi estruturado com questões que possibilitassem aos colaboradores falarem sobre suas histórias como ativistas homossexuais. A maioria das perguntas elaboradas remetia à possibilidade de se construir, ao longo da produção dos dados narrativos, a constituição da identidade ativista nestes sujeitos homossexuais. Uma aposta. Uma aposta feita segundo o entendimento de alguns pressupostos metodológicos já na literatura. Um deles é que, “a compreensão da própria vida como uma história que se desdobra, assim como a compreensão da própria pessoa como o personagem central dessa história, é algo que se produz nesses constantes exercícios de narração no qual estamos implicados cotidianamente” (LARROSA, 1994, p. 69-70). Como em Ribeiro (2002), não considero que as narrativas que emergiram durante as atividades de produção dos dados, representam tudo o que os colaboradores tinham a dizer sobre suas vidas, e sobre a produção das identidades ativistas. As narrativas foram produzidas em um local específico, em um tempo específico. São narrativas historicamente localizadas, ou seja, em diferentes situações, outras possibilidades de narrativas ou modos de dizer as situações narradas emergiriam.

A primeira pergunta do roteiro de entrevistas remetia à infância, buscando auxiliar o entrevistado na evocação de memórias, e tranquilizá-lo no que diz respeito à continuidade da entrevista. Esta estratégia^[9] de fazer os ativistas homossexuais falarem sobre sua vivência na infância, contribuiu para o desencadear das narrativas, visto que, três dos quatro entrevistados nesta

primeira pergunta, não estabeleciam contato visual[10] com o entrevistador, o que passaram a estabelecer nas perguntas subsequentes. Neste sentido, evocar as memórias sobre a infância, antes de ingressar nas perguntas sobre a constituição da identidade ativista homossexual, possibilitou que estes se sentissem “tranqüilos” durante o restante da entrevista. Esta primeira apresentação do roteiro de entrevistas, de forma alguma, busca colocar a pergunta sobre a infância dos colaboradores, como mera estratégia de “quebrar o gelo”, visto que, estas narrativas, possibilitaram ao pesquisador construir uma história destes colaboradores, concepções sobre família, religião, vizinhança, entre outras. Foi, inclusive, a primeira pergunta, que possibilitou ao entrevistador que adentrasse nas histórias de vida narradas pelos colaboradores; sendo a que levou mais tempo para ser respondida, ou que possibilitou mais incursões[11] nas vidas dos colaboradores, em todas as entrevistas. O roteiro de entrevistas teve ao todo 12 questões, das quais, 11 faziam referência ao movimento homossexual, homossexualidade ou à constituição da identidade ativista. Cada original do roteiro de entrevista continha, colado através de fita adesiva, duas abas laterais, utilizadas para captar as reações verbais e não verbais de cada sujeito de pesquisa, durante a entrevista, bem como funcionar como espaço de anotações diversas. Estas abas laterais também foram de grande valia, quando anexadas às transcrições das entrevistas. As entrevistas foram transcritas literalmente (ANEXO 3).

As entrevistas foram organizadas para que propiciassem um espaço de discussão. Segundo Connelly e Clandinin, sobre as entrevistas como instrumento de produção de dados narrativos: “se realizan entrevistas entre los investigadores y los practicantes, se hacen las transcripciones, se preparan encuentros para facilitar las discusiones, y las entrevistas reescritas se convierten en parte del continuo registro de la investigación narrativa” (p. 25). Para tanto, utilizou-se de lugares privados – como a casa do entrevistado, no caso de *Edivan* e a casa do entrevistador, nos casos de *Vicente* e *Rick*, ambas em Belo Horizonte/MG, e um hotel fazenda em Teresópolis/RJ no caso de *Lucas* – que possibilitaram o silêncio e a calma necessários para pensarmos nas questões propostas. Pensei na constituição de uma arquitetura possível para a entrevista, tendo como objetivo dar o sentido de uma investigação aos espaços adotados. Assim, estes espaços se converteram em lugares investigativos. Duas cadeiras, uma em frente à outra. Uma jarra de água e dois copos. Uma mesa entre as duas cadeiras, onde foram colocados o gravador, o roteiro de entrevistas, lápis e apontador. “Um corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente” diz Foucault (1987, p. 130). Passo agora a narrar as singularidades de cada uma das entrevistas. Essa narrativa é importante visto que:

o indivíduo moderno, produto da disciplina, não é um elemento anônimo de uma massa amorfa, mas possui uma identidade da qual dependem as suas marcas mais profundas de utilidade e docilidade. Tais marcas são concretizadas a partir da particularização de cada indivíduo, realizada pela disciplina. É esta particularização que garante a docilidade e que permite a utilização do homem moderno. Isso porque a particularização é de todos e não exclusiva de alguns mais

importantes e especiais. Para a época da disciplina, todo indivíduo é singularizado. Este é seu 'status': ser possuidor de uma identidade. E esta é sua importância: tal identidade trazer a marca da utilidade e da docilidade (FONSECA, 1995, p. 78).

Dos quatro colaboradores, **Rick** foi aquele que se mostrou mais nervoso durante a entrevista. **Rick** usava uma série de pulseiras, as quais balançava e mexia nelas constantemente. Quando não mexia nas pulseiras, **Rick** cruzava os braços. O olhar de **Rick** estava sempre fixado no chão, sendo uma das características percebidas em **Rick** durante a entrevista este “olhar para baixo”. As pernas de **Rick** foram outro elemento, que puderam denotar nervosismo ou ansiedade frente à entrevista. Suas pernas tremiam muito, e ele não parava de mexê-las. A partir da oitava pergunta, **Rick** se mostrou mais tranquilo, e passou a ter contato visual com o entrevistador. Surgiu, neste momento, a gesticulação, que perdurou até o final. Suas pernas continuaram tremendo durante toda a entrevista.

Lucas se mostrou um homem calmo durante toda a entrevista, apesar de não estabelecer contato visual nos primeiros instantes da mesma. Uma das características em **Lucas** durante a entrevista, foi o artifício de gesticular para ilustrar os lugares que narrava. **Lucas** é também um homem que encontra no riso uma forma de lidar com os acontecimentos e situações de sua vida. Rimos muito juntos. Um problema diagnosticado durante a entrevista de **Lucas**, foi a mesa que rangia, que me desconcentrou em alguns momentos, não interferindo, no entanto, no encaminhamento da mesma.

Nunca mais usar uma cadeira giratória nas entrevistas que realizarei! Este foi um grande aprendizado metodológico que tive com **Vicente**. **Vicente** rodava e rodava na cadeira giratória. A própria transcrição de sua entrevista ficou difícil, com o som de sua voz mudando de volume constantemente. Apesar disso, **Vicente** se mostrou um homem muito centrado e calmo durante a entrevista. Suas pernas permaneciam cruzadas e, ao invés do “olhar para baixo” de **Rick**, **Vicente** olhava constantemente o seu anel. Pude perceber que **Vicente** não mantinha contato visual ao falar de suas questões pessoais – como infância, família etc. – e, todas as vezes que falava sobre questões do movimento homossexual – prostituição, divergências do grupo etc. – estabelecia contato visual com o entrevistador.

Edivan inicia sua entrevista afirmando que não gosta de falar de sua infância. Apesar disso, narra durante horas sua infância e adolescência. A entrevista de **Edivan** foi a mais longa de todas, visto que as outras três entrevistas duraram em torno de duas horas, ou pouco mais. **Edivan** narra sua trajetória de vida por três horas consecutivas. **Edivan** tem a capacidade de mostrar tamanha felicidade em contar “pequenas” coisas, situações cotidianas; como a aquisição de um carrinho da “Estrela” na infância, a conquista de um primeiro lugar no concurso de redação, e as memórias de seu primeiro namorado. Diferente dos outros entrevistados, **Edivan** manteve contato visual durante toda a entrevista, que fluiu sem interrupções, a não ser pequenas incursões que tive que fazer para manter os objetivos da pesquisa. **Edivan** narra os acontecimentos de sua vida nos mínimos detalhes,

ilustrando com as mãos e com o olhar cada experiência. Quando falou de sua primeira relação sexual, ele passava a mão em seu corpo, e era como se eu estivesse vivendo aquela experiência, como *voyer*. Neste sentido, **Edivan** ilustra cada momento de sua história de vida com as mãos, com gestos, com “caras e bocas”:

peguei uma campanha e uma premiação em comemoração ao dia do circo. Que é o dia 11 não sei de qual mês. E aí aconteceu que a professora de português pediu para a gente escrever uma redação. E a redação que ganhasse os dois primeiros lugares ganhavam uma passagem para ir ao Rio de Janeiro. E aí eu ganhei. Inclusive o T. que é professor de português me deu uma força, como que era. Falei sobre uma das mais antigas formas de diversão da humanidade que é o circo [risos]. Mas assim, foi legal porque foi uma das minhas primeiras vitórias enquanto ser humano, enquanto gay, enquanto negro. Foi vencer essa redação. E aí assim, entre 900 alunos eu ganhei. E foi um orgulho do caralho para o J. [irmão], e para mim, porque o J. era e é para mim como se fosse um pai. Então ele foi chamado para ir, eu tive que ler para a escola inteira, no microfone, nhenhenhenhe. Com o maior orgulho depois hasteei a bandeira nacional e tudo, só que as passagens a gente não foi para o Rio, a gente preferiu pegar o dinheiro [Edivan].

Foi durante a entrevista de **Edivan**, que pensei na possibilidade de filmar os encontros. Considero que esta ferramenta teria auxiliado sobremaneira na produção de dados narrativos.

As análises foram encaminhadas corroborando com a metodologia verificada em Ribeiro (2002), que trabalhou com professoras das séries dos anos iniciais:

a estratégia de análise consistiu em 'olhar', nas narrativas, e nos comentários das professoras, a rede de enunciados que foi emergindo no transcórrer desse encontro. Na medida em que as narrativas encontram-se implicadas com as práticas sociais e a rede de discursos em que se encontra inserida, no meu entender o curso funcionou como condição de possibilidade para o aparecimento de alguns elementos ligados à sexualidade (p. 96).

Para a construção do capítulo “A Produção da Identidade Ativista Homossexual”, as narrativas transcritas dos colaboradores, foram lidas e relidas, incessantemente. Com canetas marca-texto de diversas cores, as narrativas eram grifadas e, nas abas laterais de cada folha, anotadas as idéias principais daqueles enunciados nomeados como relevantes.

Segundo Dias (2002), optei por grifar o nome dos ativistas homossexuais, “visando clareza para o leitor, já que, em vários momentos da escrita, há um cruzamento das histórias. Assim também as citações da narrativa [...] [dos ativistas] foram escritas em itálico, diferenciando-se da citação dos autores teóricos” (p. 108). Além disso, alguns caminhos foram eleitos no tratamento das narrativas:

- toda pontuação de frases encontradas nas narrativas dos ativistas homossexuais, foi feita pelo pesquisador no momento da transcrição das fitas k7;
- foram usados apenas o ponto final e o ponto de interrogação, na transcrição das narrativas dos ativistas homossexuais;

- entre colchetes encontram-se elementos ausentes nas narrativas e que, por opção do autor, foram incluídos na narrativa para a clareza do leitor;
- nas transcrições foram incluídas numerações de linhas, que auxiliaram o pesquisador no momento de análise das narrativas;
- no final de cada documento de transcrição encontram-se as anotações feitas pelo pesquisador durante as entrevistas.

Concluindo, toda referência estética desta dissertação – organização dos capítulos, apresentação dos colaboradores, conclusão com trechos musicais etc. – foi encontrada em Dias (2002), o que auxiliou imensamente na descrição desta pesquisa.

[2] “Foucault puede considerarse un catalizador, un punto de partida, un ejemplo y un antecedente, pero también un permanente provocador, espíritu indômito que todavía promueve la producción de nuevas ideas”, diz Spargo (2004, p. 17).

[3] Também em Foucault (1979) o autor apresenta o que entende por acontecimento: “é preciso entender por acontecimento não uma decisão, um tratado, um reino ou uma batalha, mas uma revelação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada, massacrada” (p. 28).

[4] Zygmunt Bauman, segundo seu entrevistador, define a globalização como uma “‘grande transformação’ que afetou as estruturas estatais, as condições de trabalho, as relações entre os estados, a subjetividade coletiva, a produção cultural, a vida quotidiana e as relações entre o eu e o outro” (BAUMAN, 2005, p.11).

[5] Ver mais em Hall (2005): “um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito” (p. 9).

[6] “O autor, não [deve ser] entendido [...] como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência”, diz Foucault (2004, p. 26).

[7] Segundo Foucault (1979, p. 28): “o saber não é feito para compreender, ele é feito para cortar”.

[8] “A unidade de um discurso é feita pelo espaço onde diversos objetos se perfilam e continuamente se transformam” diz Foucault (2005a, p. 37).

[9] Seguindo Ribeiro (2002, p. 75), “utilizo estratégia num sentido foucaultiano, como um mecanismo de poder que têm como finalidade o controle da ação dos outros”.

[10] Por contato visual entendo a prática de manutenção do olhar do colaborador direcionado ao olhar do pesquisador.

[11] No dicionário, encontramos como significado para incursão “invasão temporária ao campo inimigo; correira hostil; invasão” (BUENO, 1983, p. 596). É no sentido de uma invasão temporária a história que estava sendo narrada que o termo incursão é entendido neste estudo. Uma invasão de

um pesquisador na história narrada de seu sujeito de pesquisa.



(RE)VISITANDO A HISTÓRIA DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL BRASILEIRO

(RE)VISITANDO A HISTÓRIA DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL BRASILEIRO

O corpo das pessoas que se relacionam afetivo-sexualmente com aquelas do mesmo sexo biológico, foi investido de conhecimento em vários períodos da história. Nos últimos séculos, compondo um grupo nomeado como fora da norma, por um dispositivo de sexualidade burguês em sua emergência, essas pessoas passam a ter coladas em si mesmas – e também inscrevem em si – as mais variadas nomeações como invertidos, uranistas, bichas, lésbicas, entendidos, homossexuais, dentre outras. No século XIX, o comportamento sexual com uma pessoa do mesmo sexo biológico, demarcava o praticante como sodomita, ou seja, não constituía uma identidade específica, como na contemporaneidade. As nomeações contemporâneas constituem modos de ser, de vivenciar comportamentos, sentimentos, prazeres: posições-de-sujeito. Estas identificações emergiram, em parte, na instituição médica constituindo no século XIX^[12] um saber científico, – com status de verdade –, sobre a homossexualidade. Segundo Spargo, “el homosexual ingresó en la patología como una clase perversa o anómala, un caso de desarrollo detenido digno de tratamiento; en suma, una aberración de la norma heterosexual. En su condición de tal, estaba sometido a los efectos del control social que lo disciplinaban, marginalizaban y subordinaban” (2004, p. 31). Foucault sintetiza essa diferenciação entre o comportamento sodomita e a identidade homossexual, afirmando que:

a sodomia – a dos antigos direitos civil ou canônico – era um tipo de ato interdito e o autor não passava de seu sujeito jurídico. O homossexual do século XIX torna-se um personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre. É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual porém como natureza singular. É necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constitui-se no dia em foi caracterizada [...] menos como um tipo de relações sexuais do que como uma certa qualidade da sensibilidade sexual, uma certa maneira de inverter, em si mesmo, o masculino e o feminino. A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androginia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie (1988, p. 43-44).

Assim que se foi constituindo, em nossa sociedade ocidental contemporânea, a classificação dos sujeitos em oposições binárias, sendo esta uma forma de organizar a vida social segundo identidades específicas (SILVA, 2000). Nesse sentido, que temos que entender o saber médico e científico, não como uma neutralidade, em que não existam relações de poder. O saber deve ser concebido como implicado com o poder, entendendo que o poder produz saber, ou seja, não há quaisquer relações de poder onde não se constitua um campo de saber, ou um campo de saber que não constitua relações de poder (FOUCAULT, 1987). Segundo Câmara (2002), “no caso do Brasil,

apesar de a homossexualidade nunca ter sido considerada crime, a medicina legal se encarregou de puni-la” (p. 17). Além disso, a autora afirma que “a não existência de uma lei brasileira que puna a homossexualidade, parece funcionar como correspondente de uma suposta inexistência da orientação sexual para o mesmo sexo. Inexistência embrenhada em um silêncio, que tende a adiar o conflito, neste caso, essencialmente simbólico” (id., p. 148).

Um acontecimento relevante é que, parte destas nomeações – como gay, queer, bicha etc. – são (re)inventadas pelo próprio grupo inferiorizado discursivamente. Os indivíduos homossexuais passam a constituir uma “população” específica, e biopolíticas governamentais são direcionadas a este segmento. Como exemplo, nas relações capitalistas, um mercado GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) é inventado. Os indivíduos passam a dividir certos marcadores identitários próprios do grupo. Com a constituição deste grupo, e a possibilidade de sua organização política, as terminologias usadas na nomeação desses indivíduos são (re)inventadas por eles e, no movimento homossexual, buscam o afastamento de sua identidade do campo “puramente” médico. “La palabra 'gay', aplicada a las mujeres de dudosa reputación en el siglo XIX, se utilizó en la década de 1960 como una alternativa de 'homossexual', un hecho que provocó la consternación de algunas personas, que lamentaban la corrupción de un vocablo 'inocente’” diz Spargo (2004, p. 39). Outro exemplo é a palavra queer, “antes vociferada o murmurada como un insulto, es pronunciada hoy orgullosamente como un indicador de transgresión por quienes un vez se llamaron a sí mismos lesbianas o gays” (id., p. 9). No final da década de 1980 o movimento homossexual passa a trabalhar com a noção de orientação sexual:

a homossexualidade, em um determinado momento, foi reinventada pelos participantes do movimento gay, é verdade, mas não foi 'inventada por eles', foi a reapropriação de uma categoria já existente, 'criada para eles'. Mesmo utilizando os termos homossexual e homossexualidade, a luta pela garantia dos direitos individuais de gays e lésbicas, através da expressão orientação sexual pode ser vista como uma tentativa de saída desse imaginário médico (CÂMARA, 2002, p. 154).

Também Foucault afirma que:

o aparecimento, no século XIX, na psiquiatria, na jurisprudência e na própria literatura, de toda uma série de discursos sobre as espécies e subespécies de homossexualidade, inversão, pederastia e 'hermafroditismo psíquico' permitiu, certamente, um avanço bem marcado dos controles sociais nessa região de 'perversidade'; mas, também, possibilitou a constituição de um discurso 'de reação': a homossexualidade pôs-se a falar por si mesma, a reivindicar sua legitimidade ou sua 'naturalidade' e muitas vezes dentro do vocabulário e com as categorias pelas quais era desqualificada do ponto de vista médico (1988, p. 96).

O presente capítulo busca localizar o leitor no nomeado movimento homossexual. Não é pretensão, portanto, fazer uma história linear do movimento, ou buscar sua origem ou essência, mas contar a (re)visita do pesquisador a essa história, a partir de obras científicas e algumas narrativas pessoais. É neste sentido que o capítulo é nomeado uma (re)visita, a partir da adição de um novo

elemento: o diálogo com a literatura científica disponível ao autor sobre o movimento homossexual. Este capítulo não é uma descoberta de algo coberto, ou o desvelamento do velado, já que o autor participa de uma entidade de luta pelos direitos dos homossexuais, e a história do movimento esteve presente em vários momentos da trajetória ativista que possibilitou, inclusive, o trabalho nesta temática. Com esta opção teórica de não contar a história linear do movimento homossexual no Brasil contemporâneo, é necessário pontuar que “a história é, para uma sociedade, uma certa maneira de dar 'status' e elaboração à massa documental de que ela não se separa” (FOUCAULT, 2005a, p. 8). A história nesse sentido foucaultiano, “se preocupa em descrever e compreender a gênese, enquanto proveniência e emergência – seja de um conceito, de uma prática, de uma idéia –, e não propriamente em encontrar uma origem fundacional, um suposto ponto inicial de tal conceito, prática ou idéia” (VEIGA-NETO e FISHER, 2004, p. 22-23).

Apesar de entender o coletivo que compõe o movimento homossexual, como um grupo que busca a transformação da sociedade, com Foucault (1979) me atenho na afirmação de que “a humanidade não progride lentamente, de combate em combate, até uma reciprocidade universal, em que as regras substituiriam para sempre a guerra; ela instala cada uma de suas violências em um sistema de regras, e prossegue assim de dominação em dominação” (p. 25). Portanto, a história não é entendida apenas em suas continuidades (como o leitor possa supor a partir de um primeiro contato com o texto que se segue), mas em suas descontinuidades[13] e, assim, apresentar, segundo as obras de autores do campo dos Estudos Gays e Lésbicos – que teorizaram sobre o movimento homossexual em diferentes correntes teóricas –, perceber “a entrada em cena das forças” (id. p. 24) que inscrevem e constituem o movimento homossexual, enquanto instituição representativa da luta dos indivíduos com identidades homossexuais. Neste sentido, “las lesbianas, los hombres gays y otros grupos cuyas sexualidades se definen en oposición a la heterosexualidad normativa han sido los precursores em cuanto a explorar la política de sexualidad” (SPARGO, 2004, p. 12).

A partir da década de 1970, no Brasil, acontece a consolidação deste movimento. Na primeira década do milênio, o movimento homossexual passa a ser possuidor da manifestação pelo direito à livre orientação sexual com o maior número de pessoas no mundo. A Avenida Paulista, na cidade de São Paulo, em junho de 2005, se vê tomada por mais de dois milhões de pessoas que participavam da Parada do Orgulho GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros). Assim, o Brasil passa a ser um dos principais representantes das reivindicações do movimento homossexual na agenda mundial. Era inclusive brasileira a resolução apresentada na Organização das Nações Unidas (ONU), que trata dos temas da orientação sexual e identidade de gênero. No dia 01 (primeiro) de dezembro de 2006, tivemos a declaração apresentada pela Noruega em nome de diversos países – dentre eles Alemanha, Timor-Leste, Grécia, Canadá – que abordava as violações dos direitos humanos por orientação sexual e identidade de gênero. Segundo o representante da

Associação Internacional de Gays e Lésbicas (ILGA) no Brasil, Beto de Jesus[14]:

a ILGA deposita no movimento brasileiro muita confiança. O Brasil é um continente, nós somos o país que tem a maior quantidade de grupos gays, lésbicos e trans, e isso é uma realidade nossa, e a ILGA olha isso com olhos bastante significativos. A ILGA se mantém firme na luta pela resolução que diz na ONU que homossexuais e lésbicas e travestis e bissexuais devem ter sua orientação sexual respeitada como direito humano e devem ter sua identidade de gênero reconhecida. Deve ter[ênfase].

A luta pela apresentação da resolução da ONU, a que se refere Beto de Jesus, é parte de um conjunto de “bandeiras de luta” prioritárias, eleitas pelo movimento homossexual na atual conjuntura. Iremos falar de algumas delas ao longo do texto; assim, começamos agora a pensar alguns acontecimentos que possibilitaram a constituição do movimento homossexual, como ele é no presente.

Um embate político ocorrido em Nova York, foi e é, emblemático para o movimento homossexual brasileiro e mundial. A história da Rebelião de *Stonewall*, como foi batizada uma das primeiras manifestações homossexuais contra a repressão promovida em lugares de sociabilidade homossexual, e que vem sendo narrada nos grupos do movimento homossexual brasileiro, como um marco de nossa história, lembrada anualmente no Dia Mundial do Orgulho Gay (28 de junho). Esta data é de importância tamanha para os grupos brasileiros, que tramita no Congresso Nacional um projeto de lei (379/03), da deputada Iara Bernardi (PT/SP), que busca instituir o 28 de junho como o “Dia Nacional do Orgulho Gay e da Consciência Homossexual”. Esta Rebelião de *Stonewall* também é tida como “o início do movimento de liberação gay nos Estados Unidos” (GREEN, 2000, p. 458).

Narro agora a Rebelião de *Stonewall*. Esta história fez parte da minha constituição como ativista homossexual, e é assim contada nos grupos. Algumas fontes auxiliam na construção dessa história, como o filme STONEWALL (FIGURA 3).

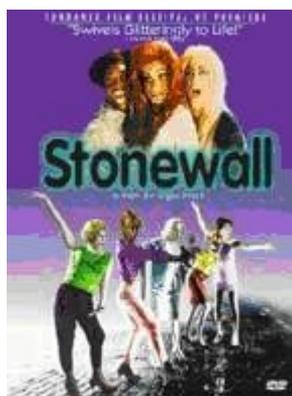


FIGURA 3: Cartaz do filme britânico Stonewall (1996), dirigido por Nigel Finch, que narra os acontecimentos ocorridos durante a “Revolução de Stonewall”.

Aconteceu em Nova York, no bairro *Greenwich Village*. Um bar chamado *Stonewall Inn* recebia homossexuais, travestis e lésbicas, que encontravam ali um lugar dançante, propício para encontros e diversão. As batidas policiais, constantes no local, eram promovidas de forma violenta, em que os militares agrediam fisicamente, e faziam chacotas sobre a indumentária e outros marcadores identitários dos frequentadores, principalmente em relação às travestis. Apesar dos pagamentos constantes feitos pelo proprietário do bar aos policiais, para que fizessem menos batidas, estas continuaram ocorrendo e, em junho de 1969, mais especificamente nos dias 27, 28 e 29, em uma destas intervenções policiais, os homossexuais e travestis, impulsionados pelo tensionamento comum em momentos como este, revidaram o exercício de poder punitivo, e se revoltaram. Estes três dias de embate contra a polícia, representaram o marco inicial do movimento homossexual, segundo o próprio movimento. Para Fry e MacRae:

na noite de 28 de junho de 1969, uma sexta-feira, alegando o descumprimento das leis sobre a venda de bebidas alcoólicas, a polícia tentou interditar um bar chamado 'Stonewall Inn', localizado em Christopher Street, a rua mais movimentada da área conhecida como o 'gueto' homossexual de Nova York. O que era para ser simplesmente uma ação policial rotineira, suscitou uma reação inédita (1984, p. 96).

Nos sites dos grupos homossexuais contemporâneos, é possível perceber a importância dada pelos coletivos à nomeada Rebelião de *Stonewall*. Segundo o site do Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual do Rio de Janeiro (GAI/RJ) sobre *Stonewall*: “pela primeira vez Lésbicas e Gays, como um grupo, conseguiram ver além do batom e das plataformas, além da cor da pele, e reconheceram a opressão que ameaça a nós todos. O maior de todos os mitos relacionado com o levante de Stonewall é de que foi um acontecimento Gay/Lésbico” (2006).

Assim, a Rebelião de *Stonewall* vem funcionando como um marcador histórico para as identidades ativistas no movimento homossexual, uma vez que é constantemente evocada como

marco inicial de uma nova identidade homossexual: a identidade ativista homossexual. Os punhos estendidos observados no filme STONEWALL (FIGURA 4) a meu ver, demarcam o caráter combativo dessas pessoas, contra ações e políticas homofóbicas. Luta. Diferente do que muitas pessoas possam vir a pensar, o movimento homossexual tem seu marco inicial em uma luta contra o aparato militar de uma sociedade disciplinar.



FIGURA 4: Cena do filme Stonewall (1996) em que os manifestantes estendem seus punhos em resistência à polícia militar.

Conjurando histórias importadas de países como os Estados Unidos e europeus, e um governo ditador no Brasil, a década de 1970 vê nascer em nosso país as primeiras ações de um movimento homossexual institucionalizado. Entendo, que existiram várias condições que possibilitaram a emergência do movimento homossexual na década de 1970, na sociedade brasileira. É nesse sentido, que busco nos autores que teorizaram sobre o movimento, pistas que possibilitem a escrita sobre estas condições. O que cabe neste momento, é que a década de 1970 vê surgir uma nova forma de se fazer movimentos sociais. O que antes era priorizado pela esquerda – a identidade de classe – passa a ser problematizado, e novas configurações como as identidades raciais, de gênero, ambientalistas e sexuais são colocadas na ordem do dia. Para Câmara (2002), “foram introduzidas reivindicações que fugiam do econômico e colocavam em evidência a existência de múltiplas relações de poder” (p. 15). Por isso mesmo, houve grande relutância da esquerda em considerar a importância dos movimentos sociais identitários, nas lutas que visavam mudança social, já que “as discussões sobre o preconceito e a discriminação não têm uma referência econômica direta, porém alteram a estrutura social e revelam as expressões individuais” (id., p. 147).

Com o golpe de 1964 no Brasil, institui-se um regime ditador sob o comando de indivíduos militares, que mantinham um governo de direita. Este governo caracterizava-se por uma larga perseguição aos opositores do regime, e práticas de punição, como a tortura. A censura, como

suposto instrumento de manutenção do regime, foi amplamente utilizada pelos membros do governo. Este período, abordado por MacRae (1990, p. 19) como uma “ditadura férrea e sangüinária” estimulou, segundo Fachini (2005, p. 93), “a formação de resistências em diversos setores sociais e como ela [ditadura militar] pode ter sido, inclusive, responsável pelo perfil fortemente antiautoritário que marcou [...] [o] movimento homossexual brasileiro”.

Segundo Green (2000), os estudantes foram os primeiros a iniciarem um processo de questionamento e oposição ao regime ditador, tendo marcado seus protestos principalmente no ano de 1968. Estes protestos estudantis traziam à sociedade “um sentimento crescente de otimismo quanto à possibilidade de um retorno ao governo democrático” (id., p. 391). Por volta do ano de 1974, “a ala progressista da Igreja Católica, e várias correntes de esquerda, agindo na clandestinidade, começaram a organizar as comunidades pobres e a classe trabalhadora rural e urbana”; assim, como consequência desta organização, “os movimentos sociais vieram à tona, reivindicando democracia, melhores condições de trabalho, e um padrão de vida mais elevado” (id., p. 393). Neste período, entre 1974 e 1975, inicia-se o processo da abertura política em nosso país, inclusive com a possibilidade de retomada do movimento estudantil, então clandestino. Ao mesmo tempo, a contracultura torna-se modelo a ser seguido pela juventude brasileira, principalmente aquela de classe média, inspirada nos movimentos americanos e ingleses. Green afirma que, “as idéias da contracultura haviam penetrado no Brasil e influenciavam muitos jovens da classe média” (id., p. 409). Para MacRae (1990):

Esses novos valores da juventude não deixaram de se manifestar, levando a alterações no ideário e na conduta da militância. Surgia, assim, o germe de uma crítica à esquerda tradicional, até então quase hegemônica no movimento, mas que se mantivera distante dos processos de transformação cultural da juventude. Entre os anos 1976 e 1977, sobressaía-se, especialmente, um grupo de inspiração trotskista – a Liberdade e Luta (Libelú). Esse movimento, com suas palavras de ordem ousadas e uma maior abertura para os temas vinculados pela contracultura, captou a imaginação dos estudantes (p. 22).

O apoio de setores artísticos foi fundamental neste momento, que, além de questionarem o regime em si, traziam para a cena brasileira novas perspectivas identitárias, e a possibilidade de identificações diferentes dos padrões rígidos de masculinidade e feminilidade, vividos até então. Para Fry & MacRae (1984, p. 20) “é interessante observar como o questionamento dos papéis sexuais pode ser transformado em produções artísticas legítimas e amplamente 'curtidas’”. Assim, grupos musicais como Secos e Molhados, Dzi Croquetes e o cantor Caetano Veloso, surgem na cena brasileira adotando um visual andrógino, que representou o questionamento da masculinidade vigente na época. Para Green “no campo cultural, os cantores de MPB, como Ney Matogrosso e Caetano Veloso, projetavam uma imagem andrógina e insinuavam sua bissexualidade ou homossexualidade” (2000, p. 396). Além disso, o autor afirma que foram estas mudanças no

comportamento, as responsáveis pela antecipação da emergência de um movimento homossexual “politizado” em nosso país.

Dois acontecimentos inscrevem profundamente a história do movimento homossexual no final da década de 1970, – também permeando o fim da ditadura militar –, que são a fundação do primeiro grupo homossexual no país, o Somos, e a criação do jornal *Lampião da Esquina*, por uma equipe de intelectuais, artistas e jornalistas. Podemos pensar, através da imagem da capa do *Lampião da Esquina*, de julho de 1979 (FIGURA 5), no papel cumprido pelo *Lampião da Esquina*, na constituição dos ativistas homossexuais. É interessante destacar a interlocução entre o Somos, o jornal e o movimento operário e sindical. Neste aspecto, também houve a institucionalização da luta homossexual dentro de um partido; no caso, o Partido dos Trabalhadores.



*FIGURA 5: Capa do jornal
Lampião da Esquina de julho de
1979 que ilustra a interlocução
entre o movimento homossexual e o
movimento operário e sindical.*

Na década de 1980, outra estratégia de atuação do movimento homossexual é forjada. Segundo Câmara (2002) “considerava-se fundamental o combate aos preconceitos e como parte desse processo, a influência em códigos e leis, entendida como sendo a maneira de fazer com que um segmento da sociedade que estava até então sem voz, fosse ouvido” (p. 24). Assim, as ações do movimento homossexual podem ser entendidas não como uma luta contra a repressão sexual, e sim como “um deslocamento e uma reversão tática no grande dispositivo de sexualidade” (id, p. 123). É sobre o início da participação do movimento homossexual na Câmara dos Deputados em Brasília, que Cristina Câmara trabalhou em sua pesquisa de mestrado. Antes, é preciso falar de Herbert Daniel (PT/RJ), uma das expressões de representação política do movimento homossexual na década de 80. Herbert foi candidato à deputado estadual em 1986, apoiado pelo grupo Triângulo

Rosa, através de distribuição de folder institucional da campanha (id.), e foi a primeira expressão do movimento homossexual a candidatar-se ao parlamento. No processo de democratização do país, houve a construção de uma nova Constituição, nomeada Constituição Cidadã. Para Cristina Câmara, “durante a Assembléia Nacional Constituinte a luta foi pela garantia da não discriminação por orientação sexual” (p. 107), e “todos os grupos sociais excluídos participaram, de alguma maneira, do debate sobre as garantias individuais” (p. 108). Sobre a participação do movimento homossexual neste período histórico no Brasil, a autora afirma: “a reivindicação do movimento gay brasileiro, representado pelo Triângulo Rosa, para incluir a orientação sexual no capítulo referente às garantias e aos direitos individuais na Constituição Federal, configurou um momento marcante para a história política do país” (p. 108), em que “a demanda do movimento gay era incluir a expressão orientação sexual, garantidora dos direitos civis de gays e lésbicas, no Parágrafo 1º, após a igualdade por 'sexo'” (p. 111). Sobre os encaminhamentos finais a autora diz:

Como as discussões do movimento gay sobre a expressão orientação sexual ocorreram concomitantemente ao início do processo da Assembléia Nacional Constituinte, houve, de certa forma, uma falta de sintonia entre as várias apropriações da expressão, o que favoreceu o pensamento conservador. Os impasses e divergências, assim como o resultado final do processo constituinte brasileiro – o que acabou por não incluir os direitos e garantias individuais de gays e lésbicas na Constituição Federal – foram devidos a diferentes concepções políticas, religiosas e médicas que informam a moral brasileira. Sem dúvida acrescidas pela ambiguidade da expressão orientação sexual, para alguns parlamentares (id., p. 118).

Neste momento da Assembléia Nacional Constituinte, dois deputados do Partido dos Trabalhadores foram contundentes na defesa dos direitos dos homossexuais – Benedita da Silva (PT/RJ, também integrante da bancada evangélica), e José Genuíno Neto (PT/SP). Segundo a deputada: “[...] eu posso discordar do meu próximo, de tudo o que ele faz, mas vou às últimas conseqüências para defender os seus direitos”, justificando sua defesa afirma: “a solidariedade, a cumplicidade e a convivência social são possíveis quando há a consciência de que todas as pessoas são diferentes e é exatamente isto que elas têm em comum” (CÂMARA, 2002, p. 138). Já o deputado José Genuíno Neto:

agora no Plenário, o mais grave é que não houve o debate, houve a chacota. Inclusive algumas pessoas até disseram para mim: Pôxa, numa tarde você faz uma emenda contra o poder militar e faz uma emenda defendendo os homossexuais. Eu disse: pois é, porque o meu conceito de democracia é radical (id., p. 146).

Mesmo sem a rigidez da ditadura militar, o movimento foi abalado pela avassaladora chegada da aids (CÂMARA, 2002). Segundo Facchini (2004), durante a década de 80, o movimento sofreu uma dramática redução na quantidade de grupos, desarticulados ou deslocados para a construção de uma resposta coletiva à aids, principalmente no que concerne à prevenção e assistência aos pacientes. Um dos discursos marcantes deste período é o de que a aids “era uma

vingança da natureza” (LINDNER, 2005, p.20), ou então “uma condenação divina de uma sociedade que não vive conforme os mandamentos de Deus” (ibid., p. 20). Portanto, a doença era tida, nesta época, como um “efeito necessário do excesso sexual, como se os limites do corpo tivessem sido testados e não tivessem passado no teste da ‘perversidade sexual’” (WEEKS, 2001, p. 37). Esses discursos prevaleceram na década de 80, contaminando e expondo a imagem social de homossexuais. Os órgãos governamentais davam pouca atenção a esta epidemia, sendo a sociedade civil protagonista na organização e criação de redes de solidariedade e apoio mútuos.

Desde os anos 90, houve um aumento no número de grupos institucionalizados do movimento homossexual. Em 1995, foi fundada a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros (ABGLT), com 31 grupos homossexuais filiados, e hoje conta com a maioria dos grupos existentes no país. Na década de 1990 houve, segundo Facchini:

o reflorescimento do movimento homossexual [...] ressaltando que não somente aumentou o número de grupos/organizações do movimento, como houve uma diversificação de formatos institucionais e propostas de atuação. Por outro lado, notam-se também uma ampliação da rede de relações sociais do movimento e a presença de novos atores (FACCHINI, 2005, p. 149).

Atualmente, a ABGLT, conta com mais de 160 organizações locais, que atuam na defesa, promoção e garantia de direitos, estando estruturada em todas as capitais, muitas cidades médias, e vem crescendo no interior de cada estado brasileiro.

Acredito que é neste sentido, apresentado por Facchini acima, que o segmento de transgêneros formou a Articulação Nacional de Transgêneros (ANTRA), como instituição para organizar a intervenção política e construir a agenda específica do segmento para atuação dentro e fora do movimento. A ANTRA, como a ABGLT, é formada por associações civis sem fins lucrativos, e não por indivíduos. As lésbicas vêm se organizando em seminários nacionais e desenhando o seu formato de atuação. Neste sentido, foram criadas em caráter regional, Ligas de Lésbicas, com o indicativo de no futuro constituir uma articulação nacional.

O movimento homossexual brasileiro tem tido encontros regulares de discussão e encaminha sua agenda política e bandeiras de luta prioritárias. Nacionalmente, a cada dois anos, existe o Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros (EBGLT). Há também o Congresso da ABGLT, o Encontro Nacional de Transgêneros e o Seminário Nacional de Lésbicas (SENALE), que acontecem com periodicidade variada.

Atualmente, boa parte da agenda fundante do movimento homossexual brasileiro, sobretudo aquela que vigorava no início da década de 80, ainda se mantém viva. Suas bandeiras são pautadas na luta pela igualdade de direitos, e reconhecimento legal de demandas como cidadãos que vivenciam uma prática de exclusão. O preconceito, a discriminação, e as agressões físicas são preocupações cotidianas, que ocupam a pauta das organizações que compõem o movimento.

Nesse sentido, o movimento vem atuando junto ao Congresso Nacional, para que aprove o projeto de lei que criminaliza as práticas de discriminação contra pessoas, em razão de sua orientação sexual. A defesa da proposta é justificada pelo movimento, como um instrumento importante para o combate à homofobia e à impunidade, e também como referência simbólica de inclusão dos homossexuais no ordenamento jurídico brasileiro. Uma estratégia importante nessa caminhada, foi a proposta cunhada pelo movimento de um projeto de lei ordinária, com o objetivo de criminalizar a homofobia, com os mesmo efeitos que a lei anti-racismo.

No nível municipal e estadual já são mais de 90 municípios, e 7 estados com leis que proíbem e punem pessoas jurídicas pela discriminação por orientação sexual. Esta estratégia de aprovação de leis anti-discriminação se apresenta na década de 90, quando o movimento percebe as dificuldades políticas para aprovação da lei no plano federal. Assume, então, esta nova estratégia, para fortalecer a luta pela lei nacional, acumulando forças, ao mostrar que vários municípios e estados vêm reconhecendo as demandas desta população.

Ainda no plano nacional, o movimento vem reivindicando a aprovação da união civil entre pessoas do mesmo sexo. O projeto foi apresentado em 1995, pela ex-deputada Marta Suplicy, e tramitou por todas as comissões da casa. Desde 1996 está pronto para ser votado, mas todas as vezes que se tentou, foi retirado da pauta, por manobras regimentais orquestradas por deputados ligados a setores religiosos e reacionários. No âmbito acadêmico esta discussão vem sendo fortalecida por diversas instituições e redes de pesquisa; como a “Associação Brasileira de Estudos da Homocultura” (ABEH) e a “Rede de Pesquisas Parceria Civil, Conjugalidades e Homoparentalidade”, como exemplos.

Um exemplo atual de homofobia institucionalizada no Congresso Nacional Brasileiro, foi a fala de seu ex-presidente Severino Cavalcanti à revista *Veja* de 9 de março de 2005: “O que é ruim é fácil de proliferar. Por que oficializar uma coisa dessas? – em referência ao projeto de união civil entre pessoas do mesmo sexo – Podem debochar de mim, mas quem de bom senso defende a união de homem com homem e mulher com mulher?”. Segundo Cláudio Nascimento Silva, integrante do Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual do Rio de Janeiro (Grupo Arco-Íris/RJ), “o Congresso Nacional é mais atrasado que a Justiça. Esta última reconheceu casos de direito à herança e inclusão em plano de saúde entre casais gays, bem como o direito de lésbicas manterem a guarda dos filhos em casos de separação” (O GLOBO, 2005, p. 7).

Ainda assim, tramitam no Congresso Nacional outros projetos de lei da agenda de política sexual, tais como o que assegura o direito de adequação sexual e registro civil para transgêneros e a retirada da artigo 233º do Código Penal Militar, que trata da proibição da relação sexual nos quartéis, e que tem sido usado como argumento para a discriminação de gays nas instituições militares.

Um projeto lançado pelo governo federal, portanto no âmbito executivo em 2004, na primeira gestão da coligação encabeçada pelo PT no país, é nomeado Brasil Sem Homofobia (BSH). Este possui como subtítulo “Programa de combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual”. Atuaram em sua constituição governo e sociedade civil, através da Comissão Provisória de Trabalho, ligada ao Conselho Nacional de Combate à Discriminação (CNCD); conselho este vinculado à Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República (SEDH). Segundo a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros:

apesar do Programa Brasil Sem Homofobia ter a Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República, como órgão responsável pela sua articulação, implementação e avaliação, a responsabilidade pelo desenvolvimento das ações de Políticas Públicas se estende a todos os Ministérios e Secretarias do Governo Federal, estaduais e municipais, cabendo ao Movimento GLBT Brasileiro acompanhar e monitorar a sua efetiva implementação (2006, p. 20).

A SEDH em 2004 estava sob a gestão do mineiro Nilmário Miranda que, inclusive, apresenta o programa como voltado para aqueles sujeitos que gerem o Estado brasileiro: “um dos objetivos centrais desse programa é a educação e a mudança de comportamento dos gestores públicos” (BSH, p. 7).

Um programa com o teor que possui o BSH, foi reivindicado pelo movimento homossexual por quase uma década, e sua “conquista” se deve, segundo o movimento, à ocupação das ruas durante as paradas do orgulho (ABGLT, 2006). O movimento homossexual definiu, em 2005, como ação prioritária em relação a este programa, o “monitoramento, articulação e pressão”, que “dará o tom de sua execução” (id., p. 21), tendo como táticas a divulgação ampla desta proposta, para que seja conhecida por um maior número de pessoas e cidades possível; o estímulo à criação de grupos de trabalho formais e comunitários por áreas de atuação do programa, visando o controle social e monitoramento de sua execução; além do estímulo à criação de programas semelhantes nos estados e municípios, de modo a enraizarem-se os objetivos da proposta. Apenas como exemplo, cito o caso do Ministério da Educação (MEC), que instituiu, em maio de 2005, o grupo de trabalho que debate “como será implementado o programa Brasil Sem Homofobia na área educacional” (FARIA, 2006), com representantes das secretarias do MEC, das universidades e entidades sociais. Assim, tanto o BSH, quanto as políticas vinculadas a ele, no MEC e em outros ministérios e secretarias do governo federal, foram construídos em união com a sociedade civil.

É nesta conjuntura apresentada que, o Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais (CELLOS/MG) começa a ser pensado, no ano de 2001, quando um grupo de estudantes e dissidentes de outras organizações homossexuais de Belo Horizonte optam pela criação de um novo grupo. Em sua carta de fundação (ANEXO 4) afirmam que a garra e a rebeldia da juventude têm sido decisiva na luta por um mundo melhor, em vários períodos da história. Em 2004

o grupo é legalizado como uma Associação Civil sem fins lucrativos, e estabelece em seu estatuto no Art. 2º os objetivos: (i) defender os homossexuais em situação de violência; (ii) conscientizá-los de seus direitos; (iii) lutar contra o preconceito, a discriminação e a violência, formar e educar os homossexuais para que eles vivam com dignidade a [sic] suas visibilidades; (iv) promover encontros, fóruns, debates e outras formas de eventos para discussão de seus objetivos.

Para apresentar o CELLOS/MG, é preciso narrar os movimentos que circundaram a fundação dessa instituição. Nesse sentido, busco compartilhar com o leitor a recordação de algumas experiências passadas, narrar como foi a história da construção do CELLOS/MG segundo a minha trajetória. Assim, inicio este pequeno histórico narrativo, entendendo-o como um mecanismo implicado na produção e reconstrução da minha subjetividade, uma vez que “é contando histórias, nossas próprias histórias, o que nos acontece, e o sentido que damos ao que nos acontece, que nos damos a nós próprios uma identidade no tempo” (LARROSA, 2002, p. 69).

Como dito, em 2001, um grupo de jovens homossexuais provindos do movimento estudantil – sendo que alguns militavam em partidos políticos da esquerda brasileira como o Partido dos Trabalhadores (PT), o Partido Comunista do Brasil (PC do B) e o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU) – se uniu com dissidentes de grupos homossexuais da capital mineira para formarem uma entidade homossexual. Os militantes partidários optaram pela institucionalização de suas ações em um grupo homossexual, por avaliarem que nos partidos da esquerda brasileira, a discussão sobre os temas concernentes aos homossexuais como sexualidade, homofobia, aids, dentre outros, não eram priorizados. Já os dissidentes de outros grupos homossexuais argumentavam que as entidades se limitavam à consecução de projetos e ações assistenciais, e não buscavam revolucionar o sistema capitalista no qual estamos imersos. Por isso, em sua emergência, o grupo surge como resistência^[15] ao formato das outras entidades que atuavam no movimento homossexual na capital mineira. Dos membros fundadores do grupo, a maioria permanece em seu quadro de ativistas até hoje. O primeiro panfleto da entidade circulou nos lugares de trânsito homossexual em Belo Horizonte, em 2001, e afirmava (transcrição literal):

CELLOS na luta!

*CELLOS diz não à **opressão!***

Nós homossexuais sentem diariamente na pele os efeitos da opressão. Na família, na escola e nos locais públicos, somos impedidos de manifestar a nossa afetividade.

*CELLOS diz não ao **preconceito!***

A falta de tolerância tem gerado vários tipos de violência. O preconceito tem alimentado os racistas, os sexistas e os homofóbicos.

*CELLOS diz não à **homofobia!***

O Brasil tem um título vergonhoso. É campeão de violência e violação dos direitos aos homossexuais. Vários Gays, lésbicas e travestis são agredidos pelos homofóbicos de plantão, principalmente a polícia. Cerca de 100 homossexuais são assassinados anualmente e raramente os culpados são punidos.

*CELLOS diz não à **exploração!***

O trabalhador brasileiro tem sofrido inúmeros ataques por parte do atual governo e dos patrões e empresários. Os homossexuais têm sido duplamente prejudicados no mercado de trabalho. E preciso mais do que eficiência para conseguir o seu espaço.

*CELLOS diz não ao **desemprego!***

Atualmente, vários Gays estão aumentando as estatísticas dos desempregados. As respostas para milhões de Gays, Lésbicas e Transgêneros é sempre não! Muitos não são selecionados, pois não têm o "perfil" para ocupar a vaga, ou seja, são homossexuais. É urgente uma política de inclusão social para nós homossexuais e geração de empregos para todos.

*CELLOS diz não à **ALCA!***

Caso a ALCA (Área de Livre Comércio das Américas), seja implantada, o Brasil se tornará uma Colômbia do imperialismo. O trabalhador perderá todos os seus direitos e viverá em péssimas condições. Nós homossexuais seremos alvo preferencial desta exclusão. A condição de gay será levada, como nunca, em consideração na seleção do emprego. Perderemos a possibilidade de educação e saúde pública de qualidade.

Na carta aberta à população, difundida durante a Parada do Orgulho Homossexual de Belo Horizonte em 2005, o CELLOS/MG afirma que, para vencer o preconceito a homossexuais, o fator determinante é a organização política da “comunidade” homossexual, com amplas mobilizações. Este pensamento corrobora com as propostas de fundação do CELLOS/MG, uma vez que em sua Carta de Fundação afirma que “podemos ser o que quisermos, mas para isso precisamos ser lutadores dos nossos direitos. A luta para sermos indivíduos dignos de nós mesmos, só fará avançar a humanidade, e serve para tornar o mundo muito mais feliz e alegre”.

É nesse sentido, da luta por uma outra sociedade, que a logomarca do CELLOS/MG (FIGURA 6) remete a dois símbolos importantes na história, que envolveram homossexuais. A logomarca foi inspirada nos principais símbolos do movimento homossexual: a bandeira do arco-íris e o triângulo rosa. Segundo a enciclopédia virtual Wikipédia: “o uso generalizado da bandeira arco-íris em manifestações LGBT começa nos anos 80. [...] A sua versão mais actual tem seis barras horizontais, cada uma com uma cor diferente, de cima para baixo, vermelho, laranja, amarelo, verde, azul e violeta” (2006a). Sobre o triângulo rosa afirma:

O triângulo rosa (Alemão: *rosa Winkel*) foi um dos símbolos usados nos campos de concentração nazistas. Indicava quais homens haviam sido capturados por práticas homossexuais. Todos os capturados pelos nazistas recebiam algum emblema em suas roupas. Judeus recebiam um emblema

amarelo e mulheres tidas como "anti-sociais" (inclusive, mas não apenas lésbicas), o triângulo preto” (2006c).

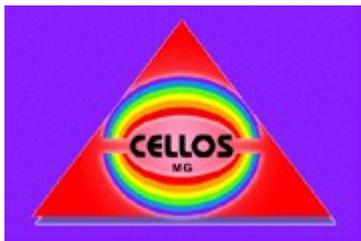


FIGURA 6: Logomarca do CELLOS/MG inspirada em dois símbolos homossexuais: a bandeira do arco-íris e o triângulo rosa.

Uma das primeiras ações que envolveu ativistas de todo o país, organizada pelo CELLOS/MG, foi o I Encontro Nacional Universitário pela Diversidade Sexual (ENUDES) que, segundo o site do PSTU[16]: “infelizmente o movimento estudantil não dá espaço para discutir as questões GLBT e há, cada vez mais, a necessidade de incorporar as reivindicações desse setor na pauta e discussões das entidades estudantis”. Também no site, a ativista lésbica Soraya Menezes, da Associação de Lésbicas de Minas Gerais (ALEM), e também da Secretaria do PSTU, afirmou “o Enuds também é importante para fazer com que os militantes do movimento GLBT incorporem lutas mais amplas ao seu cotidiano, como o combate à Alca e aos planos neoliberais impostos pelo governo Lula”. É, portanto como uma entidade homossexual ligada à luta dos trabalhadores e comprometida com a construção de uma sociedade socialista que o CELLOS/MG atua em seus primeiros anos de existência.

A entidade tem como características a composição de seu quadro formada exclusivamente por gays, afirmando cotidianamente nesta metodologia de ação as especificidades do segmento; diferenciando-os de identidades lésbicas e transgêneros. Entretanto, mantém um intenso diálogo com ativistas lésbicas e transgêneros de outras duas organizações de Belo Horizonte: a ALEM e a Associação dos Travestis e Transexuais de Minas Gerais (ASSTRAV). Juntamente com estas entidades, o CELLOS/MG auxilia na coordenação participativa do Centro de Referência da Diversidade Sexual (CRDS), órgão da Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), vinculado à Coordenadoria de Direitos Humanos (CMDH) e ligado, portanto, à Secretaria Municipal de Direitos de Cidadania (SMDC). No primeiro ano de existência, antes do ingresso na coordenação participativa do CRDS, o CELLOS/MG realizava suas reuniões na sede da ALEM, tendo sido a primeira reunião organizada no Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos de Serviços de Saúde (SINDESS), em que Soraya Menezes é dirigente.

O CELLOS/MG atua no combate à discriminação e à violência contra homossexuais, por meio de denúncias, cobrança nas instituições públicas do estado por segurança e justiça; como por

exemplo, a apuração e condenação de crimes e práticas discriminatórios. Atua, também, na promoção da saúde da população de gays na grande Belo Horizonte, especialmente na prevenção das DST/aids, com distribuição de preservativos e folhetos informativos sobre prevenção e cidadania (FIGURA 7).



FIGURA 7: Frente do panfleto do CELLOS/MG distribuído nos lugares de trânsito homossexual de Belo Horizonte em 2006.

A entidade também realiza, semanalmente, uma reunião com os integrantes do grupo para discussão das experiências de vida abordando vários temas relacionados ao cotidiano – como namoro, sexo, família, diversão, direitos, discriminação, saúde e outros correlatos. Estas reuniões foram nomeadas **Encontros Tudo a Ver** (FIGURA 8a). Além destas ações, o CELLOS/MG desenvolve, mensalmente, atividade de exibição de filmes com a temática homoerótica em atividade intitulada **Vídeo-Pipoca**, (FIGURA 8b); em que após o filme é debatido o assunto abordado. Outra ação, é a existência de um time homossexual de vôlei que treina quinzenalmente, e a atividade é nomeada **Vôlei da Diversidade** (FIGURA 8c).



FIGURA 8: Projetos permanentes do CELLOS/MG: a) Encontros

*Tudo a Ver, b) Vídeo-Pipoca e c)
Vôlei da Diversidade.*

O CELLOS/MG atua na organização da Parada do Orgulho GLBT de Belô – nomeação dada à manifestação do movimento homossexual na capital mineira, que pode ser vista como uma das maiores manifestações organizadas pela sociedade civil na cidade (FIGURA 9).



*FIGURA 9: Ativistas do
CELLOS/MG durante a Parada do
Orgulho Homossexual de Belô em
2006.*

O CELLOS/MG tem desenvolvido parcerias com diversos segmentos dos movimentos sociais, tendo como um dos resultados desta perspectiva, a participação na organização do Fórum Social Mineiro, em suas versões de 2004 e 2005. Teve um de seus membros eleito como delegado, em 2004, para a IX Conferência Nacional de Direitos Humanos. Outro aspecto importante observado, é a grande composição de jovens gays negros, e de religiões afro-brasileiras, muitos oriundos de comunidades pobres. Recentemente, fundaram o Núcleo Afro-CELLOS, que iniciou suas atividades em abril de 2006, com uma homenagem ao clássico livro Bom Crioulo, de Adolfo Caminha.

Para concluir esse pequeno histórico do CELLOS/MG, trago uma citação de Fernandes, Fonseca e Silva, que resume os princípios da entidade nos quais todos os integrantes se pautam ao filiarem-se ao grupo:

mesmo jovem, o CELLOS já é um dos principais grupos de Minas Gerais e conta em suas fileiras com um número bom de militantes que se destacam pela garra e seriedade na luta pelos direitos dos homossexuais. A disposição dos militantes do CELLOS já coleciona várias conquistas para a comunidade GLTB (gays, lésbicas, transgêneros e bissexuais) de Belo Horizonte e estão presentes em vários eventos e mobilizações, sempre levando a bandeira da diversidade. O grupo tem três campos centrais de atuação: saúde, direitos humanos e educação. Além disso, atividades sociais e culturais também fazem parte da programação da entidade, que busca, através delas, aumentar a auto-estima e formar gueis conscientes. O CELLOS

possui como princípios (i) a ampla democracia interna, (ii) uma só voz, onde as decisões do grupo devem ser defendidas por todos os membros e (iii) independência e autonomia, sem vínculos ideológicos, governamentais, religiosos ou partidários. Defende a solidariedade aos outros setores oprimidos e a defesa por um mundo melhor, entendendo que o combate à opressão homossexual não é uma luta isolada, sendo a defesa dos direitos essenciais dos cidadãos também uma tarefa da juventude homossexual. A história tem demonstrado que o combate à homofobia se dá diariamente. A discriminação e o preconceito se manifestam de várias formas em todas as partes. O CELLOS segue o princípio que, para acabar com estas mazelas, é necessária a organização da juventude para a construção de um mundo sem preconceito, opressão, discriminação e exploração (2004).

O título desta dissertação remete a uma camiseta do CELLOS/MG, produzida em 2006, que, com amplas discussões buscou demarcar o perfil do ativista homossexual cellista. Assim, finalizo este capítulo com uma palavra de ordem do CELLOS/MG: **Muito Prazer, Sou CELLOS, Sou de Luta** (FIGURA 10)!



FIGURA 10: Camiseta dos ativistas do CELLOS/MG produzida em 2006.

No que se refere às ações para dar visibilidade à luta do movimento, as Paradas do Orgulho Homossexual, no ano de 2005, ocorreram em aproximadamente 70 cidades brasileiras, mobilizando mais de 4 milhões de pessoas. Apesar das paradas terem um formato semelhante, as características regionais e locais apresentam-se diferenciadas, garantindo que as especificidades locais se posicionem. Com isto, elas têm contribuído para o aumento da abrangência de ação das entidades homossexuais, ampliando a capilaridade do debate sobre a política sexual e recrutando novos ativistas.

(Re)visitar essa história, incluindo-se a história do CELLOS/MG, possibilitou-me entender como o movimento foi se constituindo ao longo dos anos, demarcando bandeiras de luta, e cunhando sua pauta política. Além disso, possibilitou-me compreender as condições que possibilitaram a emergência do movimento homossexual no Brasil, os acontecimentos que marcam a história do movimento, e como o movimento tem tratado sua história.

[12] Principalmente com a constituição dos termos uranista e homossexual. No dicionário uranista seria a “pessoa que tem a perversão do uranismo” (BUENO, 1983, p. 1169) sendo o uranismo a “inversão do desejo sexual, homossexualidade; perversão do sexo” (id., ibid.). Em Fry & MacRae (1984) encontramos que a palavra homossexual “foi usada pela primeira vez em 1869 por um médico húngaro, Karoly Maria Benkert” (p. 62).

[13] “A descontinuidade não é assumida aqui em seu conceito histórico clássico. Ela é assumida como “um dos elementos fundamentais da análise histórica, onde aparece com um triplo papel. Constitui, de início, uma operação deliberada do historiador (e não mais o que recebe involuntariamente do material que se deve tratar), pois ele deve, pelo menos a título de hipótese sistemática, distinguir os níveis possíveis da análise, os métodos que são adequados a cada um, e as periodizações que lhes convêm. É também o resultado de sua descrição (e não mais o que se deve eliminar sob o efeito de uma análise), pois o historiador se dispõe a descobrir os limites de um processo, o ponto de inflexão de uma curva, a inversão de um movimento regulador, os limites de uma oscilação, o limiar de um funcionamento, o instante de funcionamento irregular de uma causalidade circular. Ela é, enfim, o conceito que o trabalho não deixa de especificar (em lugar de negligenciá-lo como uma lacuna uniforme e indiferente entre duas figuras positivas); ela toma uma forma e uma função específica, de acordo com o domínio e o nível em que é delimitada: não se fala da mesma descontinuidade quando se descreve um limiar epistemológico, a reversão de uma curva de população ou a substituição de uma técnica por outra” (FOUCAULT, 2005a, p. 9-10).

[14] Transcrição da fala de Beto de Jesus na solenidade de abertura do XII Encontro Brasileiro de Gays, Lésbicas e Transgêneros realizado em Brasília/DF em 2005. A transcrição das falas nesta solenidade são de responsabilidade do autor.

[15] Segundo Foucault, “onde há poder há resistência e, no entanto, (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder” (1988, p. 91). Em Deleuze, sobre o pensamento foucaultiano, afirma que “um diagrama de forças apresenta, ao lado das (ou antes ‘face as’) singularidades de poder que correspondem às suas relações, singularidades de resistência, os ‘pontos, nós, focos’ que se efetuam por sua vez sobre os estratos, mas de maneira a tornar possível a mudança” (2005, p. 96).

[16] http://www.pstu.org.br/opressao_materia.asp?id=1451&ida=0.



**RETRATOS DE VIDAS: RICK,
LUCAS, VICENTE, EDIVAN...**

RETRATOS DE VIDAS: RICK, LUCAS, VICENTE, EDIVAN...

Perguntar-se-me-á por que, efetivamente, narrei todas essas coisinhas inexpressivas, segundo o modo de ver tradicional. Isto me atormenta, especialmente se estou destinado a refletir sobre problemas mais transcendentais. Resposta: essas coisinhas – nutrição, lugar, clima, devaneios, a casuística total do egoísmo – são infinitamente mais importantes de tudo aquilo que até agora tem sido considerado como importante.

Friedrich Nietzsche (2003, p. 64)

Falar de companheiros de luta é uma tarefa árdua. Talvez mais complexa que falar de comunidades distantes, longínquas. MacRae (1990), ao discutir sobre o início das pesquisas sobre homossexualidade no campo das ciências sociais – em especial a Antropologia – afirma que:

tradicionalmente a antropologia se ocupava principalmente do estudo de povos ditos 'primitivos', cuja cultura era tão diferente daquela do pesquisador que um grande esforço era necessário para estabelecer um nível mínimo de contato. Nessa situação, um estranhamento ou alteridade já era parte constitutiva do processo e, geralmente, era mais fácil ao antropólogo desenvolver sua própria interpretação daquela realidade do que absorver e adotar como sua a visão de mundo nativa. Porém, uma vez que se começou a empregar métodos de pesquisa antropológicos para o estudo de sociedades modernas, de cujas culturas o próprio pesquisador geralmente partilha, tornou-se muito mais difícil manter uma postura de distanciamento científico (p. 35-36).

O distanciamento científico citado acima me coloca em uma difícil posição como pesquisador e ativista, sendo sua garantia, portanto, (im)possível. Enquanto sujeito que narra, apareço nas histórias que se seguem – tanto neste como no próximo capítulo – na medida em que fui eu que as construí com base na produção compartilhada de dados narrativos. Entendo a dificuldade da tarefa de problematizar a produção das identidades ativistas homossexuais, mas, se a assumo, esse é um fantasma que sei presente.

O capítulo tem o objetivo de apresentar ao leitor os quatro colaboradores que se propuseram a ter seus corpos objetivados neste estudo. Para entendermos o porquê da decisão de intitularmos este capítulo “Corpos objetivados”, é necessário pontuarmos algumas questões acerca do processo de subjetivação/objetivação em Foucault. Segundo Revel (2005):

o termo 'subjetivação' designa, para Foucault, um processo pelo qual se obtém a constituição de um sujeito, ou, mais exatamente, de uma subjetividade. Os 'modos de subjetivação' ou 'processos de subjetivação' do ser humano correspondem, na realidade, a dois tipos de análise: de um lado, os modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos – o que significa que há somente sujeitos objetivados e que os modos de subjetivação são, nesse sentido, práticas de objetivação; de outro lado, a maneira pela qual a relação consigo, por meio de um certo número de técnicas, permite constituir-se como sujeito de sua própria existência (p. 82).

Para a escrita deste capítulo, como dito no caminho teórico-metodológico, foi encaminhada uma atividade que antecedeu a entrevista com os quatro colaboradores. A atividade foi nomeada

“Minha linha do tempo...”. Diferente da entrevista oral, esta atividade buscou esquadrihar as principais etapas da vida do ativista homossexual, segundo ele próprio. Neste sentido, os “acontecimentos” escritos que surgiram nesta estratégia de fazer os ativistas escreverem sobre a própria trajetória, são tomados como as condições de possibilidade que levaram estes sujeitos ao ativismo homossexual. Além da “Minha linha do tempo...”, a narrativa que se segue sobre cada um dos colaboradores foi escrita com fragmentos das singularidades de cada um, que emergiram na entrevista e, em alguns momentos, com o conhecimento do autor sobre cada um dos colaboradores. É neste sentido que os acontecimentos narrados na atividade são abordados como “uma população de acontecimentos dispersos” (FOUCAULT, 2005a, p. 24).

Estes “acontecimentos” narrados, ao serem escritos, passam a fazer parte da “memória escrita” dos homossexuais que colaboraram com a pesquisa, e abre-se, então, a possibilidade de uma contribuição intelectual para a constituição de um saber sobre como os indivíduos se constituem ativistas homossexuais. Os colaboradores desta pesquisa estão imersos em uma malha de poder, ou seja, exercem e são afetados pelas relações de poder. Neste sentido, os processos de subjetivação e objetivação dos sujeitos implicam olhar o funcionamento destas relações de poder. Este funcionamento pressupõe estudar os procedimentos e as técnicas utilizadas numa instituição, ou movimento, para atuar sobre o comportamento do indivíduo ou do grupo. Para Fonseca (1995) “pensar [...] nos processos de objetivação é pensar em aspectos da constituição do indivíduo” (p. 25).

Sabemos que o movimento homossexual constitui indivíduos de uma dada forma e o investimento nas histórias de vida destes indivíduos é uma trilha possível para uma compreensão da produção de identidades imersas no movimento homossexual. O indivíduo é, para Foucault, “o produto de uma relação de poder que se exerce sobre os corpos, as multiplicidades, os movimentos, os desejos, as forças” (FOUCAULT, 1978, p. 17). Assim, narrar “as coisinhas inexpressivas” de suas vidas, nos possibilita perceber como os discursos são possíveis de serem enunciados, e se materializam em sujeitos ativistas homossexuais. É no sentido genealógico de história, que vamos ao passado, “atrás das condições de possibilidade que levaram a se ter o que hoje se tem no presente” (VEIGA-NETO; FISHER, 2004, p. 22-23). Se considerarmos que o ativista homossexual não é hoje o mesmo ativista do período de emergência do movimento no Brasil dos anos 1970, é através dos indivíduos que aí estão e estiveram, e suas produções, que poderemos compreender o presente.



RICK

Não é por acaso que você vê muitos gays sendo apedrejados, são espancados, por

mostrar sua homoafetividade perante a sociedade. Ou ouvindo chacotinhas, mexendo sempre. Isso para mim é a causa homossexual...

Rick tem 31 anos. Homem branco, hemofílico, pobre. Nasceu em Belo Horizonte. Possui segundo grau completo. No passado trabalhou como garçom, atendente e atualmente é bilheteiro da Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU) no metrô de Belo Horizonte. Seus pais são analfabetos. **Rick** reside com o amigo **Edivan**^[16] no bairro Primeiro de Maio em Belo Horizonte.

O bairro Primeiro de Maio é um bairro popular, e se encontra na região norte da capital mineira. A proximidade da casa destes ativistas com a estação São Gabriel, do metrô, facilita o trânsito destes para a sede do Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais (CELLOS/MG), na região central de Belo Horizonte, o que pode ser uma das condições que possibilitam a grande frequência destes dois ativistas na sede da entidade. No caso de **Rick**, o fato de ser funcionário da CBTU facilita ainda mais, por ter a possibilidade de sair do serviço e ir direto ao CELLOS/MG de metrô, sem custo adicional.

Rick é integrante de uma família pobre, que sempre viveu na periferia de Belo Horizonte. Sobre a vivência nesta classe social **Rick** afirma: “*o que a gente queria, muitas vezes não podia [ter], mas minha mãe fazia o possível para comprar para a gente. Nós fomos ter nossa primeira televisão eu estava com doze anos, inclusive a gente tem ela até hoje guardada como relíquia mesmo, da infância*”. A referência familiar para **Rick** é sua mãe e o ativista narra em sua fala que nunca conviveu com seu pai.

Fui criado assim só o carinho de mãe, não tinha totalmente os meus irmãos. [...] Eu sentia falta do meu pai, né. Que eu vi ele três ou quatro vezes no máximo. E assim, só tenho uma foto dele. Minha mãe foi mãe e pai pra mim é até hoje é. [...] Eu fui assim, uma criança muito problemática quando menor. Sempre tive uma revolta muito grande por não ter vivido com o meu pai. Então, minha fase de criança e adolescente foi muito custosa para minha mãe.

Atualmente, está imerso em um relacionamento estável. Tem dois irmãos e uma irmã, todos portadores da hemofilia. Esta patologia se inscreve fortemente no corpo de **Rick**, que atribui a ela diversas experiências de sua vida. Devido à hemofilia, **Rick** dá seus primeiros passos aos nove anos, o que para ele influenciou bastante na relação que estabeleceu com a escola: “*porque haveria muitas faltas, porque eu tinha muitas hermatroses consecutivas, espontâneas, era joelho, cotovelo, tornozelo inchando, toda semana*”. **Rick** afirma ainda que nunca se deu bem com a família de sua mãe, apenas com uma tia de 80 anos, que ajudou em sua criação.

A “Minha linha do tempo...” de **Rick** (ANEXO 5) inicia a partir do momento em que ele conheceu **Edivan**. Seu novo amigo o convidou para que participasse do CELLOS/MG. **Rick** afirma que foi através deste convite que conheceu o movimento homossexual, e teve a possibilidade de se tornar ativista. As histórias de vida de **Rick** e **Edivan** se cruzam em certo ponto, quando se conhecem e decidem dividir uma casa. Apesar de pouco narrada por ambos, nos momentos em que

evocaram a existência do outro nas narrativas, o fizeram com muita ternura.

Um grande debate pairou sobre o CELLOS/MG em 2003. Tínhamos, enquanto belorizontinos, aprovado uma lei^[17] (ANEXO 6) que criminalizava pessoas jurídicas em razão da discriminação contra gays, lésbicas, transgêneros e bissexuais. Esta lei previa a instituição de um Centro de Referência que atenderia à população homossexual em casos de violência ou discriminação homofóbicas. Cabia, então, a este novo órgão municipal certas tarefas que tinham sido eleitas “bandeiras de luta” do movimento homossexual em um passado não muito distante. A Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (PBH), na Secretaria Municipal dos Direitos de Cidadania (SMDC), abrigou este centro. O debate no movimento homossexual belorizontino na época, era como faríamos esta conquista da cidadania homossexual não ficar apenas no papel. Optou-se, então, pela constituição de um coletivo que faria parte da “coordenação participativa” do Centro de Referência da Diversidade Sexual (CRDS). As entidades – Associação Lésbica de Minas (ALEM), Associação dos Travestis e Transexuais de Minas Gerais (ASSTRAV) e CELLOS/MG – assumiram a direção desta coordenação e tivemos a possibilidade de indicar um responsável pelos diálogos institucionais entre o CRDS, a PBH e os membros da coordenação participativa. Porque falo tudo isso? Porque **Rick** demarca em sua “Minha linha do tempo...” a questão de ter sido o membro do movimento eleito para este diálogo. Diz: “*onde foi confiado várias responsabilidades da ong cellos a minha pessoa*”.

Após este momento na vida escrita de **Rick**, este narra que passa a ter mais conhecimentos “*sobre militância e movimento gay*”. A nomeação de um cargo político para **Rick**, foi então, a possibilidade, nesta narrativa escrita, de um maior conhecimento sobre o movimento homossexual. Ou seja, as responsabilidades atribuídas a **Rick** pelo grupo, e a obtenção de um cargo político foram, para este indivíduo, a possibilidade de ter acesso ao saber já constituído do movimento homossexual e movimentos sociais. Cabe aqui ressaltar que, foi o governo de frente popular em Belo Horizonte que instituiu o CRDS; então, os sujeitos que ocupavam a SMDC, em quase todos os seus andares, eram também ativistas, de movimentos distintos – feminista, negro, deficientes –, mas ativistas.

Outro momento marcante em sua vida foi aquele em que narra: “*nunca tive vergonha de me assumir quanto gay e militante onde trabalho e junto a minha família*”. O “assumir-se” ocupa lugar privilegiado dentre os acontecimentos da vida de **Rick** em sua linha do tempo escrita, o que sugere o reforço a um direcionamento dado, desde o momento de emergência do movimento homossexual, enquanto política, que é a revelação pública da identidade sexual.

Por fim, **Rick** apresenta o fato de “*ser hemofílico e ao mesmo [tempo] gay mas sempre com conhecimento sobre minha Homossexualidade*” como etapa última de sua “Minha linha do tempo...”. O duplo preconceito, como categoria daqueles sujeitos com mais de uma identidade

inferiorizada nas oposições binárias – negro e gay, lésbica e mulher etc., por exemplo – emerge na narrativa escrita e falada de **Rick**. O sujeito hemofílico e gay – **Rick** – surge nesta história narrada com a convicção da discriminação ocorrendo por mais de uma via de afetação. Como dito, **Rick** narra durante a entrevista:

[Sofro] duplo preconceito. Por ser gay e hemofílico. Isso é nítido. [...] O Rick gay, o Rick pessoa homossexual, ele não tem essa dificuldade em expor sua homossexualidade. Agora o Rick hemofílico vê que as empresas caracterizam esse problema degenerativo que eu tenho que ocasionam muito afastamento da pessoa do local de trabalho.

Rick hoje é um ativista homossexual, com grandes responsabilidades junto à sua entidade e ao movimento homossexual local. Na narrativa construída com a “Minha linha do tempo...” de **Rick**, mesclada com algumas de suas narrativas orais, pudemos perceber um sujeito homossexual que constrói sua identidade ativista ao longo de sua trajetória de rapaz “pobre” e hemofílico, “responsável” e trabalhador. A inferiorização do sujeito homossexual é evidente nas falas de **Rick**, a partir do momento que alerta a necessidade de organização e luta contra as “violências” físicas e verbais sofridas. Para **Rick**, finalizo sua apresentação com o trecho de uma canção de Guilherme Arantes:

Vivendo e aprendendo a jogar
Vivendo e aprendendo a jogar
Nem sempre ganhando
Nem sempre perdendo
Mas, aprendendo a jogar.



LUCAS

Hoje eu não me vejo em outro tipo de profissão se não fossem nessas questões dos movimentos sociais. São cansativas, são estressantes, mas são prazerosas. E eu não consigo fazer outra coisa, não consigo ser funcionário público [risos], não consigo ser advogado, não consigo ser médico, eu quero trabalhar com pessoas e organizar esse povo...

Lucas tem 31 anos. É um homem pardo, de descendências físicas indígenas. Segundo ele, é descendente da tribo Marajoara, povo que também viveu no Pará, estado onde nasceu. Possui terceiro grau completo. É formado em Comunicação e atuou como jornalista. Ficou desempregado durante poucos anos, e hoje é assistente do Projeto Somos e Técnico em Direitos Humanos da PBH. O Projeto Somos é um esforço da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros (ABGLT), em parceria com o Ministério da Saúde (MS) do governo brasileiro, para formar e capacitar grupos homossexuais para que trabalhem com o público de gays, e outros homens que fazem sexo com homens (HSH), com relação às questões de doenças sexualmente transmissíveis,

aids, formação de um grupo homossexual, cidadania homossexual, dentre outras temáticas. Segundo o Ministério da Saúde (2005):

o Projeto Somos foi iniciado em 1999, com o objetivo de fortalecer apenas 24 grupos no decorrer de 3 anos no enfrentamento da epidemia da Aids. Já no ano de 2005, o Projeto Somos está presente em todos os estados do país e em 2005 tem uma meta de participação de 160 organizações. [...] O conceito que norteia o projeto é que, em termos simples, à medida que os grupos se desenvolvem, tornam-se capazes de realizar ações de advocacy, contribuem para mudanças sociais favoráveis aos gays e outros HSH e também se tornam aptos a intervir na comunidade local, promovendo a prevenção [à aids] e a cidadania (p. 14-15).

Lucas começa a narrar sua história escrita em dois momentos distintos: (i) movimento de igreja aos 14 anos e (ii) sua entrada no Partido dos Trabalhadores (PT). Ou seja, a “Minha linha do tempo...” de **Lucas** (ANEXO 7) marca esses dois momentos como se fossem únicos. Assim diz: “*mov[imento] de Igreja – 14 anos – entrei no PT*”. Diferente dos outros três ativistas, **Lucas** não inicia sua trajetória ativista no movimento homossexual, mas nos movimentos pastorais da igreja católica, e no movimento partidário no PT. Isso pode ser observado em diversas histórias de vida de ativistas homossexuais brasileiros, como exemplos que conheço, posso citar Cláudio Nascimento, do Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual do Rio de Janeiro (GAI/RJ); Liorcino Mendes, da Associação de Gays, Lésbicas e Transgêneros de Goiânia (AGLT/GO); e Soraya Meneses da ALEM. A linha do tempo de **Lucas** não segue uma cronologia numérica para contar sua trajetória, sendo marcada, então, por idas e vindas na curva impressa no papel. Assim, algumas alterações foram feitas no mesclar das narrativas escrita e falada de **Lucas**, com vistas à garantia da construção desta narrativa.

Lucas é um indivíduo atuante em todas as eleições em que participa, sejam elas para cargos públicos, nos sindicatos de classe, nas organizações privadas ou ainda para conselheiros e conselheiras. A primeira eleição que emerge na narrativa escrita de **Lucas**, foi a eleição presidencial de 1989, quando atuava nos movimentos pastorais, e fazia campanha para o candidato Lula do PT no segundo turno. O posterior rompimento com o PT – marcado na linha do tempo de **Lucas** – é uma etapa que o constitui como um ativista de uma esquerda determinada por certos “princípios” e “valores”. Assim, a esquerda não pode ser entendida, em sua narrativa, como um grupo coeso, em que todos seriam “companheiros e companheiras”, mas como um grupo que partilha ideais socialistas fundamentados em teóricos críticos, algumas vezes distintos[18]. Para **Lucas**, as correntes de esquerda que atuavam na Universidade Federal do Pará (UFPA):

*tinha assim a **convergência socialista** que era uma corrente trotskista, da quarta internacional, morenista. Tinha a CST, que era **corrente socialista dos trabalhadores**, que era uma racha da convergência socialista que são trotskistas mas não morenistas. Ai tinha a **força socialista**, que é uma corrente, eles não são trotskistas mas se reivindicam revolucionários. A **revolução**, não lembro qual corrente internacional que eles tem. **Semeando**, digamos assim, seja uma corrente de esquerda mas não trotskista. Ai [também] entram vários **movimentos***

intelectuais, assim, de esquerda né [grifo meu].

O primeiro curso que possibilitou a entrada de **Lucas** na universidade, foi o de Engenharia Química, em 1990, não-concluído. Imerso em um novo movimento social, o movimento estudantil, **Lucas** tem contato com esta série de possibilidades de atuação e estudo apresentadas em sua narrativa falada. Também, a entrada no movimento estudantil, marca sua saída do movimento de igreja. Segundo ele, “*depois que eu [...] entrei para o movimento estudantil, aí eu saí da igreja, aí não tive mais nenhum vínculo assim*”. Foi neste momento constituída sua identidade revolucionária, que visava a construção de uma nova sociedade, uma sociedade socialista. É nessa época, no início de sua participação no movimento estudantil, que **Lucas** rompe com o PT. Segundo ele: “*rompi com o PT por causa da política de conciliação de classe e peleguisse dentro da UFPA*”. A “peleguisse”^[19] a que se refere **Lucas** em sua linha do tempo diz respeito, como pude perceber em sua narrativa falada, ao processo eleitoral para a escolha de um novo reitor para a UFPA, em que **Lucas** apoiou o movimento Mudança:

*para reitor o M. que era **universidade e movimento social** [nome da chapa concorrente ao movimento mudança]. Que entrou [como componentes da chapa] o **PC do B** [Partido Comunista do Brasil], **articulação** [corrente interna do PT] – que lá é chamada **sinai de esquerda**, que é a nova direita né [risos], **sinai** é direitíssima – aí entrou a **articulação**, entrou o **PC do B**, entrou o **PSDB**, tanto que o M. era do **PSDB** e a vice era do **PT**, que era da **articulação**. Então assim, polarizou a esquerda e a direita dentro da universidade. [...] Eu apoiei o O.. E o **PT**, parte do **PT**, apoiou a **articulação**, né? Apoiou a **articulação** que era a Z., que era uma das fundadoras do **PT**, a vice. E parte do **PT** foi para o **movimento mudança**. Aí começou a contradição para mim. Pô, o **PT** apoiando candidatura ligada ao J., tal e tal. Porque a universidade era assim, era política, o tempo todo né, tátátá. Propagandas das correntes e tal. Terminou a eleição, eu me aproximei da **convergência socialista**. E eles eram muito bons ativistas.*

Esta aproximação, na fala de **Lucas**, é também pontuada em sua narrativa escrita, quando ele assume o contato com a convergência socialista, que já organizava então, um movimento pró-Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU), partido este onde **Lucas** militou durante oito anos. O PSTU foi fundado em 1994 por dissidentes do PT, e se diferencia deste em diversos aspectos: centralismo democrático como tecnologia disciplinar de manutenção da vontade das “bases”, descrença no socialismo em um único país, uso do espaço eleitoral como maneira de propaganda política de seus ideais, e não visando a eleição de seus candidatos (pois não legitimam o processo eleitoral “burguês”), dentre outras diferenciações.

O início de sua militância em um novo partido, recém fundado no Brasil, se dá também no momento em que **Lucas** inicia seu novo curso de graduação na UFPA, o curso de Comunicação, que constituiu a identidade profissional de **Lucas** como jornalista. Neste curso, **Lucas** assume a presidência do Centro Acadêmico de Comunicação (CACO) por três gestões. Além da participação de **Lucas** no CACO, também foi integrante da gestão do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da

UFPA, o qual define como “*gloriosa*” a gestão encaminhada pelos seus integrantes, durante duas gestões.

Como militante de um partido que utiliza a tecnologia do centralismo democrático, **Lucas** se muda de Belém do Pará para Belo Horizonte com o intuito único de construir a Secretaria de Gays e Lésbicas do PSTU, juntamente com militantes e ativistas que também atuavam na ALEM. Já em Belo Horizonte, atuando nesta secretaria partidária, **Lucas** passa a trabalhar como jornalista no DCE da PUC-Minas, onde eu tive a oportunidade de conhecê-lo, pois fui diretor desta entidade estudantil, e juntos trabalhamos por duas gestões. Em nossa atuação conjunta no DCE da PUC-Minas durante as gestões, “Luta” e “Democracia é Luta”, pensamos a possibilidade de fundação de um grupo homossexual em Belo Horizonte que hoje é o CELLOS/MG. Portanto, avalio que o encontro entre **Lucas** e eu, no movimento estudantil, sob a ideologia socialista revolucionária, foi a possibilidade de emergência do CELLOS/MG, como uma entidade que tem em seu nome e ações a palavra luta.

Lucas participou de toda a construção do CELLOS/MG, e foi um dos seus principais idealizadores. Lembro da primeira reunião do CELLOS/MG, quando ainda não tinha esse nome, realizada no Sindicato dos Empregados em Estabelecimentos de Serviços de Saúde (SINDESS), onde a dirigente da ALEM é também diretora, organizada por **Lucas**. Assistimos o documentário Parágrafo 175 (dirigido por Rob Epsteins e Jeffrey Friedman, Berlim, 1999), sobre como o governo fascista de Adolf Hitler, na Alemanha, abordava as questões homossexuais. A reunião teve a participação de 15 pessoas, das quais 3 ainda estão atuando no CELLOS/MG e inclusive fazem parte de sua diretoria.

Lucas é hoje uma das mais importantes lideranças homossexuais de Minas Gerais, reconhecida local e nacionalmente. A participação de **Lucas** nos movimentos partidários (em dois partidos), sindical (Sindicato dos Jornalistas de Belo Horizonte), estudantil (UFPA e PUC-Minas) formaram esse ativista para que pudesse cumprir seu papel de liderança. Dentre as atividades de liderança atendidas por **Lucas**, apresenta em sua linha do tempo ter sido eleito delegado para o congresso nacional da União Nacional dos Estudantes (UNE) por três vezes.

Hoje **Lucas** se reivindica como não possuindo uma identidade partidária. Isso se deu devido ao rompimento com o PSTU, já em Belo Horizonte, e após dois anos de fundação do CELLOS/MG. **Lucas** afirma que os motivos que o levaram a romper com o partido foram o “*sectarismo e a falta de resposta à questão homossexual*”, já que a “causa homossexual” não tem referências diretas às lutas econômicas. Apesar disso, o PSTU aparece na narrativa de **Lucas** como lugar possível do assumir-se. A esquerda brasileira é fortemente influenciada pelos ideais socialistas, principalmente a realidade socialista em Cuba de Fidel, e na Rússia de Stalin.

Um homossexual organizado na esquerda, pode viver conflitos como o de **Lucas**, visto que,

a construção do ideal socialista é assentada no socialismo “real”, um dos marcadores identitários da esquerda. Neste momento, é importante entendermos a prática política estalinista para com a população homossexual. Para tal, trago um fragmento de uma narrativa da década de 1970 de um homossexual russo – George Schuvaloff (pseudônimo) – que saiu de seu país para viver nos Estados Unidos, devido à prática política do estado estalinista com os homossexuais:

En Rusia no se tolera ningún tipo de sexualidad manifiesta. Tanto los heterosexuales como los gays crecen sin tener una conciencia cabal de su peculiar sexualidad. Muy pocos han oído hablar de Freud y casi nadie há leído sus obras. Pensadores como Adler, Fromm y Kinsey son del todo desconocidos incluso a los individuos más cultivados. Esta ignorancia, junto com los rasgos conservadores y hasta conformistas que han caracterizado a la cultura soviética a lo largo de los siglos, han constituido una sólida plataforma sobre la que erigir un montón de actitudes hostiles contra los homosexuales. Se les considera unos energúmenos..., seres primitivos..., gente a la que es preciso castigar o reformar. A los ojos de los que rigen la burocracia estatal los gays son individuos grotescos que escapan a toda comprensión. Peor aún, se los considera como una amenaza contra el sistema. ¿Por qué? Pues porque se estima que la homosexualidad es símbolo de la libertad intrínseca del individuo y eso, por descontado, es peligroso. [...] En un país donde está política y socialmente prohibido y perseguido acostarte com una persona de tu mismo sexo [...], hacerlo demanda una gran tortaleza de ánimo, de libertad interior, la misma que caracteriza a los disidentes del régimen. Como resultado, em Rusia se tiende a equiparar la homosexualidad a la oposición política. Dicho de otra manera: si eres gay eres, también, un contraventor em potencia del orden y la paz oficiales (EBERT, 1979, p. 353-354).

É neste momento, em que rompe com o partido socialista, que **Lucas** narra sua eleição para a presidência do CELLOS/MG e, como dirigente, a dificuldade que passou para manter a entidade “*em funcionamento*”.

A Parada do Orgulho GLBT de Belô é uma ação ativista que ocorre há nove anos. A primeira parada na capital mineira foi organizada pela ALEM e contou com a participação de 50 pessoas e, como narram os ativistas que participaram, foi composta principalmente de militantes partidários, ativistas sindicais e membros dos movimentos contraculturais (punks). A partir da oitava edição, por uma decisão consensual do movimento, a ALEM passou para o CELLOS/MG a coordenação da Parada. É importante ressaltar, que a coordenação da parada, como colocada na narrativa de **Lucas**, é efetuada apenas no projeto encaminhado ao Ministério da Saúde, sendo, na prática, organizada pelo coletivo de ongs que compõe o “comando da parada”. Este coletivo deliberativo é o responsável por todas as decisões políticas tomadas durante a organização da parada, sendo então o título de coordenação da parada um “cargo” político, visto as necessidades burocráticas de financiamento público deste evento.

Por fim, a “Minha linha do tempo...” de **Lucas** narra o crescimento do grupo, que passa a se configurar como um dos mais importantes do estado de Minas Gerais: “*maior grupo de militantes gays orgânicos de Minas Gerais e várias frentes de atuação: educação, direitos humanos, saúde e reconhecimento de boa parte da sociedade e afirmação no Movimento Nacional*”. O termo

orgânico é usado na narrativa de **Lucas** como categoria dos ativistas que compõem o CELLOS/MG. Para entendermos o termo nessa narrativa recorremos à sua fala: “*nós temos militantes de quatro anos. Desde a sua fundação. Nós temos militantes de dois, três anos, sabe? Então, se a gente for ver, a maioria dos nossos militantes eles não são militantes de uma semana, duas semanas. Eles estão na entidade há muito tempo*”, ou seja, orgânicos.

Entendo que **Lucas** costuma se localizar para o restante do grupo, como afeito ao método democrático e à honestidade. **Lucas** é, para mim, uma presença muito forte e admirada. Lembro um dia em que eu, ele, uma amiga bióloga e um ativista carioca pensávamos o encontro nacional de juventude homossexual – que não chegou a ocorrer – para o qual cogitava a possibilidade de acontecer em uma pousada no entorno do Parque Nacional da Serra do Cipó, paraíso ecológico em Minas Gerais. Na cachoeira da pousada lembro de **Lucas** sentado, imitando Oxum e cantando:

Eu sou sempre igual
Não desejo mal
Amo natural
Etcétera e tal

Dorival Caymmi



VICENTE

Fui jogar bola no domingo, e pela primeira vez um companheiro meu jogou bola comigo. Porque até hoje os companheiros que eu tive não gostavam de jogar futebol. Eu joguei futebol com esse cara e em uma jogada lá ele estava vindo pela linha de fundo, eu achei que ele tinha que cruzar porque eu fazia o gol, ele chutou e chutou para fora. E eu assim, porra amor, essa bola era minha. Simplesmente eu jogando com 20 homens e uns 10 do lado de fora...

Vicente tem 43 anos. Homem branco, classe média. Afirma ser doente devido à sua depressão. Nasceu e cresceu no Rio de Janeiro. Possui segundo grau completo. No passado, trabalhou como animador de festas e em um hotel em Angra dos Reis/RJ. Atualmente, é técnico em direitos humanos na Prefeitura de Belo Horizonte. Tem quatro irmãos, sendo dois homens e duas mulheres. Os pais de **Vicente** têm terceiro grau completo e comemoraram 50 anos de casados em 2006. Reside sozinho em um apartamento no bairro Santa Branca em Belo Horizonte.

Vicente afirma ter tido uma estrutura familiar segundo as normas nas quais as crianças são envoltas em uma atmosfera de muito amor e carinho.

Minha infância foi muito boa. [...] Sempre fui um menino muito danado, na questão de fazer bagunça, muito comunicativo, joguei muito futebol, que é uma coisa que eu adoro. Na questão escolar eu frequentei escola e tudo, passava de ano e tudo, mas eu não fui muito estudioso não. Gostava mais de jogar bola, brincar. Mas é isso, minha infância foi assim. Com quatro irmãos, brincando muito, muito amor e muito carinho.

Além disso, afirma ter sido uma criança agitada, o que, na atualidade, é reforçada pela reivindicação de sua identidade hiperativa. **Vicente** também se reivindica um homem depressivo, atribuindo esta patologia principalmente pelo início tardio do exercício de sua sexualidade.

[Hoje] eu estou vivendo a minha sexualidade, qual é o problema velho? Aí eu acho que foi toda essa porra de 15 anos aos 37, você sabe o que é isso? 23 anos mau vividos na questão da sexualidade. Isso me detonou de alguma forma. E de repente eu sou um cara hiperativo, eu tenho que, não sei de forma, uma yoga, isso e aquilo, tentar me centrar, mas eu sei das minhas qualidades cara.

O futebol é uma das práticas que **Vicente** mais gosta de exercer, e que possibilitaram certa notoriedade deste ativista nos campos sociais, em que freqüentou na adolescência e início da vida adulta.

Eu sempre fui admirado por ser extrovertido, comunicativo e na questão do futebol que eu quase fui profissional do futebol, as pessoas até hoje me admiram muito por causa do futebol. Então eu tinha tudo isso na escola, tanto no ginásio como no científico, como na PUC porque eu tinha bolsa porque eu jogava futebol.

Segundo o ativista, a prática do esporte possibilitou o seu trânsito entre diferentes classes sociais: “jogava bola em favela, no melhor clube do Rio, eu sempre tive essa coisa de conviver com todas as classes sociais”. O futebol, assumido como um atributo masculino, ilustra bem a masculinidade de **Vicente**, que afirma nunca ter sido chamado de homossexual, e não ter o que denomina “estereótipo”, ou seja, efeminado.

A participação de **Vicente** nos movimentos sociais inicia-se, como em **Rick**, no movimento homossexual. A emergência da identidade ativista de **Vicente** ocorre quando este se muda do Rio de Janeiro para Belo Horizonte, para morar com seu irmão. Aos 38 anos começa a freqüentar o que **Vicente** nomeia de “gueto” homossexual.

Vicente se nomeia, neste estudo, como um indivíduo homossexual em alguns momentos, e bissexual em outros. Afirma que a mudança para Belo Horizonte possibilitou que este iniciasse o exercício de sua homossexualidade. É neste mesmo período – de mudança para Belo Horizonte – que **Vicente** inicia sua “Minha Linha do Tempo...” (ANEXO 8) com a entrada em sua primeira entidade homossexual, o Clube Rainbow de Serviços. Sobre este grupo falaremos novamente mais a frente.

Vicente segue rumo contando sua participação na aprovação de duas leis: uma estadual e outra municipal (Belo Horizonte). Ambas as leis aprovadas, punem a discriminação por orientação sexual em estabelecimentos públicos e privados de suas respectivas esferas. Além de, como visto na narrativa de **Rick**, instituírem Centros de Referência para a população homossexual “vítimas” de violência e discriminação homofóbicas. Esta estratégia do movimento homossexual de luta identitária no legislativo, é assumida pelos grupos e entidades de forma consistente na segunda metade da década de 1990 e, segundo Ramos (2005), é característico deste período:

a multiplicação de iniciativas no campo legislativo, da justiça e da extensão de direitos. Entre elas, mencionem-se as iniciativas de projetos de lei e de leis municipais, não só nas grandes cidades, mas também nos médios municípios, especialmente legislações destinadas a criminalizar diversas formas de discriminação de homossexuais (p. 33).

Vicente então narra sua decepção com a primeira entidade onde se organizou. Atribui essa decepção a três fatores, sendo eles “*ética, propaganda enganosa e exploração de mão-de-obra*”. Estas questões serão melhor discutidas no próximo capítulo onde abordaremos a identidade-diferença no movimento homossexual. Como baliza da identidade ativista homossexual defendida por **Vicente**, afirma sobre um dirigente de outra entidade mineira: “*ele não deixa de ser ativista, mas ele é um ativista do mau. Acaba que a maneira que ele age prejudica muita gente. Ele não une o movimento, ele toma atitudes individuais que prejudica, prejudica a coletividade. Isso não pode, isso não pode*”. Mas, entendo na fala de **Vicente** que a suposta conduta “individualista” e “anti-coletiva” do dirigente desta entidade, não é suficiente para desqualificá-lo enquanto ativista homossexual, já que também ele vivenciou o “*sofrimento e o preconceito da sociedade*”.

Vicente já conhecia **Lucas** e o CELLOS/MG desde suas primeiras ações. O CELLOS/MG ainda não tinha um ano quando **Vicente** passou a atuar neste grupo. Foi **Lucas** quem convidou **Vicente** para que viesse conhecer o CELLOS/MG, quando este saiu do Clube Rainbow de Serviços. É neste clima que **Vicente**, então, diz que conhece pessoas éticas e militantes “*de verdade*”, que o chamam para fazer parte do grupo, e afirma ser este o grupo onde continua atuando até hoje, “*e se possível militarei sempre*”. Esta etapa narrada por **Vicente**, demonstra os atributos que enxergou no CELLOS/MG, para que viesse a atuar neste grupo, e continuar atuando até hoje.

A entrada na entidade foi, para **Vicente**, a possibilidade para que conhecesse outros movimentos sociais. Em sua narrativa falada introduz um conceito de “*ativista geral*”, que seria aquele indivíduo “*que batalha pelos direitos humanos*”. Percebo que esse discurso está presente em falas como a de Clodovil Hernandez do Partido Trabalhista Cristão (PTC) de São Paulo, primeiro homossexual assumido eleito deputado federal no Brasil, que afirma: “*vou defender os direitos humanos. Não tenho orgulho de ser homossexual. Tenho orgulho de procurar levar coisas boas para as pessoas. O respeito tem que existir. As pessoas devem ser respeitadas porque são humanas, não porque são gays*” (HERNANDEZ, 2006, p. 57). Com esta concepção de ativismo homossexual como luta pelos direitos humanos, “*geral*”, **Vicente** narra então a tentativa de abertura de uma interação “*na luta pelos direitos e contra a discriminação existente na sociedade*”, envolvendo os mais variados movimentos sociais, o que, segundo entendi, constituiu **Vicente** como um ativista homossexual ligado aos direitos humanos, campo este do ativismo nomeado como “*geral*”.

A participação no CELLOS/MG, desde seus primeiros anos, fez com que **Vicente** narrasse o processo de crescimento do número de ativistas do CELLOS/MG, e do número de ações em que

este grupo esteve envolvido. O leque de ações – com a entrada de indivíduos das mais variadas faixas etárias, áreas do conhecimento e histórias de vida, fez com que o grupo ampliasse seu leque de ações, interferindo nas políticas públicas de educação, saúde e nas áreas jurídica e ambiental. Diz **Vicente**: “vivenciei o crescimento do grupo CELLOS/MG que dá ênfase à educação, saúde e direitos humanos, participando de trabalhos de prevenção às DST/HIV/Aids, palestras nas escolas para formação de alunos e professores etc.”.

Depois de dois anos de atuação da “coordenação participativa” na SMDC, junto ao CRDS, a PBH possibilitou a contratação de um profissional intitulado “técnico em direitos humanos”, que visava auxiliar os trabalhos da Coordenadoria de Direitos Humanos (CMDH) do município de Belo Horizonte. **Vicente** foi o primeiro ativista homossexual a ser contratado.

Com o trabalho e a força do movimento, esse atual governo [Frente Popular na Prefeitura Municipal de Belo Horizonte] abriu uma vaga para que um homossexual do movimento assumisse um cargo na SMADC [Secretaria Municipal Adjunta dos Direitos de Cidadania], cargo esse de técnico na Coordenadoria Municipal dos Direitos de Cidadania, para que fizesse a interlocução entre o movimento e o governo e vice-versa, ao qual tive a felicidade de ser indicado, com uma certa autonomia para continuar na luta, na militância.

O trabalho na PBH em conjunto com as responsabilidades junto ao CELLOS/MG, fizeram com que o número de atividades em que **Vicente** atuava aumentassem. Ele afirma que:

atualmente estou com as demandas dobradas, pois também faço parte pelo movimento de ong das Paradas GLBT, ações afirmativas como palestras, prevenção das DST/HIV/aids, formação de novos militantes e com ênfase nos Direitos Humanos tanto no Movimento Homossexual como no governo.

Vicente é um homem doce, que levou um texto para contribuir com a minha pesquisa no dia da entrevista. Minutos antes de iniciarmos a gravação, **Vicente** retirou de sua mochila um texto intitulado “Educação Indígena no país cresce 17,5% em apenas dois anos”, recebido por e-mail através da *mailing list*, do Conselho Regional de Psicologia no dia 16 de março de 2006. Essa troca de informações não é algo novo no grupo CELLOS/MG, sendo um dos atributos que constituem a identidade ativista do grupo. É também, neste sentido, que **Vicente** narra o CELLOS/MG como um grupo homossexual ligado aos direitos humanos. Outro exemplo que pode ilustrar o “*ativismo geral*” apresentado por **Vicente** é sua preocupação com o termo “lésbica” que emerge em sua entrevista:

Quando tinha 13 anos, 12, 10, eu lembro que lésbica era um termo pesadíssimo né. Pesadíssimo para mim. E tinha toda uma carga de preconceito, de pejorativo em tudo isso. [...] Só que na época com toda aquela carga lésbica nossa, lésbica era um xingamento. Isso era um nome podre, isso remetia a coisa ruim. [...] Existe uma ilha de Lesbos na Grécia. Existia. E essa ilha de Lesbos tinha uma liberdade para a mulher atuar sexualmente, na arte. Safo era a poetiza de Lesbos. Por isso que ela era conhecida como Safo de Lesbos. E aí Lesbos veio esse termo lésbica, e safadeza veio de Safo.[Sobre a história do termo lésbica] é tão normal, tão bonitinho cara.

Para **Vicente**, finalizo sua apresentação com um poema de Safo que ele recitou durante a entrevista:

Quem é belo é belo aos olhos e basta.
Mas quem é bom, é subitamente belo.

Safo de Lesbos



EDIVAN

*O que mais me dá tesão é isso que eu vou falar também, é o respeito que eu conquistei. Eu, **Edivan**, nordestino, pessoa, não tenho nem segundo grau ainda completo, ter aquele povo todo da faculdade lá, sabendo o que a gente está fazendo aqui, quando eu terminava, nossa, eu pensei que você fazia filosofia. Eu achei que você já era mestrando em sociologia né. E eu digo com orgulho, não, estou fazendo o meu segundo grau. Vou chegar lá ainda, mas ainda não cheguei sabe. Então dos meus maiores méritos e o meu maior orgulho é ter toda uma galera de um grupo me respeitar, pode até não gostar de mim, mas nunca me disseram isso na minha cara. Se quiser depois a gente conversa. Eu não estou ali para gostar de ninguém e ninguém de mim. Eu estou ali para militar. Se é para militar pode falar, se não é, vai com sua subjetividade, frescurinha, vai para outra turma. Isso eu amadureci muito no CELLOS também. O Dignidade não tinha me dado isso porque era muita porralouquice, muita coisa grande, muito dinheiro, então não tinha muito isso. Mas assim, de ser chamado para a resposta mesmo foi aqui no CELLOS...*

Edivan tem 27 anos. Nasceu em Natal, capital do Rio Grande do Norte. É filho de uma mãe pobre, com dois irmãos e uma irmã, todos filhos de pais diferentes. Sua irmã tem dois filhos. Nesta família, quatro integrantes são homossexuais, o irmão mais velho, a irmã e seu sobrinho de 15 anos. **Edivan** ironiza a quantidade de homossexuais em sua família como uma “questão genética”, devido ao fato de sua mãe ter tido os quatro filhos com diferentes parceiros.

Eu chamei minha mãe de puta, sabe, já chamei ela de que mais?, foi um dia que ela me deu um tapa na minha cara. Você quer ser tão certa, tão dona da verdade que seus filhos diferentes, cada um tem um pai, para mim isso é coisa de puta. Deu para um, deu para outro, deu para outro, cada um nasceu de um pai. Isso é muito mais doido de explicar a genética de que tanto filho gay que minha mãe teve né.

A vivência na classe social pobre constrói as narrativas de **Edivan**, como muito próximas de agressões e violência. **Edivan** manteve um relacionamento estável com outro ativista do CELLOS/MG, por quatro anos. Neste relacionamento, foi agredido verbalmente inúmeras vezes, e fisicamente nove vezes, segundo ele. Na última agressão, optou por denunciar o namorado que havia ali quebrado seu nariz e “socado” sua face. **Edivan** afirma que não denunciou seu namorado nas agressões anteriores “por acreditar que ele melhoraria, que não iria acontecer mais, por amá-lo, por não querer ver o meu esposo sofrer”. Com isso, podemos exercitar o pensamento no sentido de que o namorado de **Edivan**, mesmo imerso no movimento homossexual por mais de três anos,

recorreu à agressão física como comportamento possível em seu relacionamento. Segundo Foucault “onde há poder, há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder” (1988, p. 91). Os discursos sobre as denúncias de violência doméstica, e a proximidade dos ativistas do CELLOS/MG com o movimento feminista, bem como com a Coordenadoria de Direitos da Mulher (COMDIM) na PBH, não interpelaram o namorado ativista homossexual de **Edivan** no sentido de “coibir” comportamentos de “violência doméstica”.

A história de vida narrada por **Edivan**, o coloca como um ativista homossexual que teve a possibilidade de morar em três capitais brasileiras: Natal, Curitiba, Natal novamente e Belo Horizonte, respectivamente. Seu irmão mais velho é pesquisador, e estava concluindo seus estudos em Curitiba quando convidou **Edivan** – então aos 12 anos – para viver com ele, na capital paranaense, onde permaneceu quatro anos: “*em Curitiba era um outro universo. Eu tive uma vida de pequeno burguês, o J. me proporcionou isso, eu estudava em escola particular. Tive toda uma estrutura. Muito, muito boa mesmo, não posso negar*”. Foi inclusive em Curitiba que o irmão assumiu a homossexualidade para **Edivan**, que a desconhecia: “*em Curitiba eu não sabia que o J. era gay até então. Nunca desconfiei do meu irmão, nunca. E aí lá em Curitiba ele assumiu para mim, olha, eu sou gay*”.

A “Minha linha do tempo...” de **Edivan** (ANEXO 9), inicia no momento em que este participa da fundação do grupo Dignidade, em Curitiba, aos 14 anos, em 1993. Sobre a fundação do grupo, Reis e Harrad afirmam que, “nossos princípios básicos sempre foram a visibilidade, a organização e a ousadia. [...] Quando foi veiculada a primeira entrevista sobre o Grupo Dignidade eu ainda era professor numa escola da rede estadual [...]. Quase houve uma revolução na escola” (1996, p. 92). É neste grupo que **Edivan** afirma ter sido “*o primeiro adolescente a organizar as reuniões do núcleo adolescente*”. Portanto, ao falarmos de **Edivan** estamos falando de um ativista homossexual, que inicia suas ações aos 14 anos e que, com 27 anos, já possui uma trajetória de treze anos de ativismo homossexual.

É no grupo Dignidade que **Edivan** consegue seu primeiro emprego, como office-boy do grupo que precisa e participa da execução de um projeto de prevenção às DST/aids intitulado “*Cavalo Massa*” – distribuição de materiais didáticos e preservativos para a juventude homossexual e travesti em Curitiba. Em sua narrativa, **Edivan** relembra o privilégio de ter-se reivindicado ativista homossexual desde tenra idade. O ativista é, então, reprovado na sétima série do ensino fundamental em Curitiba, o que faz com que o irmão que o sustentava o enviasse de volta para a favela onde morava em Natal.

Quando eu voltei para o beliche, a casa da minha mãe são dois cômodos, é essa cozinha aqui [em referência à cozinha de sua casa na capital mineira], que a minha mãe morava, é dessa parede para aquela outra ali, era a casa que morava

ela, eu, a minha irmã, o D. né que já tinha nascido, meu sobrinho e meu irmão P., cinco pessoas, numa casa deste tamanho [preferência com os dedos a um espaço pequeno] com um banheirinho no quintal.

Quando retorna para o bairro Guarapes em Natal, escolarizado, percebeu-se diferente dos adolescentes de sua idade, e foi convidado pelo coordenador do tráfico deste bairro a contabilizar o “negócio”, já que o traficante era analfabeto e não sabia fazer contas.

*Me envolvi com crack. Que podera, mas não no sentido de fumar, foi aí que eu comecei a ganhar muito dinheiro. Eu comecei a vender crack junto com o J. e a L., que o apelido é J. DaVéia, que já até morreu e a mulher dele. E aí que massa que era, sabe porque que era? Porque os dois eram analfabetos, não sabiam ler, nem escrever, nem contar. E aí eu sabia disso tudo. E eu era muito amigo da L.. Nós éramos amicíssimos, ela morava nos fundos da minha casa. Que que o DaVéia pensou, vamos chamar o **Edivan**, ele está desempregado mesmo, vou dar uma grana boa para ele, e ele fica sendo o nosso tesoureiro cabeça de ferro. E foi isso que eu virei.*

Edivan permaneceu no tráfico cerca de oito meses, e sua mãe e familiares não sabiam desse seu envolvimento. Afirma a independência financeira em relação à sua mãe como condição que possibilitou uma vivência tranqüila de sua sexualidade na família.

Minha mãe é interesseira. Quando eu comecei a trabalhar, aí eu comecei a por dinheiro dentro de casa, pagar luz, pagar água, pagar comida, comprar leite, inclusive para os netos dela que nem eram meus filhos, eram filhos da minha irmã, aí começou a surgir um respeito. Aí começou a surgir uma confiança. Que aí ela opa, o cara é viado mesmo mas está batalhando. Está trabalhando. Está fazendo isso, está fazendo aquilo. Aí sim, aí eu comecei a conquistar o meu espaço.

Durante o período que permaneceu no tráfico, **Edivan** iniciou sua participação no Grupo Habeas Corpus Potiguar (GHAP), onde permaneceu três anos, e atuou em “vários projetos e visibilizamos algumas demandas do movimento”. Segundo **Edivan**:

*o GHAP funcionava lá no bairro Alecrim, na cidade de Natal, e aí eu comecei a frequentar o GHAP, foi quando eu conheci o C., o W., o D., o G., que são até hoje da direção do grupo, algumas travestis, e aí o Z. [amigo de infância de **Edivan**, hoje travesti] começou a militar no grupo, mostrei para ele como é a vida de militante, ele até hoje vai, agradece, é militante.*

Edivan atribui às reuniões do GHAP a característica de serem sagradas: “eu ia para as reuniões sagradas, cheio de dinheiro, ninguém sabia porque, eu falava que estava trabalhando né”. Segundo o ativista, o exercício do ativismo no grupo potiguar, influenciou uma vivência “positiva” do “assumir-se” para a família, que ocorreu através da leitura de uma carta de um ex-namorado curitibano de **Edivan** por sua mãe:

Quando ela [mãe] descobriu, foi uma carta do A., que ele mandou para mim, em meu nome, olha como minha mãe era rapariga, filha da puta. O A. de Curitiba, e mandou uma foto, que eu tenho essa foto até hoje. Ele era lindo, igual menininho mesmo europeu. [...] Minha mãe abriu essa carta. E a coitada dizia que era analfabeta. Ai, não sei ler, sabia ler sim. E aí ela abriu essa carta e estava essa foto, ela leu tudo, né. O A. dizia que sentia saudades de mim, dos meus beijos, dos meus abraços, de comer a minha bunda, tudo, porque ele era muito [...]. E aí

*minha mãe ficou a tarde inteira esperando eu chegar, eu nem sei aonde eu estava, eu estava na rua. Quando eu cheguei ela sentada com o óculos dela abaixado assim [interpretando a cena], com a foto e a carta na mão assim, o que você me diz disso? Um homem mandando foto dizendo que te adora pacas? Que come a sua bunda? Que você chupa o pau dele? **Edivan**, eu não estou acreditando.*

A reação da família de **Edivan** foi a de não entender a homossexualidade do parente: “*houve muita discriminação por parte da minha família*”, e o exercício do ativismo é uma forma de resistência à situação de inferiorização de **Edivan** na família, por se relacionar afetivo-sexualmente com homens: “*e aí eu tive que ser mais militante do que nunca para enfrentá-los*”.

No ano de 1999, quando o irmão mais velho se muda para Belo Horizonte para uma nova etapa de sua vida acadêmica, opta por convidar o irmão **Edivan** para vir morar com ele. Neste momento, afirma que estava um pouco afastado do movimento. É no momento de mudança para Belo Horizonte, que **Edivan** conhece a religião budista e passa a ser, desde então, integrante desta instituição religiosa com origem asiática: “*eu nem tinha noção do budismo ainda, o J. já era [irmão mais velho], mas eu não era budista ainda. Não sabia o que era causa e efeito, só sabia assim, que eu estou voltando de novo a uma fase da minha vida, estou tendo outra chance, eu sou um homem muito sortudo*”. Com o recrutamento de **Edivan** pelos discursos da religião budista, ele passa então a explicar sua situação familiar através desses preceitos:

Olha o karma da minha irmã, minha irmã é mulher, que veio assumir a lesbianidade dela a menos de 4 anos atrás. E a minha irmã tem o mesmo grau de tudo da minha mãe, três filhos, de pais diferentes, dois homens e uma mulher. A mulher parece-me que vai dar o maior trabalho para ela assim, no sentido de gostar de bimbar, igual, a mesma coisa que a minha mãe quando era moça, né? E o filho mais velho [da minha irmã] é a reprodução da vida do J. [irmão mais velho], é aquele gay tímido, que a J. [irmã] obriga a cuidar dos outros irmãos mais novos, lavar, passar, cozinhar e tudo. Isso é uma explicação pura de karma. Quem escapou desse karma? Eu. Mas aí o meu karma é o J. [irmão mais velho]. Né, você está vendo, o J. tem eu como irmão mas eu sou um karma na vida dele. Porque até hoje ele me protege, me banca, com 42 anos, eu com 27, até hoje eu estou aqui, e olha o meu karma, vinculado ao dele de novo.

Edivan finaliza sua linha do tempo quando conheceu um grupo de homossexuais, “*com históricos de movimento social*” e, com este grupo, fundaram o CELLOS/MG, onde “*comecei a militar no grupo até tornar-me vice-presidente do grupo no qual sou até hoje*”. Narra as possibilidades abertas pelo CELLOS/MG em sua vida, fazendo um pequeno histórico de sua atuação:

participei do curso de multiplicador pela Secretaria Municipal de Saúde/PBH, do V Fórum [Social] Mundial, III Lai Lai Apejo (Encontro de Raça, Sexualidade e Cultura), núcleos do CELLOS/MG em Itabirito e Contagem, Marcha dos 100.000, intervenção no bairro com assistência comunitária, lançamento do Brasil Sem Homofobia, organização da Parada do Orgulho GLBT, II Conferência Estadual de Direitos Humanos e eleição para coordenador do Centro de Referência Homossexual de Minas Gerais.

Edivan é um “autêntico” lutador homossexual, com seus “altos e baixos”, suas “curvas”, seus “deslizes”. Já dizia o Iluminismo que “o bom caminho é a linha reta”. Homem de pouca idade, mas muito ativismo homossexual e negro, em seu currículo. **Edivan** por muitos anos – e muitas entidades – contribuiu na luta contra a homofobia e o racismo em nosso país. Somos de uma mesma geração, mas de contextos e histórias de vida muito diferentes. Pensemos na construção de um mundo melhor, mas pensemos antes no cuidado de nós mesmos. Para **Edivan**, versos que me remetem a um indivíduo tão imerso na luta homossexual...

Lava esse cheiro de erva
pimenta e capim do vale
lava o suor da colheita
e aceita que eu te agasalhe.

Sivuca e Paulinho Tapajós

[16] Um tópico sobre **Edivan** se encontra nas páginas 83-87 neste capítulo.

[17] Em Minas Gerais existe a lei 14170/02 que determina “sanções a pessoa jurídica por ato discriminatório praticado contra pessoa em virtude de sua orientação sexual”. No caso, falo da lei 8.176/01 que funciona similarmente a lei 14.170. Ambas se encontram em anexo.

[18] Como exemplos de teóricos que a esquerda reivindica como norteando suas ações podem ser citados Karl Marx, León Trótski, Nihael Moreno, Stalin, Rosa Luxemburgo, Paulo Freire, dentre tantos outros.

[19] Entendo a peleguise nessa narrativa de **Lucas** como uma ação que supostamente trai os ideais da construção de uma sociedade socialista. Em Pinheiro (1995), encontramos que o termo surge no período do governo populista – década de 1940 “para designar os líderes sindicais. No hipismo [e também para os gaúchos], pelego é uma espécie de manta colocada sob a sela para amortecer os impactos entre o animal e o cavalheiro. No caso [dos movimentos sindicais], o líder sindical, indicado pelo Estado, amortecia os conflitos entre o capital e o trabalho, estimulando a cooperação para o projeto desenvolvimentista” (p. 73). Além desta definição, encontramos em Wikipédia (2006b), que “pelego é um termo depreciativo utilizado no jargão do movimento sindical para se referir aos líderes ou representantes de um sindicato que em vez de lutar pelos interesses dos trabalhadores, defende secretamente os interesses do empregador, ainda que tal atitude seja descoberta cedo ou tarde”. Percebo o uso do termo “pelego” também nos novos movimentos sociais, reformulado para designar os ativistas que encaminham ações que não auxiliam a construção da política de identidade dos movimentos.



A PRODUÇÃO DA IDENTIDADE ATIVISTA HOMOSSEXUAL

A PRODUÇÃO DA IDENTIDADE ATIVISTA HOMOSSEXUAL

Um povo que concebe a vida exclusivamente como busca da felicidade só pode ser cronicamente infeliz.

Marshall Sahlins (2004, p. 23)

Os ativistas homossexuais desta pesquisa são inscritos por diversos discursos que vão constituindo suas subjetividades. Ao produzir suas subjetividades, os sujeitos vão produzindo várias identidades. É nesse sentido que a identidade de ativistas homossexuais é assumida nessas múltiplas identidades como uma posição-de-sujeito, localizada sócio-historicamente e, será narrada pelo pesquisador, a partir de agora. Entendo que as narrativas produzidas durante esta pesquisa seguem uma temporalidade que, segundo Larrosa, está intrínseca na vida humana:

la vida humana está temporalmente constituida entre un principio y un fin (entre el nacimiento y la muerte), y en el interior de una temporalidad supraindividual en la que hay un tiempo que la precede y un tiempo que la sucederá. La vida humana es, en su misma esencia, tiempo. Por eso vivir la vida es, esencialmente, vivir el tiempo de la vida. Pero el tiempo de la vida, el tiempo en el que se articula el yo de la autoconciencia, no es un tiempo abstracto, una sucesión lineal, un mero objetivo, exterior, en el que las cosas suceden unas detrás de otras. El tiempo de la vida humana es relato (2004, p. 15).

Nesse sentido, analiso e organizo as narrativas dos colaboradores, criando uma temporalidade singular. Assim, dividi este capítulo em sete eixos: primeiro analiso o “perceber-se” homossexual, seguido do “revelar-se” – entendido como a publicização da sua identidade homossexual; processo este conhecido dentre os ativistas do movimento homossexual como “assumir-se”. Depois abordo algumas questões relacionadas à produção da identidade ativista constituída no Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais (CELLOS/MG). Além destas situações narro aspectos da formação do ativista, do compromisso com a transformação social, das experiências discriminatórias e, por fim, discuto um pouco ética e amizade no pensamento foucaultiano, uma situação que emergiu nas narrativas, mas que não foi aprofundada, buscando preliminarmente problematizar estes aspectos nas narrativas dos ativistas homossexuais.

Como estou imerso no movimento homossexual, na direção do CELLOS/MG, além de me considerar “amigo” dos colaboradores da pesquisa, sei que outras narrativas seriam possíveis com base na análise das entrevistas, sendo que, esta que se segue, é uma das narrativas possíveis acerca da produção da identidade ativista homossexual. Vou trabalhar neste capítulo com recortes das narrativas produzidas em união com os colaboradores da pesquisa:

esses recortes [...] são sempre, eles próprios, categorias reflexivas, princípios de classificação, regras normativas, tipos institucionalizados: são, por sua vez, fatos de discurso que merecem ser analisados ao lado dos outros, que com eles mantêm, certamente, relações complexas, mas que não constituem seus caracteres intrínsecos, autóctones e universalmente reconhecíveis (FOUCAULT, 2005a, p. 25).

Para narrar à história da produção das identidades ativistas no movimento homossexual, fui buscando nas falas dos colaboradores, alguns enunciados que vão produzindo o ativista homossexual. Nisto, inclui-se o perceber-se homossexual.

★ Perceber-se homossexual

É no sentido dos *formigamentos de vestígios verbais*[20], na rede de enunciados produzida pelos ativistas colaboradores, um dos pontos que iniciam a discussão sobre a constituição desses sujeitos: é como os indivíduos se “percebem” homossexuais. Esta pode ser considerada, segundo as narrativas, primeira “marca” do ativista homossexual. Como esta “marca” inscreve os corpos dos ativistas, o discurso que remete à percepção da homossexualidade no indivíduo, é ligado, muitas vezes, a marcas oriundas do corpo biológico. Para Louro “aparentemente se deduz uma identidade de gênero, sexual ou étnica de 'marcas' biológicas; o processo é, no entanto, muito mais complexo e essa dedução pode ser (e muitas vezes é) equivocada” (2001, p. 14). Isso pode ser percebido na fala de **Edivan**, ao definir que sua identidade sexual é uma característica que carrega desde o nascimento, atribuindo então, características biológicas a seu corpo sexuado: “*sou gay porque nasci assim, eu entendo que sou assim desde que nasci e ponto*” e, em outro momento de seu relato diz que, “*muita gente fala que eu tenho mão de menina, voz, uma voz mais fina, minha voz é aguda. Essa coisa de entonar mais assim. [...] Eu acho que eu pareço muito com a minha mãe*”.

Para Weeks, “estamos cada vez mais conscientes de que a sexualidade é tanto um produto da linguagem e da cultura, quanto da natureza”; não sendo, portanto, “partes 'essenciais' de nossa personalidade” (2001, p. 70), sendo a afirmação dessa essência homossexual, tanto na narrativa de **Edivan**, como no período de emergência do movimento homossexual, uma ferramenta para cunharem um sentido de si pelos indivíduos que viviam relações afetivo-sexuais diferentes das heterossexuais. Para isso, não são as características biológicas que determinam homens e mulheres, homossexuais e heterossexuais, mas sim, como essas características são representadas na contemporaneidade, e utilizadas como marcas definidoras das identidades de gênero e sexuais. Para Butler, “o próprio conceito de natureza precisa ser repensado, pois o conceito de natureza tem uma história e a descrição da natureza como uma página em branco e sem vida, como aquilo que está, por assim dizer, quase sempre morto, é decididamente moderna, vinculada talvez à emergência dos meios tecnológicos de dominação” (2001, p. 157). Para Foucault, a “biologização” das identidades de gênero e sexuais emerge com a corporificação biológica dos “desejos sexuais” ocorrido, principalmente, na instituição médica:

Ela [forma de poder] implica uma aproximação física e um jogo de sensações intensas, de que a medicinalização do insólito sexual é ao mesmo tempo efeito e instrumento. Engajadas no corpo, transformadas em caráter profundo dos indivíduos, as extravagâncias sexuais sobrepõem-se à tecnologia da saúde e do

patológico. E, inversamente, a partir do momento em que passam a ser 'coisa' médica ou medicalizável, como lesão, disfunção ou sintoma, é que vão ser surpreendidas no fundo do organismo ou sobre a superfície da pele ou entre todos os signos do comportamento (1988, p. 44).

O perceber-se homossexual na infância emerge nas narrativas de três ativistas homossexuais, como período de suas vidas, quando primeiro “perceberam” seus corpos como sexuados. Para Bujes, num contexto pedagógico onde os corpos infantis são estimulados a falarem de si através de atividades como brincar, dramatizar e desenhar, “cada criança estará implicada em estabelecer, em relação ao que é proposto, uma posição pessoal, um modo de ver-se naquela situação, tomando-se como um objeto a ser escrutinado” (2000, p. 21). Vejamos as narrativas que ilustram a infância e a constituição de corpos sexuados:

Na infância tinha aquelas brincadeiras de troca-troca e a gente brincava lá em casa. E as pessoas iam lá para brincar. Que eu tinha brinquedos, a casa era grande e tal. Só que rolava troca-troca com mulher, e rolava troca-troca com homem também. Era homem e mulher. Então isso acontecia. Agora na adolescência eu comecei a perceber que eu gostava de [pensativo] homem (Lucas).

*Desde os meus sete anos eu já sentia, eu tinha desejo pelos meus primos, impressionante assim, eu gostava de brincar com eles, de ficar pegando no pintinho, sabe? [risos]. Eu gostava demais assim. A partir dessa história de mostra o seu que eu mostro o meu começou a sair os desejos. Agora o mais interessante é que eu brincava muito com esses meus primos todos. D., R., R., brincava muito com eles, e tipo assim, da gente chupar o pintinho do outro, aí eu fico pensando, porra, com sete anos de idade eu já estou fazendo meia nove. Tudo de gostoso né? E eu lembro que eu tinha uns orgasmos fraquinhos. Não tinha esperma. Eu sentia aquele gozinho gostoso, sabe? Era muito bom. [...] Você pode achar que é viagem mas não é. O mais interessante é que com sete anos eu já tinha claro que eu era gay e eu já não tinha problema nenhum comigo. Eu me amava, já achava tudo o máximo. Eu já era bichinha. Minha mãe sabia, eu tenho fotos com seis anos de idade todo delicadinho. Meus amigos falavam para minha mãe, que o **Edivan**, esse aí é moninha (Edivan).*

Para **Vicente** foi a prática do futebol desde a infância o momento de “percepção” de seu corpo como um corpo sexuado: “no mínimo com uns dez, onze anos eu já sabia porque eu olhava, gostava de jogar tanto futebol e depois no vestiário, e gostava já de olhar os menininhos e tal”. Essas falas corroboram com o pensamento de Bujes que afirma sobre as crianças:

aprendem [...] uma gramática para se auto-expressarem, e um vocabulário apropriado para fazê-lo. Nessas experiências [de estimulação da criança para que elas aprendam a expressar sentimentos, desejos, necessidades], as crianças tornam-se sujeitos que falam de si mesmos de uma certa maneira. Nessas práticas em que são instados a se descrever e se redescrever, não apenas se constroem como pessoas, se transformam segundo direções esperadas (id, p. 29).

Por isso, as brincadeiras infantis podem ser entendidas como práticas sociais, em que também as crianças constituem-se como sujeitos. Esse processo ocorre dentro de “um repertório de modos de falar, de interrogar e de avaliar a si mesmas, presentes nas sociedades em que vivem” (id.,

p. 37). É nesse sentido que **Vicente** exercita seu pensamento no sentido de afirmar que, com uma outra abordagem da sexualidade durante a infância, o modelo das relações heterossexual/homossexual seria construído de forma diferente do atual, problematizando esta oposição binária: “*é coisa cultural, se a coisa fosse falada de uma forma diferente desde pequeno, conversando bastante sobre essa questão da sexualidade*”.

Podemos perceber na fala de **Vicente**, como visto no capítulo anterior, que este se nomeia como indivíduo acometido por patologias psicológicas, que afetaram seu relacionamento afetivo-sexual com outros homens até a idade dos 38 anos; o que entendo possibilitou **Vicente** entender sua sexualidade como uma série de relações afetivo-sexuais, e não apenas como carne. Segundo Foucault, “a carne é o que se nomeia, a carne é aquilo que se fala, a carne é o que se diz” (2002, p. 257). Essa representação em que o corpo é visto como carne, é “estendida” por **Vicente**, a partir do momento em que este entende seu desejo sexual como extrapolando o desejo carnal; sendo esta última visão difundida no tecido social pela objetivação do corpo por um “sistema de poder que comporta uma discursividade exaustiva e o silêncio como regra” (RIBEIRO, 2002, p. 11): “*eu tenho tesão por homem não só sexual, [mas] de carinho, de morar junto, tanto que eu já fiquei dois anos com uma pessoa aqui, moramos juntos*”. Para Butler, a constituição de nossa existência carrega desejos que não são originais em nossa essência (2004, p. 1-2), mas performativamente construídos; sendo a performatividade de Butler uma prática “reiterativa y referencial mediante la cual el discurso produce los efectos que nombra” (2002, p. 18). Segundo Fry e MacRae “desejos homossexuais são socialmente produzidos como são também produzidos desejos heterossexuais” (1984, p. 16).

“Perceber-se” homossexual, e buscar compreender os “desejos” homossexuais que o indivíduo singular “sente” em sua realidade, pode ser entendido como uma prática do reconhecimento de si, segundo uma identidade contemporânea e segundo desejos contemporâneos – disponíveis discursivamente em nossa sociedade. É esta “percepção” da homossexualidade (ou o sentido “homossexual” que esses indivíduos dão a si), que possibilita construir uma identificação ativista, e que faz com que indivíduos uma vez reconhecidos como sujeitos homossexuais, passem a integrar o movimento social em questão. Ortega, falando sobre o pensamento de Foucault, diz que “o indivíduo possui a capacidade de efetuar determinadas operações sobre si para se transformar e constituir para si uma forma desejada de existência” (1999, p. 23), entendidas com as tecnologias de si. Em Heilborn, a partir de uma outra perspectiva teórica, encontramos que são molduras que modelam a pessoa, e que estas “marcas” corporificam-se “em significados que articulam a imagem de si e a relação com o outro” (1996, p. 137), o que configura um processo tanto “exterior” ao indivíduo, como objeto de uma “interiorização”.

Rick, único ativista que não remonta à infância no que tange à “percepção” de sua

identidade sexual, leva-nos à adolescência no bairro onde morava, e relata que no momento desta percepção, o estranhamento e a aversão daquela identidade homossexual que o recrutava, foi a realidade dominante: “*Eu já sabia que era e comecei a sentir aquela atração. [...] Aí aconteceu o primeiro beijo e eu estranhei, lavei minha boca de várias formas, fiquei com nojo porque eu não estava preparado para aquilo*”. Esta fala de **Rick** nos remete provavelmente, a uma prática descendente da penitência cristã, em que “a cada pecado, devia corresponder uma 'satisfação' [penitência dada pelo padre]” (Foucault, 2001b, p. 217), visto à formação cristã de **Rick** em um colégio interno em Belo Horizonte. É no contexto de uma educação cristã que **Rick** afirma que não terem sido problematizados nenhum dos enunciados sobre sexualidade em suas aulas:

eu não sentia tesão. Não sentia atração por homens nessa época. Ainda era muito novo, não tinha formado a minha mente. [...] Fui ter essa definição na oitava série, com vinte e poucos anos. [...] Eu não tinha conhecimento disso. [...] Eu não sabia nem eu mesmo, nem de mim mesmo eu não sabia. [...] Não era discutido nada, nada sobre sexualidade. [...] Só aprendíamos o básico mesmo do ensino médio. Os próprios freis não orientavam isso. Não existia essa palavra sexualidade no ensino deles (Rick).

Os dispositivos pedagógicos têm atuado na constituição de normas discursivas, que constituem modos de como tratar a sexualidade na escola, e a “não existência da palavra sexualidade” no ensino de **Rick**, não exclui essa “temática” da escola, pois a mesma é falada segundo regras que controlam e legitimam os discursos autorizados como: o biológico, o da prevenção, o da reprodução... Sobre este suposto “silenciamento” do sexo nas práticas escolares, Foucault afirma:

seria inexato dizer que a instituição pedagógica impôs um silêncio geral ao sexo das crianças e dos adolescentes. Pelo contrário, desde o século XVIII ela concentrou as formas do discurso neste tema; estabeleceu pontos de implantação diferentes; codificou os conteúdos e qualificou os locutores (1988, p. 31-32).

Além de afirmar que:

é preciso não esquecer que a pastoral cristã, fazendo do sexo aquilo que, por excelência devia ser confessado, apresentou-o sempre como enigma inquietante: não o que se mostra obstinadamente mas o que se esconde em toda a parte, presença insidiosa que se corre o risco de se ouvir porque fala em voz tão baixa e muitas vezes disfarçada (id., p. 36).

É nesse contexto que Ribeiro apresenta, sobre o pensamento de Foucault que, “a partir do século XVII, em torno do sexo não funcionou o silêncio, o não-dizer, como regra fundamental, [...] mas sim o silêncio articulou-se a um outro mecanismo de poder, o da enunciação em determinadas condições e a determinadas pessoas” (2002, p. 11).

Com este entendimento, o “perceber-se” constitui-se como uma condição de possibilidade do ativismo, uma vez que o indivíduo deve reconhecer-se a si mesmo como um homossexual, para que possa então, ingressar nas trincheiras do movimento homossexual.

★ A revelação pública da identidade homossexual (ou revelar-se)

Na nossa sociedade “singularmente confessada”, é preciso ressaltar a importância que a revelação pública da identidade homossexual tem na constituição do ativista homossexual. Esta revelação nomeada no movimento homossexual como “assumir-se”, pode ser entendida como uma estratégia dos grupos para alcançar o objetivo de “conquista de direitos” (FACCHINI, 2005, p. 176). Segundo **Lucas**: “*Eu acho que a questão da visibilidade ela é uma atitude política para o ativista. [...] Quem não é ativista acha isso até ruim*”. Dois dos mais influentes dirigentes do movimento homossexual brasileiro, em sua biografia, também reproduzem esse discurso da revelação pública da homossexualidade como atributo necessário da identidade ativista homossexual, sendo um deles – Toni Reis – inclusive atual presidente da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros (ABGLT): “sem assumir-se e mostrar a cara, não há como querer que a sociedade entenda o que é ser gay ou lésbica” (REIS & HARRAD, 1996, p. 92). Para Fry e MacRae “enquanto a grande maioria [dos homossexuais] evitava se expor de alguma forma, temendo o desmascaramento e os efeitos terríveis disto, alguns homens e mulheres lutaram publicamente contra este preconceito” (1984, p. 81).

No momento do “assumir-se” de **Edivan**, descrito no capítulo “Retratos de Vidas: Rick, Lucas, Vicente, Edivan...” ocorrido quando da leitura pela sua mãe de uma carta de um ex-namorado curitibano, **Edivan** afirma:

*A questão de assumir a minha homossexualidade veio três meses depois, porque aí eu já era como eu sou hoje né, essa coisa assumida, era bichona mesmo, a minha mãe começou a pegar no meu pé. Minha mãe, meu irmão que é hetero, o P., e pegavam no meu pé mesmo, deu não poder conversar com o Z., trabalhava até então e assim, eu não aceito filho viado. E assim de primeira eu escondi, dentro de casa eu fazia uma linha, não chegava a fingir, de enganar, porque sou muito natural, mas eu fazia uma forcinha, tentava não desmunhecar muito. E fora eu era uma bichona, dava a bunda para os caras, saía com o Z., se minha mãe soubesse que eu saía escondido, quando eu chegava tomava uma surra (**Edivan**).*

Rick percebeu a necessidade de confrontar diversas instituições de nossa sociedade que, segundo ele, assumem como padrão de normalidade: “*homem e mulher, [já] mulher com mulher e homem com homem daí [...] não aceitam*”. A primeira destas instituições levantadas por **Rick** foi a família, a qual afirma ter dedicado tempo na elaboração de uma forma de “assumir-se”:

*Resgardeni, preparei o âmbito familiar para contar. [...] Aí eu contei, reagiram numa boa, [...] meus irmãos ficaram retraídos comigo, ficaram meio estranhos, mas depois aceitaram numa boa. Minha mãe sempre me aceitou, sempre me deu o maior apoio. [...] Eu segui a minha vida, meus irmãos a deles com a minha mãe (**Rick**).*

Esta instituição, a família, foi desenhada como solução para problemas político-ideológicos da revolução burguesa, que separa, então, os ambientes privado e público, sendo a família

constituída como “célula matricial da burguesia, enquanto classe, e do Estado, enquanto nação” (COSTA, 1996, p. 77). Assim, os conflitos estabelecidos na família de **Rick** fazem-no apresentar uma solução “pensada” de revelação da identidade sexual. Já na escola, um espaço público, **Rick** opta pela ocultação da homossexualidade. “*Eu não contei a ninguém, mantive isso omissivo, guardei para mim mesmo*”. No espaço de trabalho **Rick** teve outra forma de lidar com a sua homossexualidade: “*na minha empresa eu nunca escondi o que eu era. Sempre fui respeitado, até hoje nas empresas que eu trabalho eu falo da minha orientação sexual, explico o que é e o que não é, e nunca passei por esse tipo de preconceito, de ser dispensado por ser gay*”.

Essas falas nos levam a entender que a revelação pública da homossexualidade se constitui como um atributo determinante nos discursos ativistas homossexuais, para aqueles indivíduos que se reivindicam membros do movimento homossexual. Esse discurso emerge nos primórdios do movimento homossexual e, para MacRae (1990), “era importante para a solidariedade grupal esse sentimento de que a homossexualidade era uma marca inescapável e 'incurável', e que, portanto, a base para qualquer tentativa de melhorar a situação social do homossexual deveria vir do seu reconhecimento como tal, do seu 'se assumir'” (p. 41). Spargo afirma o revelar-se, como um indicador da posição-de-sujeito em questão: “para las lesbianas y los gays, estar 'afuera' o 'dentro' del anonimato em cuanto a su condición se convirtió en el indicador fundamental de su política sexual” (2004, p. 41).

A revelação da identidade sexual também é uma aposta desses sujeitos em um projeto de vida “feliz”, e a própria revelação pública de sua identidade, uma alternativa para alcançar “plena satisfação sexual”. Segundo **Vicente** o “assumir-se” possibilitou mudanças radicais em comportamentos vistos como “patológicos”, vivenciados antes dessa revelação: “*melhorou muito, muito, muito. Parei de roer as unhas, parei de me drogar, essas coisas todas, da cocaína e tal*”. **Lucas** narra com “bons tons” sua história do “assumir-se” por ter-se mudado para Belém ainda adolescente, e seus pais não vivenciarem esse período. **Lucas** deixa explícito que, somente na universidade pôde exercitar sua homossexualidade sem sentir-se inferiorizado:

a minha família, meu pai e minha mãe, eu estou dizendo, não participaram desse processo que muitos gays passam né, de adolescência, de afirmação [...]. Eu fui me assumir na universidade. Apesar de por exemplo, eu estudava com o E., eu estudava no colégio Ideal em Belém. Então na hora do recreio eu me encontrava com ele e a gente passava o recreio todo juntos. Todo juntos. Então isso daí para mim era muito, eu achava que as pessoas não percebiam. Isso era com 15 anos. Eu entrei na universidade com 17. [...] A gente se encontrava e ia para a quadra, e os meninos ficavam olhando. Aí eu tinha um colega que dizia assim, se eu não te conhecesse, eu ia até dizer que você era gay, porque o pessoal tá falando que você só vive com o E. [risos].

Essa fala de **Lucas** nos leva a problematizar o “assumir-se” como “categoria dada” e “necessária” na experiência homossexual adolescente, permeada por discursos que pregam a

obrigatoriedade da existência de conflitos na vida de jovens, que vivem experiências sexuais diferentes da experiência heterossexual. Segundo Parker: “compreender o comportamento individual é menos importante do que compreender o contexto de interações sexuais – interações que são necessariamente sociais e que envolvem negociações complexas entre diferentes indivíduos” (2001, p. 132), o que nos leva a entender que para **Lucas**, não ser submetido a uma situação de “assumir-se” no âmbito familiar, o fez ultrapassar uma etapa “importante”, em que o jovem homossexual seria constituído “revelado”, ou “assumido”. Para tanto, **Lucas** afirma que sua constituição se concretizou mais fortemente nos estudos, no ativismo religioso, e na militância partidária, que possibilitaram que este ativista se subjetivasse como homossexual singular; um homossexual que lutava desde os 12 anos por um “mundo mais justo para todos”.

★ Experiências discriminatórias

Para **Edivan** os ativistas homossexuais compartilham “*histórias de vida*” e é uma característica dos ativistas homossexuais terem vivenciado experiências discriminatórias: “*eu acredito que todas as pessoas que vão procurar o ativismo é porque elas sofreram uma discriminação significativa*”. Também na narrativa de **Vicente** encontramos este atributo como uma marca que partilham os ativistas homossexuais: “*a única coisa que tem em comum [entre os ativistas homossexuais] cara é o sofrimento e o preconceito da sociedade que também sofre e nós sofremos*”. A discriminação é juridicamente entendida no Brasil de duas maneiras: como uma discriminação direta, em que o indivíduo recebe um tratamento desfavorável, diretamente motivado por sua identidade homossexual, ou indireta no sentido que a discriminação se origina das conseqüências de uma regulação legal que se proporia como neutra e geral, mas que produz um tratamento diferenciado – desproporcional e injustificado – aos homossexuais (RIOS, 2001). Segundo Rios, “combater os impactos adversos das regulações aparentemente neutras pressupõe superar a discriminação direta contra homossexuais, prática ainda presente no ordenamento jurídico e na mentalidade comum” (id., p. 30). Já **Lucas** afirma que, o fato de ser um ativista religioso e militante partidário antes de seu ingresso no movimento homossexual, possibilitou a compreensão da inferioridade discursiva sofrida pelos homossexuais, na sua constituição como um ativista homossexual: “*pela questão mesmo já de ter essa leitura da necessidade de lutar contra a homofobia né*”. Todos então apontam a categoria, “exclusão dos homossexuais”, como leitura possível da realidade. Para Foucault: “exclusão dessas milhares de sexualidades aberrantes? Não, especificação, distribuição regional de cada uma delas. Trata-se, através de sua disseminação, de semeá-las no real e de incorporá-las ao indivíduo” (1988, p. 44).

★ Problematizando a identidade ativista homossexual

O ativista homossexual, como qualquer posição-de-sujeito em nossa sociedade, organiza-se discursivamente, e marca os corpos dos indivíduos recrutados, já que “é no corpo e através do corpo que os processos de afirmação ou transgressão das normas regulatórias se realizam e se expressam. [...] Os corpos são marcados social, simbólica e materialmente – pelo próprio sujeito e pelos outros” (LOURO, 2004, p. 83). Diz Hall que “o corpo tem funcionado como o significante da condensação das subjetividades no indivíduo” (2000, p. 121), além de ser “construído, moldado e remoldado pela intersecção de uma variedade de práticas discursivas” (id., ibid.). Desde o momento de emergência do movimento homossexual que esta identidade vem sendo construída, inventada, investida, constituída etc..

Para Britzman, “com a produção dessas novas e conhecidas identidades vêm junto as demandas daqueles grupos assim identificados [como população-problema], demandas que estruturam movimentos sociais atuais” (2001, p. 100). Segundo a autora, “os aparatos que dão significado ao sexo, permitem que o conhecimento moderno ganhe controle do corpo e, naturalmente, que o corpo resista e modifique o conhecimento moderno” (id., ibid.). Assim, como uma forma de resistência a um saber que institui a homossexualidade como “anormal”, conjura-se, como nomeado por **Rick**, uma “*causa homossexual*”. Esta “causa” é caracterizada por ele como o principal marcador identitário dos ativistas homossexuais: “[é que] temos uma luta em comum que é em prol da causa homossexual” e que “a luta é uma só [para todos os ativistas homossexuais], em prol da nossa própria causa”. Além disso, **Rick** nos leva a entender que o consenso é prática a ser seguida na construção da luta homossexual: “mesmo que haja divergências, atritos, mas a nossa luta é por uma causa comum. É a causa glbt [gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros]” e, “mesmo que haja divergência nós estamos sempre aí numa mesma causa”.

Para Woodward (2000) “as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença, sendo que esta marcação, ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social” (p. 39). É neste sentido que, também o ativista homossexual cellista, se diferencia tanto de outros ativistas, como de outros homossexuais e de outros ativistas homossexuais.

A principal diferença existente entre os ativistas homossexuais, e outros ativistas na fala dos colaboradores, é a causa para a qual cada um luta. Segundo **Rick**: “o ativista homossexual ele tem toda a sua causa. E os outros ativistas, o negro, o ativista índio, eles estão lutando em prol da sua raça”. Para **Edivan**:

a nossa classe é muito sofrida. No sentido assim de conquistas sim, óbvio, acredito nisso né, eu até faço parte de algumas, mas assim, os heteros não carregam a nossa bandeira. Isso é muito difícil você ir a uma passeata do PSTU, de não sei quem né, do MST e você vai ver raramente só uma bandeira [homossexual] escoradinha né. Aí quando é nós, no nosso evento, na nossa parada, aí todo mundo quer trazer bandeira. Então eu acho que isso aí já é também um pouco de

oportunismo da parte deles assim. Claro, as bichas dão visibilidade, chamam atenção, então vamos lá por as nossas bandeiras. Agora o contrário não, não vão deixar as bichas trazerem as delas não. Sabe, eu acho que há um pouco de oportunismo nesse meio (Edivan).

O movimento homossexual, como movimentação política, é definido nas narrativas dos colaboradores como atuando diretamente no indivíduo. Estas estratégias dos movimentos sociais surgem, segundo Bauman na década de 1980, época em que a identidade de classe já não “oferecia um lugar seguro para reivindicações discrepantes e difusas”, afirmando portanto que, “o descontentamento social dissolveu-se num número indefinido de ressentimentos de grupos ou categorias, cada qual procurando sua própria âncora social” (2005, p. 42). **Lucas** diferencia o movimento homossexual de outros movimentos sociais – principalmente aqueles que integram correntes marxistas de pensamento – por atuar diretamente com o indivíduo, não priorizando “classes”, “grupos” ou “populações” generalizadas; afirmando o constante aprendizado que o movimento homossexual lhe proporciona:

*a questão que eu tenho aprendido aqui é que eu tenho aprendido o movimento gay né. Tenho mais história nos outros movimentos. Movimento partidário. Eu acho que uma das coisas que a gente tem que estar entendendo é a questão da subjetividade. Sabe? As vezes as pessoas que não conhecem, que são de outros movimentos e tal falam assim, ah **Lucas**, você tem muita paciência, porque eu já entraria rachando. Não, mas eu não posso. Porque eu enquanto dirigente gay eu tenho que entender a subjetividade daquela pessoa. Então essa valorização do ser humano, por isso que eu sou do movimento gay, ele é um movimento de direitos humanos, ele é a essência tipo né? Porque a gente vê assim, o movimento sindicalista você perde um ativista e ganha dez. Movimento gay não. Para aquela pessoa chegar a ser ativista gay ela já quebrou milhões de barreiras e a gente não pode desperdiçar porque militante gay não nasce em árvore. Então aquela ali é uma pérola né. Que a gente tem que ir com todo o cuidado para a gente não perder aquela pérola. [...] Quando você vai para uns movimentos, mesmo os movimentos marxistas né, dos trabalhadores, partidários, tal, você acha que o central é a estratégia e o indivíduo não é. Então não me importa se o companheiro brigou em casa, brigou com a namorada, o importante é ele cumprir a tarefa e que isso que é a prioridade. O importante é a Revolução assim. No movimento de mulheres tem essa coisa também, no movimento negro também, tudo isso. E eu acho que no movimento gay não. Tem uma questão da afetividade. Que a gente precisa. E eu acho que é isso. Sabe, é, você tem que primeiro valorizar o ser humano. Que não adianta também ter trinta ativistas gays que a gente não possa estar discutindo o que estes gays estejam se [pensativo], que esses gays tivessem condições de estar dando respostas gerais se a gente não dá resposta no indivíduo. Então eu acho que isso é uma questão que a gente tem que sempre estar atento no movimento gay. Nós trabalhamos com pessoas, seres humanos, que sofrem, que amam, que choram, que estão numa carga de subjetividade, que tem uma trajetória de violência na sua vida, sabe? E que eu não posso tratar que todos saibam enfrentar essas dificuldades por igual, então estar dentro desse coletivo também focar o indivíduo. Eu acho que isso é o que diferencia [o movimento homossexual de outros movimentos sociais]. Né, porque eu já fui de movimento sindical, já trabalhei em sindicato. Fui do movimento de partido e tal, e dificilmente a gente discutia o indivíduo. A gente discutia geral. Geral, a estratégia que é o importante, as ações você tinha que cumprir. Agora não queria nem saber se você está desempregado, ou que você brigou com o namorado, que sua família está em. Sabe? O importante é o geral. Eu acho que no movimento gay*

não. A gente tem que preparar o indivíduo para que ele tenha condições para a luta geral (Lucas).

Vicente afirma a existência de duas formas de ativismo no interior do movimento homossexual, o ativismo geral e o ativismo específico: “*eu acho que o ativista tem que ser geral. Claro que ele tem que ser para o lado específico, mas se não pensar no genérico, é a tal da indivisibilidade dos direitos humanos*”. Para ele, “*não adianta lutar só pelo nosso direito [dos homossexuais]. Os nossos direitos envolvem vários outros direitos*”. Esta concepção surge no seio da esquerda. Segundo Fry e MacRae, “*até mais ou menos 1975, os partidos políticos de oposição consideravam que os movimentos feminista, negro e homossexual eram irrelevantes à luta geral, ou seja, a questão das desigualdades entre as classes sociais*” (1984, p. 117). Além disso, os autores colocam a importância de um novo entendimento de poder no reconhecimento da política identitária encaminhada pelos movimentos feminista, negro e homossexual: “[*para estas movimentações*] terem chegado a ser reconhecidas como ‘*políticas*’, a partir de uma visão da sociedade que enxerga o poder não apenas como Estado, mas também na rua, no escritório, no hospital, dentro de casa e na cama” (id., ibid.), e categorizam estas estratégias como uma politização da vida cotidiana. Para definir ativismo geral e específico, **Vicente** recorre ao papel da entidade homossexual no ativismo geral:

se eu tivesse um plano só, pelo ativismo homossexual, eu estaria só preocupado se tem direito ao livre afeto em público, ficaria só preocupado nas leis e isso tudo. E o ativista geral preocupa com o ser humano cara. Então eu não quero saber se o cara é hetero, tanto que eu estou me relacionando com vários heteros, assim como eu vejo você também se relacionando. [...] Eu milito numa ong homossexual, que luta pelos direitos dos homossexuais, é uma coisa que é muito importante para mim, mas eu acho que está tudo entrelaçado, não adianta a gente ir só por este canal. Porque como eu já falei, a gente tem que lutar pelos direitos de, um direito a um bom salário é para todo mundo. Não dá para lutar por um bom salário para o homossexual. O que a gente pode trabalhar é por mais empregos para o homossexual, porque não é igualitário de jeito nenhum (Vicente).

Discursos que diferenciam o ativista homossexual de outros homossexuais também emergem nas narrativas, constituindo o ativista homossexual como uma norma que inferioriza aqueles homossexuais que não são ativistas, por ligarem estes últimos ao desleixo com a construção de uma sociedade melhor, e à futilidade com que agenciam^[21] suas vidas:

No nosso movimento, o homossexual ativista ele sabe pelo ideal que ele está lutando. Ele está tentando sempre melhorar. E o gay não ativista, ele tem o direito de não ser, pode ser porque ele é uma pessoa não assumida ou aquela pessoa que não está nem aí. Não querem ter o conhecimento da causa ou batalhar por aquilo. Ele só quer saber de diversão, boates, bares (Rick).

O homossexual que não é ativista [...] é despolitizado. Porque a partir do momento que a pessoa se politizar um pouco, se envolver, ela vai começar a entrar nessa nossa luta pelos direitos. Normalmente o homossexual não ativista, existe até uns que não são ativistas e dão alguma colaboração de alguma forma, financeira, cuidam da estrutura, mas é raro. A maioria cara está preocupada em

se vestir, em passear, ir a boate, e eu não vou fazer julgamento moral de jeito nenhum, cada um faz o que quer, mas há essa grande diferença cara, o ativista homossexual além de ir a boates, passear, e talvez querer se vestir bem ou isso ou aquilo, ele está lutando por alguma coisa. Ele está somando força para que a gente conquiste o nosso lugar na sociedade. [...] A maioria não quer muito saber disso não, porque eles não tem a noção do poder individual que cada um tem e coletivo quando se junta a uma ong ou se junta a algum tipo de trabalho que possa trazer algum retorno de direitos aos homossexuais (Vicente).

Se eu ver um cara não vender uma cerveja, não passar um cigarro para um gay porque ele é gay, aí eu vou no meio, dou bafão. A diferença é que o gay que não é ativista, ele não é militante, que não tem consciência igual eu falei antes, ele se cala. Ele fica com medo. Ele vai embora. Eu não, parto para cima mesmo. Não vou violentamente claro. Mas eu vou com os meus argumentos. E eu, pelo menos nas minhas experiências que eu já tive aqui no bairro, eu passei por todos. E o gay que não é ativista a outra diferença também é o deslumbre. Ele acha que ser gay não precisa ter conhecimento, não precisa ter consciência de conhecer as leis que nos defendem aqui em Minas Gerais. [...] Ele acha que não tem que conhecer isso, e o que ele quer mesmo é ir para a esquina, shortinho curto, chupar os paus dos caras, dar para eles, e ficar nessa futilidade. Porque para mim um gay que não busca a questão da militância ou é porque realmente não aceita a condição dele, não vai querer nunca se expor, ou então é porque realmente a bicha ela realmente ela é fútil (Edivan).

A visão crítica que a gente [ativistas homossexuais] tem das coisas. Pela formação, pelo ambiente, pelos debates constantes que a gente tem, a gente então consegue ver situações com muita tranquilidade. A gente sempre tem um lado crítico dessas questões. Vou dar um exemplo básico. Se você vai a boate e vê a drag queen chochando[tirando um sarro] um gay, o gay ri daquilo ali. O gay comum ri daquilo ali, acha que aquilo ali é tudo um espetáculo. Eu ativista não. Vou achar que aquela pessoa está chochando uma pessoa, um ser humano, que é um gay que já está sendo chochado em todos os lugares e ainda vai ser chochado dentro de uma boate gay. Então já temos uma visão crítica daquilo ali (Lucas).

Segundo Butler, “a abjeção de certos tipos de corpos, sua inaceitabilidade, manifesta-se em políticas e na política” (2002, p. 157), sendo que o abjeto para a autora “relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como ‘não importante’” (id., p. 161). Assim, problematizando os discursos que diferenciam os ativistas homossexuais de outros homossexuais, entendo que o discurso – em que o processo de abjeção é localizado – proferido pelos ativistas homossexuais, inferiorizam discursivamente os homossexuais que não são ativistas, a partir do momento que ligam estes últimos a atributos negativos como a futilidade, a displicência e até mesmo à ignorância em relação a um “poder individual” de cada um. Diz Silva que, “os pronomes ‘nós’ e ‘eles’ [...] são [...] evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcados por relações de poder” (2000b, p. 82), como é o caso das narrativas expostas acima, que enunciam “a gente”, “nosso movimento”, etc.

Levando em consideração a afirmação de Fry e MacRae acerca da Revolução de Stonewall onde “os militantes que pretendiam politizar explicitamente a questão homossexual eram uma minoria” (1984, p. 97), também os ativistas homossexuais cellistas avaliam como minoritária, as

estratégias de atuação “politizada”, e com compromisso real com a causa dos homossexuais que encabeçam o movimento, e definem poucos os grupos contendo uma atuação semelhante ao CELLOS/MG:

[O CELLOS/MG] foge desse formato né, de grupo de vivência, grupo de convivência, grupo de assistência, que é uma característica do movimento da aids assim. Que as pessoas vêm e procuram grupos de vivência, de sociabilidade, mas não querem construir para lutar contra o formato da sociedade. [...] Eu acho que tem grupos que conseguem combinar as duas coisas. Eu acho que tem o perfil da assistência, esse perfil mesmo da sociabilidade e que consegue ter uma ação direta também. Tem muitos grupos parecidos assim. Não igual ao cellos, porque o cellos tem outro formato né. [...] O Arco-Íris [Grupo Arco-Íris de Conscientização Homossexual/RJ] consegue ter essa atuação, por exemplo. Teve aquele caso de violência [em Ipanema em março de 2006]. Eles foram, fizeram todo o trâmite legal, mas fizeram um ato também. Fizeram um ato também. Então é. Não ficou só na questão legal do processo, do jurídico tal, mas ela foi para a ação direta. De se colocar para a sociedade. Porque o movimento é isso, é você colocar para fora né. Não adianta a gente ter uma boa equipe de advogados, computadores, juristas, se a sociedade não vai saber que você existe no concreto, no público né? Só vai sair uma nota lá, grupo cellos conseguiu a lei tal. Mas essa lei nem vai ter consistência se você não tiver na sociedade atuando né, ela vai ser mais uma lei como existem várias leis. Então acho que o Arco-Íris é um grupo que tem bem esse perfil, sabe, de combinar as duas lutas, ação direta e essa advocacy [risos] que é a nova moda do movimento a tal da advocacy. Eu acho que o Identidade [Campinas] é um grupo também que parece que tem. A Alem, Associação Lésbica de Minas. São grupos que tem esse papel assim. Eu posso até estar me esquecendo de poucos (Lucas).

Vicente diferencia os ativistas homossexuais classificando-os entre ativistas do mau e ativistas do bem:

[os ativistas homossexuais têm] esse desejo cara de viver a sua sexualidade como os heteros vivem. A gente quer liberdade de namorar, de exercer o nosso afeto em público, aonde quiser, ter os mesmos direitos de trabalho, os mesmos direitos na escola, na família, na igreja. [...] Tem muita gente que usa o movimento. Os objetivos de ganhar grana, é claro que eu quero me situar, por exemplo, se eu pudesse eu ganharia grana com isso, mas eu ganharia grana com isso com a cabeça mais limpa porque eu estaria ganhando e fazendo as coisas que tem que fazer, entendeu? Eu acho o D. um exemplo, o cara, eu sempre fiz tudo para ele e ele deixava de pagar as pessoas [funcionários da primeira entidade onde Vicente atuou como tesoureiro]. [...] [Sobre D.:] ele não deixa de ser um ativista, mas ele é um ativista do mau. Acaba que a maneira que ele age prejudica muita gente. Ele não une o movimento, ele toma atitudes individuais que prejudica, prejudica a coletividade. Isso não pode (Vicente).

Devemos entender que as atuações do movimento homossexual, segundo classificações binárias, provem de sua emergência. Segundo Facchini (2005), durante a década de 1990, os sujeitos do movimento homossexual diversificaram-se; o que antes era nomeado como movimento gay, passa a ser entendido como movimento de gays, lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais. Mesmo assim, as relações identitárias que se estabelecem no seio do movimento homossexual, ainda passam pelo crivo da aprovação da maioria de seus integrantes: homens gays. Segundo a autora, “os 'gays' permanecem como maioria no movimento desde seu surgimento, e qualquer

inclusão de novas categorias acaba passando por sua aprovação” (p. 180); mesmo assim, outras condições são apresentadas para elucidar a possibilidade desta diversificação de sujeitos no movimento: “a demanda de inclusão e explicitação de novas identidades coletivas no nome do movimento por parte de lésbicas e travestis dependeu tanto de uma maior visibilidade do sistema classificatório segregacionista quanto de processos de diferenciação que ressaltassem suas especificidades” (id., *ibid.*); como é o caso dos “projetos” de financiamento das entidades, como ressalta Facchini. Além disso, como o movimento homossexual possui como integrantes entidades com formatos de atuação diversos:

no âmbito das relações entre ONGs, essas regras [de convivência] parecem bastante possíveis de desrespeito, sobretudo quando o campo de atuação dessas ONGs é também um movimento em que convivem organizações financiadas, organizações que não são financiáveis e outras que se recusam a sê-lo. Neste sentido, os processos de identificação e diferenciação, nos quais o próprio grupo ou organização é tomado como melhor em contraposição aos outros, [...] [criando] situações de conflito (id., p. 184).

A diferença estabelecida entre o ativista homossexual e as outras identidades expostas acima, não podem ser descoladas dos atributos direcionados à norma identitária estabelecida com a conjuração do ativista homossexual cellista. Diz Silva (2000b) que, “normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas” (p. 83). Nesse sentido, há uma “invisível” expectativa em relação aos comportamentos cabíveis ao ativista homossexual, suas atitudes, ou seja, o lugar que ocupa em nossa sociedade, com posto privilegiado de exercício de poder nas atividades do movimento homossexual, e estes sujeitos são assumidos como autoridades para falarem sobre a totalidade dos indivíduos homossexuais. Uma destas questões é a imposição a estes sujeitos de atitudes que busquem problematizar a inferioridade dos sujeitos homossexuais na sociedade, além de deverem estar constantemente atentos à não exclusão de nenhum corpo sexuado/geneirificado que seja inferiorizado nas relações binárias classificatórias e excludentes da contemporaneidade. Assim, **Vicente** afirma que deve, enquanto ativista homossexual:

*trabalhar o pequeno preconceito que eu possa ter. Não quero saber se é travesti, transexual, se é lésbica, se tem muita lésbica, se não tem. Eu sou a favor de todo mundo respeitar todo mundo. Essa questão da bichinha pock pock, aquela mulher é muito masculina, ou não sei o que, eu acho o seguinte, se a gente luta contra o preconceito e pela diversidade sexual a gente tem que aceitar e respeitar toda a diversidade (**Vicente**).*

Para **Lucas**, é imprescindível para todo ativista homossexual:

*ter definido o eixo da sua luta, eu acho que você tem que ter posturas éticas, no sentido até para você poder educar os novos ativistas. Porque não adianta você ser o grande ativista gay, reconhecido, e que ganha todas, que é imbatível, mas com umas posturas muito ruins, muito questionáveis. Então eu acho que isso não vale a pena. Não vale a pena toda essa valorização assim de reconhecimento se você é um grande filha da puta assim (**Lucas**).*

Edivan recorre a um exemplo prático de sua relação afetivo-sexual com seu ex-namorado, para ilustrar o que é, e o que não é uma atitude desejável de um ativista homossexual:

*Eu namorava o C. no ano passado, e em julho do ano passado, depois da parada, a M. sobrinha do H. foi mandada embora do serviço. E ela precisava de duas testemunhas, só que assim, eu nunca vi o serviço dela, nunca fui lá e tudo, e eu ia mentir para ajudá-la. Olha só o ponto que eu cheguei querendo ajudar a menina. E o tio dela como você conhece ele é gay, o H. né? É um dos fundadores também do CELLOS. Deixar isso claro. Criador da arte, da logo do CELLOS e tudo. Que que aconteceu? O H. é muito amigo do C.. E o C. tem ativista CELLOS na cabeça, que também é um dos fundadores. O que que rolou? A M. deu a idéia de ir lá testemunhar a favor dela. O H. falou assim, ah, eu não acho legal não. O **Edivan** é tão assim, bichinha. Chama o C. que é mais másculo. E o C. estava do lado dele. O C. não falou nada. Não fez nada. Então para mim, isso é uma falta de uma atitude que eu gostaria que todas as pessoas ativistas, militantes que são, tomassem a minha defesa. E ele não tomou a minha defesa. [...] Eu acabei com ele, destruí ele. A gente brigou inclusive, ele foi embora. Eu falei para ele assim, você é covarde sabe? Você só é militante por conveniência (**Edivan**).*

Ao longo desta narrativa, os colaboradores vêm demarcando os ativistas bons e maus, atitudes certas e erradas. A partir das falas acima, podemos perceber que eles passam a defender as relações classificatórias. Antes questionavam, agora defendem. Vimos aí, então, uma contradição entre o discurso da igualdade, onde todos seriam iguais e portadores dos mesmos “direitos”, e a defesa das relações classificatórias. Isto porque, “as relações de identidade e diferença ordenam-se, todas, em torno de oposições binárias” (SILVA, 2000b, p. 83), sendo que a classificação dentro destas oposições podem ser entendidas como entre duas classes polarizadas.

Há indícios nas narrativas dos ativistas homossexuais, sobre uma possível inferiorização dos ativistas com comportamentos ditos “afeminados” no movimento homossexual. **Lucas**, por exemplo, concebe o corpo afeminado como aquele que materializa formas de resistência à heteronormatividade: “as vezes a gente se torna pintosa [...] porque é uma forma de afronta”. Segundo Facchini, esta é uma discussão que permeou diversos debates no grupo CORSA de São Paulo:

durante o período em que acompanhei o grupo [CORSA], era bastante forte o empenho, inclusive por parte de algumas lideranças, em garantir um direito que parecia estar ameaçado, o de ser ‘efeminado’ ou ‘passiva’ - termo geralmente usado no feminino. Há, de fato, no meio ‘gay’, uma tendência, que se pode observar pela leitura de classificados de jornais, revistas ou internet, a desvalorizar sistematicamente os ‘efeminados’. Boa parte desse tipo de anúncios costuma conter a seguinte frase: ‘descarto efeminados’. Entretanto, essa tendência não restringe apenas à vivência pessoal ou de gueto. Durante o período em que estive no campo, presenciei várias situações em que grupos de militância homossexual contrapunham-se publicamente à ‘forma estereotipada pela qual a mídia retrata os homossexuais’, chegando, algumas vezes, a sugerir que o modelo de homossexualidade a ser exibido deveria ser o que retrata um homem ou mulher com aparência e comportamento condizentes com o esperado para seu sexo e bem sucedido(a) pessoal e economicamente (2005, p. 260).

Por isso, devemos observar as práticas no movimento homossexual, e como estas têm atuado na constituição dos sujeitos do movimento, que devem assumir atributos rígidos em busca de pertencimento nesta instituição. **Rick** deixa claro esses atributos que espera de um ativista homossexual: “*que ele seja uma pessoa honesta, saiba lutar pela causa, saiba sempre estar preparado para responder questões, dar entrevistas, mesmo que seja divergente de outra ong, mas que seja o mesmo sentido, a mesma batalha pelo movimento*”. Outro atributo recorrente, é a necessidade do ativista ser politizado. Para **Rick** este ativista é aquela pessoa: “*conhecedora do movimento, da causa, o que significa a causa*”. Ao trazer esta discussão para sua vida, afirma estar em processo de “politizamento”: “*quero adquirir mais conhecimento, saber muito mais coisas, ser totalmente politizado, eu não sou totalmente politizado, sou politizado, mas não totalmente. [...] Ainda falta muito para eu aprender sobre ativismo*”.

Nas narrativas dos colaboradores, incentivados pela confissão direcionada pelo entrevistador, emergiram recortes que possibilitam-nos perceber o “lugar” da ação do ativista homossexual. O termo “lugar” não é entendido como fora do campo discursivo, já que “os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2000, p. 17). Nesse sentido, observa-se que a categoria “todo lugar” é apontada por três colaboradores como “lugar possível de exercício do ativismo homossexual”: “*qualquer lugar, qualquer hora, qualquer lugar*” (**Vicente**); “[*o ativismo homossexual*] funciona praticamente em tudo na minha vida” (**Lucas**); “*para mim todos [os lugares]*” (**Edivan**).

Sobre “todo lugar”, como lugar de exercício das atividades do movimento homossexual, os três ativistas que enunciam este discurso apresentam diferentes experiências para ilustrarem o pensamento:

*Eu já tive até alguns problemas com isso [considerar “todo lugar” como lugar de exercício das atividades do movimento homossexual]. Inclusive nesse meu novo emprego. Né, porque eu percebo que lá, e até algumas vezes com o próprio Lucas assim, porque lá parece que rola muita hierarquia sabe? Agente de saúde é o último a falar, não pode opinar, tem que concordar com tudo que eles querem, e aí assim esse meu lado militante as vezes me faz atravessar algumas coisas e eu tenho que engolir um sapo. [...] Todos, todos [os lugares são lugares de exercício das atividades do movimento homossexual]. Não de afrontar, eu não concordo com isso assim. Ah, eu passo na porta de uma igreja aí eu vou lá e grito nhanhanha [imitando grito afeminado] suas freiras, eu sou gay, Não, isso não. Eu penso assim, se eu ver ou se eu sentir qualquer gay sendo discriminado ou eu mesmo eu uso todos [ênfase] os meus argumentos (**Edivan**).*

Dentro do grupo, dentro das estruturas de poder público, dentro de fóruns da sociedade civil, articulações gerais com os partidos. Eu acho que tudo isso. Aonde eu estiver e que for um espaço de diálogo e de discussão de idéias eu vou estar fazendo a minha militância. Nas universidades, nas escolas. Então assim, para mim, por eu ser gay, eu faço em todos os lugares. Eu estou tentando tirar da cama isso [risos]. E tirar da vida social [risos]. Mas como a maioria dos meus amigos

são geralmente militantes acaba sendo também um espaço de militância numa mesa de bar, nos lugares sociais (Lucas).

Se eu estou namorando e o namorado não importa de andar de mão dada, eu vou estar sempre andando de mãos dadas com ele. Isso não deixa de ser uma maneira de mostrar. Qualquer lugar que eu estou e tenho a oportunidade, conheço pessoas novas, ou quando vou a casa de amigos eu estou sempre contando as novidades. Conquista de lei, as várias conquistas que o movimento já conseguiu, e muito feliz que Minas Gerais consegue muita coisa assim. [...] Eu estou sempre em todos os lugares falando quando eu tenho uma oportunidade (Vicente).

Apenas **Rick** demarca um lugar específico para o exercício das atividades do movimento homossexual encaminhadas pelos ativistas:

Existe o momento certo que é um ato político, um congresso, reuniões dos próprios membros, é um movimento de militantes. Porque você nunca deve deixar sua vida pessoal interferir na sua vida de militância. Sempre tem que ser separado. Porque você não vai viver 24 horas só para a militância. Você tem uma vida do lado de fora da militância (Rick).

Mas **Vicente**, como fez com os ativistas gerais e específicos, abrange também lugares “oficiais” de exercício das atividades do movimento homossexual:

oficialmente é o que eu diria, quando a gente faz um trabalho que as vezes vão falar para jovens de periferia, quando a gente vai em centro cultural, as vezes na assembleia, câmara municipal, faculdade, colégio, nessas horas eu estou sempre atuando. Aí eu vou especificamente para isso. Durante o meu trabalho [como técnico em direitos humanos na PBH], quando tem manifestações (Vicente).

Dois ativistas narram a emergência do grupo CELLOS/MG em Belo Horizonte, com diferentes modos de enxergar essa realidade:

quando eu cheguei aqui eu tinha meus 20 anos né, e aí tipo, foi com 21 aqui. E aí com 21 eu conheci o D. [membro fundador do CELLOS/MG], conheci aquela turma toda que o cellos ainda nem sonhava em nascer né. E aí fui trabalhar num emprego lá no Expresso Pizza, lá no shopping Ponteio, aí comecei a fumar um b [maconha], mas um b mais leve, esqueci o Guarapes, esqueci o DaVéia, esqueci o tráfico, fui conhecendo pessoas legais, os amigos do meu irmão, tudo, fui batalhando, fui fazendo altas coisas, conheci o C., o L. [também membros fundadores do CELLOS/MG], uma galera toda que também não sonhavam que um dia iam participar do cellos. Mas aí né, em 2001, quando o J. [irmão] saiu para passear com o D. [então companheiro do J.] e tal tal tal, chegaram em casa com essa história do cellos né. E aí eu não ia, até então eu não tinha ido ainda nas reuniões nem nada né. Eu passei a ir para o cellos depois que eu mudei para o [bairro] Aparecida. Foi quando eu conheci o C. [ex-namorado]. E aí me apaixonei pelo C. perdidamente na parada. Acho que foi a segunda para a terceira parada gay que a gente foi. Eu nem era do cellos ainda também né. E eu conheci o C., me apaixonei por ele, a gente começou a ficar, aquela fuleragem toda, e foi a partir do Aparecida que eu comecei a militar no cellos. Daí eu conheci você, conheci o Lucas, que foram as primeiras pessoas, e, a partir daí eu nunca imaginei que um dia eu seria presidente do cellos. Pegar um cargo tão importante no sentido assim, não de glamour, não tem glamour porra nenhuma. Mas no sentido de responsa[bilidade]. O Lucas vem na minha casa, me pedir por favor, se não fosse eu mais ninguém, com a ata [de fundação do grupo] já para eu assinar, e eu disse não bicha, eu vou assinar, eu acredito na história. Eu acredito na militância, eu vou sim. E a partir daí virei cellos, comecei a ir com o meu

namorado que era o C., e ele começou a ver minha dedicação paralelo ao meu trabalho, que eu trabalhava em um hotel, e militava no cellos. E ele não ia tanto as reuniões, fui eu que convenci ele a ir. O D. [que criou a proposta de nome para a entidade], olha que bobo, o cara fundou o grupo, desistiu. Foi dar ouvidos a tititi, foi convidado a sair né, ele era muito piolho, sempre na cabeça dos outros (Edivan).

Para **Lucas**, a construção do CELLOS/MG foi uma forma de resistência às outras entidades já constituídas no município de Belo Horizonte: *“tinha ex-militantes do GURI, ex-militantes do Dignidade, eu que vinha do partido. E tinha gente do PC do B, do PT, tal né. Então assim, a necessidade de ter o CELLOS era justamente para sair daquele formato de grupo que digamos de promoção e assistência aos homossexuais”*.

Assim, para a consecução desses objetivos, a disciplina e ideologia partidárias “aprendidas” pelos membros fundadores na esquerda brasileira, influem no modo de ser cellista, principalmente a partir de normativas delimitadas através da “cartilha do CELLOS/MG”. Para **Lucas**: *“Lógico que tem aquela nossa cartilhinha, que fala tátátá, que dá tudo direitinho assim, o que é ser CELLOS e tal né? Tem algumas coisas que é básica para o CELLOS”*.

Nas narrativas dos colaboradores, podemos percebê-los construídos pelas práticas discursivas, mas também permanentemente instituindo marcadores nos corpos dos ativistas. Para Louro “os sujeitos estão implicados e são participantes ativos na construção de suas identidades” (2001, p. 25). Dessa forma, como vimos durante este eixo, é primordial que os ativistas homossexuais assumam a tarefa de problematizarem as práticas sociais nas quais estão envolvidos, entendendo que estas constituem os corpos de uma dada forma.

Nestas falas, entendemos que há, no discurso ativista, uma vontade de querer demarcar um tipo de ativista. Isto constitui-se como uma relação de poder, visto que, buscam tornar esses sujeitos dóceis e úteis para alcançar o objetivo de “transformação do mundo”. Segundo Silva (2000b):

a afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo de diferentes grupos sociais assimetricamente situados, de garantir acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes (p. 81).

★ **Do compromisso com a transformação social**

Imersos nos discursos que demarcam o ativista homossexual cellista como a norma dentre as identidades vinculadas ao movimento homossexual, os colaboradores da pesquisa reivindicam-se como agentes “transformadores da sociedade”. Na metáfora iluminista do progresso crêem em um projeto de realização humana através da luta, além de perceberem-se sujeitos construtores de uma sociedade melhor para todos:

Em todos [ênfase] os atos [do CELLOS/MG] tem a minha carinha lá, Tem a

*minha cara, tem a minha assinatura. Todos os atos importantes do movimento, do cellos aqui em Belo Horizonte e até a nível de Brasil eu estou. Fórum Social, taltaltal. Então isso é um dos meus maiores prazeres, tesões assim. Todas as bichas que chegaram, o CELLOS pode ter milhões de anos se for o caso, mas a minha carinha, a sua e a de todas as mariconas, eu, o **Lucas** e você já somos chamados de mariconas veteranas né? E a recíproca é o respeito né? Porque a galera respeita mesmo (**Edivan**).*

*Você desperta na vida daquela pessoa [novos ativistas] o desejo de mudar a sociedade. Você despertando isso você vai se doar. Então eu acho que isso é o essencial. Porque nós somos passageiros assim. Não é? A gente uma hora morre, e se não tiver pessoas lá, a gente vai poder demorar muito tempo para ter novas lideranças (**Lucas**).*

Essa vontade em “despertar” nos novos integrantes da entidade, o desejo de “mudar a sociedade”, vista na fala de **Lucas**, podem ser entendidas como um processo em que, uma série de discursos, são enunciados em busca da interpelação dos indivíduos para a transformação da sociedade. Assim, podemos entender que o desenvolvimento da compreensão que temos de nós mesmos depende, sempre, da nossa participação em redes de comunicação onde se produzem, se interpretam e se mediam histórias (LARROSA, 2004).

O CELLOS/MG é categorizado pelos ativistas colaboradores como uma entidade de “ação direta” de importância fundamental na vida de seus integrantes:

*eu acho que o perfil do cellos é ímpar. Eu acho que é um. Hoje o cellos ele é, ele está sendo uma máquina de construir em Minas Gerais né? Você pega qualquer militante de base do cellos ele sabe fazer a discussão da homofobia, dos direitos, das leis, da construção da sociedade, da manifestação dos preconceitos (**Lucas**).*

Então, como molde para uma vida “útil”, os integrantes do CELLOS/MG atuam segundo uma proposta de transformação social. Esta forma de atuação localiza o CELLOS/MG com um perfil que se assemelha à primeira onda do movimento homossexual, descrita por Facchini, em que, falando do Somos, “tanto as lideranças com uma visão ‘autonomista’ quanto as que tinham uma posição em favor de alianças com partidos políticos, grupos de esquerda e outros movimentos não classificados como ‘movimentos de minorias’, tinham projetos de transformação da sociedade como um todo” (2005, p. 111). E é nesse sentido, um grupo voltado para a construção de uma “nova” sociedade, que constitui-se um modo “cellista” de ser:

*Quando eu vejo os gays perdidos, que saem do grupo ou por bobagem ou por uma causa grave como foi eu e o C., eu vejo neles um vazio assim. Aqui em Minas Gerais a referência de grupo é nós mesmo. Não adianta. Você sente isso até no grau de conversa, quando você conversa com um gay cellista ou com um gay que não é cellos. As próprias militantes do GAPA falaram isso. Gente, aplicar questionário nos meninos do cellos eles não valem. Você acredita nisso? Elas podem aplicar questionário em uma tarde, os meninos questionam elas, não, tá errado, não existe mais essa coisa de grupo de risco não minha filha. Isso é que um gay que não é ativista não ia ter essa percepção (**Edivan**).*

Reforçando, podemos concluir, então, que o ativista homossexual “cellista” se constitui

como uma identidade específica, que visa a transformação da sociedade. Como exemplo diz **Vicente**: “sou tão cellos que só me tiram do cellos em reunião de diretoria”.

★ Formação ativista

Como uma das grandes preocupações do CELLOS/MG é a superação da exclusão social que afirmam sofrerem os homossexuais, e a luta contra a homofobia, a entidade preocupa-se com a constituição de seus ativistas, e nomeia este processo como formação. Segundo **Lucas**, a importância da formação para o grupo é relacionada com a “forma” de nossa sociedade:

*[a formação] você constrói nessa concepção do próprio movimento social. Você tem que fazer, você tem que se formar. Você primeiro tem que ter consciência do seu papel na sociedade e como essa sociedade é feita. Quando você percebe isso, aí há a necessidade de transformar a sociedade. E aí você vai através de ações concretas, não somente a questão das leis. Mas de você estar atuando, em rede, nos movimentos sociais, estar denunciando os casos contra o movimento, isso é importante (**Lucas**).*

Todos os ativistas afirmam que a formação dos integrantes do CELLOS/MG, passa necessariamente pela prática do ativismo no interior da entidade. **Vicente** avalia que consegue distinguir diferentes conhecimentos dentro do movimento homossexual, transmitidos pela formação acadêmica de cada ativista: “você que fez biologia, às vezes você tem essa ligação com o meio ambiente você já passou muitas coisas para a gente” e, além disso, “a maior parte desse conhecimento vem da convivência dos próprios ativistas”. Esse conhecimento, que podemos categorizar, segundo **Lucas**, como conhecimento “dia-a-dia”, age diretamente nas ações da entidade: “quando a gente vai fazer um panfleto, os gays que frequentam boates eles dão muita sugestão. Do formato do panfleto. O formato do panfleto do CELLOS foi a partir de os gays não guardam panfletos grandes, que os gays não lêem, que a gente vai estar distribuindo em boates”. **Edivan** também avalia a prática do ativismo como determinante na constituição do ativista homossexual:

*Tem muito da educação né, de estudar, de conhecer, de participar, porque a gente é movimento social. [...] Vem mesmo do coletivo, de você estar indo para um Fórum Social Mundial, para uma Conferência de Direitos Humanos, você estar indo ao lançamento do Brasil Sem Homofobia, e de, como eu por exemplo, sortudo né, fui ao Encontro Raça Negra – Lai Lai Apejo. Fiz o curso de multiplicador para a Secretaria Municipal de Saúde, então tem muito dessa construção dessas redes né. Dessa articulação que a gente cria com os outros movimentos sociais, o próprio MST [Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra], o Fórum Social Mineiro, a aids. A gente já fez cursos, o GAPA, parcerias, então, vem muito disso, das trocas de experiência. E é da prática mesmo. Não tem nada de teórico, teórico mesmo é de gente doida, que vai para as faculdades, eu acho que prática é isso aqui, pegar na cabeça do boi. E de todos os ativistas que eu conheço e eu me ponho, na maioria são assim. São de recortes de vida que vem trazendo, que vem batalhando, que sofrem discriminação na pele mesmo. Vai lá para Brasília, no Senado, fazer aquele escândalo todo (**Edivan**).*

Em Foucault, podemos entender que as práticas sociais produzem determinadas “espécies” de sujeitos. Segundo o autor, “as práticas sociais podem chegar a engendrar domínios de saber, que não somente fazem aparecer novos objetos, novos conceitos, novas técnicas, mas também fazem nascer formas totalmente novas de sujeitos e de sujeitos de conhecimento” (2005b, p. 8); além disso, afirma que “seria interessante tentar ver como se dá, através da história, a constituição de um sujeito [...] que se constitui no interior mesmo da história, e que é a cada instante fundado e refundado pela história” (id., p. 10). Assim, a formação à qual se referem os colaboradores, pode ser entendida como um conjunto de práticas que busca constituir o sujeito de uma dada forma no movimento homossexual, que busca ampliar a utilidade daqueles corpos ativistas na cadeia de produção de significados sociais, para a qual se propõe o movimento homossexual. Em nossa sociedade disciplinar, as categorias de poder impõem uma tarefa qualquer aos indivíduos, ou produzem um efeito útil; buscam controlar as populações, visando sempre, gerir nossas vidas (DELEUZE, 2005).

É nesse sentido que o CELLOS/MG é definido, na narrativa de **Lucas**, como um “instrumento de luta”, o que, em princípio já engendra os ativistas em determinada forma. Este atributo do CELLOS/MG é exposto, segundo o objetivo da entidade, em formar ativistas homossexuais para a luta identitária a que se propõe o movimento:

*que incentive o protagonismo social desse gay. Que ele não chegue ao CELLOS e a gente fazer as coisas para ele. Mas sim que ele venha construir junto com a gente. Então era isso que era necessário [no momento de fundação do CELLOS/MG]. Sabe? O povo estava cansado de chegar naquelas entidades, na reunião e fala, fala, fala, e depois volta para casa e não tem uma ação direta desse ativismo. E o CELLOS ele vem com esse papel assim. Tanto que a palavra diz Centro de Luta né. Quando o Dl. escolheu o nome do CELLOS ele escolheu muito bem. Porque essa palavra demarca o que é o CELLOS. E não é o CELLOS que vai promover nada, não vai fazer nada pelos outros. Ele vai ser aquele instrumento para você ser o seu protagonista social. Você é quem vem lutar junto com a gente. Ele vai ser o espaço e a instrumentalização para você lutar junto com a gente. Então não é o CELLOS que vai estar tomando as dores de todo mundo não. Se vierem aqui para a gente construir junto a gente constrói. Mas se não (**Lucas**).*

É através dessa forma “particular” de constituição de seus sujeitos, que o CELLOS/MG possibilita o aprendizado dos novos ativistas: principalmente pela transmissão oral dos membros mais antigos. Outro atributo levantado, que possibilita este aprendizado, é a participação em outros movimentos sociais:

*[Adquirimos nosso conhecimento] através de pessoas que já estão no movimento homossexual. Elas vão adquirindo através de palestras, conhecimentos, explicações, orientações, o que é o movimento, o que é ser ativista. A maioria das formações vem de movimento, de movimento estudantil, de movimento político, partidário que seja, que prepara o militante. Tem várias doutrinas a serem seguidas. [...] A [doutrina] partidária envolve o parlamento, que é o movimento ativista de um partido. E [a doutrina] do movimento gay é através de ativistas mesmo (**Rick**).*

A transmissão oral, para **Rick**, é também tida como forma de manutenção do movimento homossexual. “*Acho muito importante porque vai preparar muitas pessoas para nos substituir no futuro. Vai chegar um determinado tempo, você quer [...] que uma outra pessoa tenha o conhecimento que você tem e te substitua*”. Segundo Larrosa, “la historia de nuestras vidas depende del conjunto de historias que ya hemos oído y, en relación a las cuales, hemos aprendido a construir la nuestra” (2004, p. 19). É nesse processo de narrar as histórias no interior do movimento homossexual, que os ativistas vão constituindo-se através de múltiplos discursos. São os relatos, contados cotidianamente, que moldam os sujeitos imersos no CELLOS/MG. Como **Rick**, **Lucas** também atribui à formação um papel determinante na manutenção do CELLOS/MG:

*o que acontece quando um gay procura um grupo que é de assistência, que ele é de promoção, sempre vai estar aqueles velhos ativistas lutando por um monte que não, que as vezes não tem compromisso permanente com essa luta. Quando você forma esse ativista, ele vai estar na luta. Então não vai ter só o **Lucas**, não vai ter só o Felipe, não vai ter só o M., vai ter um monte de pessoas que vão se indignar, que vão se propor, vão dar parte de sua vida para a construção dessa luta. Que não é só uma fase. Então quando você forma ativistas, você não quer dizer que você forma teoricamente só.*

Nesse sentido, podemos entender a formação ativista como a prática social que ocupa lugar privilegiado de exercício de poder no CELLOS/MG. Além disso, não apenas nesta situação marcante, podemos entender que os ativistas homossexuais do CELLOS/MG possuem uma visão totalizante, no sentido de que “fora do ativismo não há solução”, o que poderíamos categorizar, sob certo aspecto, como ingênua e engendrando binarismos.

★ Questões por aprofundar: ética e amizade

Para concluir, no que tange ao início de sua participação no CELLOS/MG, **Rick** afirma que esta se deu devido a um amigo, já membro do grupo: “*ele foi conversando comigo, o que era o CELLOS, a ong, a filantropia da ong, o que significava a luta. Ai eu fui me interessando, ai eu ingressei no [...] CELLOS, onde eu aprendi muitas coisas, o que é movimento, o que significa ser ativista, militante. [...] Hoje já faz três anos que venho participando do CELLOS*”. A importância da amizade para o movimento homossexual já foi descrita anteriormente por MacRae (1990), em que ele afirma – em relação ao grupo Somos que “a principal fonte de novos membros [para a entidade] eram as redes de amizades dos integrantes do grupo” (p. 132).

Como os discursos que afirmam o movimento homossexual como um movimento de amigos, constituindo as primeiras ondas do movimento homossexual, a resistência a este discurso se torna realidade nas narrativas sobre o CELLOS/MG, principalmente a partir de **Lucas**:

eu por exemplo não trato as pessoas mal, mas não sou amigo de muita gente. Não sou de freqüentar a casa das pessoas, não sou de ficar falando os meus segredos para as pessoas, são poucas as pessoas que são meus amigos pessoais, assim, né?

*Então assim, não é porque gostam do **Lucas**, pode até não gostar, eu acho que as pessoas elas tem um outro sentimento comigo que não é o de gostar do **Lucas**, é o sentimento do respeito ao **Lucas** pelo que ele faz e também esse respeito é conquistado pela minha dedicação, tal, tal. Então eu acho que não é a amizade. Existe a questão da amizade [no CELLOS/MG], mas como a gente garante o espaço democrático, muitos desses amigos se divergem. E eu acho que [a divergência] é importante (**Lucas**).*

A amizade, no pensamento foucaultiano é entendida diferentemente daquela amizade conceituada por **Lucas** como: “é você ter uma relação pelo menos social durante tempos”; como exemplo dessa relação afirma: “*existe aquele carinho, aquela coisa gostosa de se encontrar com a pessoa*”. É, em outro sentido, que a amizade é então concebida em Foucault, representando então “uma procura e uma experimentação de novas formas de relacionamento e de prazer; uma forma de respeitar e intensificar o prazer próprio e do amigo” (ORTEGA, p. 150), além disso, “representa hoje em dia, uma possibilidade de usar o espaço aberto pela perda de vínculos orgânicos, de experimentar a multiplicidade de formas de vida possíveis” (id., p. 158). É nesta possibilidade que a amizade foucaultiana pode ser entendida: como “uma relação agonística, oposta a um antagonismo essencial”.

Para **Vicente**, o ativista homossexual “*tem que estar engajado numa ong, e participando da luta né. [...] Querendo somar. Somar tanto regionalmente como nacionalmente*” e, como principal atributo, diz que os ativistas homossexuais devem ser éticos, definindo a ética como:

*estar dentro de uma honestidade de atitudes, de construção. É o que eu digo, a idéia é diferente, vamos debater, vamos votar em coisa, votação, o que tiver que fazer. E não usar meios escusos, tem vários meios de você fazer a coisa por debaixo do pano, sei lá cara, dentro da ética é isso cara. Dentro da honestidade de atitudes (**Vicente**).*

Para Foucault, “os recentes movimentos de liberação sofrem com o fato de não poderem encontrar nenhum princípio que sirva de base à elaboração de uma nova ética. Eles necessitam de uma ética, porém não conseguem encontrar outra, senão aquela fundada no dito conhecimento científico do que é o eu, do que é o desejo, do que é o inconsciente, etc.” (1995, p. 255). **Lucas** corrobora com a visão de Foucault, a partir do momento que demarca a necessidade de uma ética no movimento homossexual, mas não consegue distingui-la na contemporaneidade:

*[precisamos] ter uma ética construída assim. Não essa ética que a gente sabe que é colocada aí. Mas uma ética entre essa luta. Eu acho que a gente tem que fazer uma luta contra o preconceito contra os homossexuais baseada em alguns valores, sabe, em algumas posturas, sabe. Eu acho que se a gente também não tem claro isso, que vale tudo no combate a homofobia, as vezes a luta não fica legal assim (**Lucas**).*

E é no sentido da amizade em Foucault, que se abre a possibilidade de uma ética para os homossexuais:

O poder é um jogo estratégico. A nova ética da amizade procura jogar dentro das

relações de poder com um mínimo de dominação e criar um tipo de relacionamento intenso e móvel, que não permita que as relações de poder se transformem em estado de dominação. Precisamente este jogo com o poder (entendido como possibilidade de dirigir e mudar o comportamento do outro) torna a amizade algo fascinante. Uma concepção de amizade como a foucaultiana contradiz a idéia comum na sociologia e na filosofia social de que a amizade representa uma relação voluntária baseada na transparência da comunicação e verdade da informação. Desigualdade, hierarquia e rupturas são componentes importantes na amizade (ORTEGA, 1999, p. 168).

Ao assumir a amizade como “possibilidade de constituir a comunidade e a sociedade no nível individual de um tipo de relação livre e não institucionalizada” (id., p. 171), surgem algumas tarefas que são colocadas para o movimento homossexual e homossexuais:

Vivemos num mundo onde as instituições [como é o caso do movimento homossexual] têm contribuído para limitar o número possível de relacionamentos. A razão desta restrição reside no fato de que uma sociedade que permitisse o crescimento das relações possíveis seria mais difícil de administrar e de controlar. A luta homossexual deve (nisto consiste seu poder transgressivo ampliável a outros tipos de conflitos sociais: movimentos anti-racistas, ou feministas etc.) aspirar à criação de um novo ‘direito relacional’, que permita todo tipo possível de relações, em vez de impedi-las ou bloqueá-las (id., p. 170).

Especialmente os homossexuais possuem uma oportunidade histórica de utilizar sua sexualidade para criar novas formas de comunidade. Esses novos tipos de relacionamento e de sociedade multiformes, compreendidos sob a noção de amizade, opõem-se às formas de relação prescritas e normalizadas. Portanto, o objetivo das lutas homossexuais, feministas e anti-racistas não deve consistir na exigência de igualdade de direitos, mas na criação de um novo direito relacional. Os heterossexuais devem experimentar um ‘devir homossexual’ que também conduza à procura de formas alternativas de sociedade (id., p.172).

Para finalizar esta narrativa sobre a produção da identidade ativista no movimento homossexual, trago uma música de Zé Ramalho que ilustra nosso ativismo “dia-a-dia” em busca de um “mundo melhor” para todos, em especial para a população de homossexuais:

...Lá fora faz um tempo confortável,
a vigilância cuida do normal,
os automóveis ouvem a notícia,
os homens a publicam no jornal.
E correm através da madrugada,
a única velhice que chegou,
demoram-se na beira da estrada,
E passam a contar o que sobrou...

[20] Entendo que Foucault (2005a) utiliza “formigamento dos vestígios verbais” (p. 26), como elemento para delimitar a rede de enunciados que um indivíduo deixa em torno de si – cartas, notas, conversas relatadas, propósitos transcritos por seus ouvintes, cita ele. Diz o autor: “e que importância dar às cartas, às notas, às conversas relatadas, aos propósitos transcritos por seus ouvintes, enfim, a este imenso formigamento de vestígios verbais que um indivíduo deixa em torno de si, no momento de morrer, e que falam, em um entrecruzamento indefinido, tantas linguagens diferentes?” (id., *ibid.*).

[21]O termo Agência pode ser entendido como um elemento ativo da ação individual (HALL, 2000).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ativista homossexual é um personagem que surge na cena brasileira no final da década de 1970. Portanto, neste trabalho concebemos o ativista como uma das identidades destes sujeitos. Neste sentido, o termo identidade é entendido, como dito, como uma posição assumida social e simbolicamente e, como são múltiplas, são definidas por Hall como os “pontos de apego temporário às posições-de-sujeito, que as práticas discursivas constroem para nós” (2000, p. 112). As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença, sendo que esta marcação ocorre tanto por meio dos sistemas simbólicos de representação, quanto por meio de formas de exclusão social, o que leva a entender que a identidade não é o oposto da diferença, e sim, dependente dela (WOODWARD, 2000).

O movimento homossexual é observado como parte dos movimentos que atuam segundo as políticas de identidade. Podem ser demarcados alguns momentos característicos para a emergência do movimento homossexual no Brasil: o primeiro, caracterizado pela conjuntura política do final da década de 1970, marcado pela fundação do “Grupo Somos de Afirmação Homossexual”, em São Paulo, e o segundo momento que foi abalado pela chegada da aids (CÂMARA, 2002). Segundo Facchini (2004), durante a década de 80, o movimento sofreu uma redução na quantidade de grupos, desarticulados ou deslocados para a construção de uma resposta coletiva à aids. Na década de 1990 houve a diversificação das identidades do movimento, que passaram a se definir como gays, lésbicas transgêneros e bissexuais.

No capítulo “Retratos de Vidas: Rick, Lucas, Vicente, Edivan...” ao narrar as histórias escritas na linha do tempo de cada colaborador da pesquisa, pudemos perceber as condições que possibilitaram o recrutamento desses indivíduos para o ativismo, configurando-os como subjetivados no movimento homossexual. Pude compreender que é nesse processo de narrar suas histórias, no interior do movimento homossexual, que os ativistas vão constituindo-se através de múltiplos discursos.

Buscar entender os processos de produção e manutenção de identidades ativistas gays no interior do movimento homossexual, através das narrativas dos ativistas homossexuais do Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais (CELLOS/MG), possibilitou (re)pensar aspectos importantes no que diz respeito à produção de outras identidades. Percebe-se que os discursos que recrutam os sujeitos para o ativismo são vários, e a trama é imbricada. Através das narrativas, pôde-se compreender que também a identidade ativista constitui normas discursivas que, na conjuntura atual, impedem a possibilidade de novas identificações no movimento homossexual. Ocorre, assim, um jogo de saberes e poderes, em que os privilegiados são aqueles capazes de cumprir com atributos rígidos. Pudemos também compreender que as narrativas dos ativistas

homossexuais colocam-se em cena diferentes discursos e práticas.

Quando falaram do “perceber-se” homossexual, houve uma forte ligação entre a homossexualidade e a “natureza”, atribuindo-se às identidades sexuais características biológicas. Ao mesmo tempo, as narrativas indicam a discriminação do sujeito homossexual como uma prática “aprendida” na infância, e constituída no cotidiano, ou seja, na família, na escola, na igreja. Também as narrativas problematizam a constituição das identidades sexuais na infância, afirmando que as relações homossexual/heterossexual seriam construídas segundo outros modelos, se fossem abordadas de forma diferenciada neste período da vida.

O “assumir-se” constitui-se na revelação pública da identidade sexual, e é um marcador comum aos ativistas homossexuais. É uma prática social que busca “visibilizar” a identidade sexual esgotando o caráter pejorativo que esta tem por “ser invisível” socialmente. Nas narrativas, afirma-se que a invisibilidade da identidade sexual, comumente conhecida como “estar no armário” é uma prática que dificulta a política homossexual.

Ao analisar as narrativas dos ativistas do CELLOS/MG, percebi que as representações de homossexualidade produzidas e veiculadas no movimento homossexual, vêm produzindo e instituindo certos significados com os quais estes sujeitos aprendem a se identificar. Nessa perspectiva, considero importante pensar e analisar estas representações, na tentativa de assimilar a circulação de representações hegemônicas do corpo dos ativistas homossexuais, engendradas em relações de poder, que interpelam e produzem nos ativistas homossexuais pesquisados formas de constituir suas identidades, se reconhecer em determinadas concepções do movimento e atuarem politicamente de determinadas formas. Tais entendimentos possibilitaram-me compreender, de alguma maneira, as razões pelas quais muitos ativistas homossexuais não estão satisfeitos com seus grupos, ou com a atuação de determinadas entidades e, portanto, buscam construir outras formas de atuação, mais satisfatórias do ponto de vista da “superação da homofobia”. Pude descrever como esses significados vêm interpelando os ativistas do CELLOS/MG, que buscam de alguma maneira incluírem-se nos discursos de honestidade, respeito ao dinheiro público, ética; uma vez que eles investem no ativismo social, de acordo com as práticas sociais nas quais estão imersos, que os identificam como pertencentes a determinado grupo.

Transitar nas narrativas dos ativistas homossexuais do CELLOS/MG possibilitou-me entender: o sujeito como produzido nos acontecimentos, experiências no cotidiano como, por exemplo, na família, no assumir-se, na escola, nos partidos políticos e, o corpo como superfície de inscrição de acontecimentos biológicos, sociais e culturais, e não como algo dado *a priori*, como se ele fosse dotado de essências biológica, histórica e/ou transcendental.

Também pude compreender que os ativistas homossexuais organizam-se com o uso da classificação binária. Remetem a si mesmos, como identidades com atributos positivos, visto que

afirmam seu compromisso na “construção de um mundo melhor para todos”. A não identificação dos indivíduos homossexuais com o movimento, é encarada nas narrativas dos colaboradores, então, como “futilidade”, “medo da revelação pública da identidade sexual” ou “ignorância”. Apontou-se que o ativista homossexual deve atuar em todos os campos sociais onde transita, visto que esta é uma tarefa de “superação da homofobia”, que encabeçam. Além disso, o ativismo homossexual pode ser entendido como uma forma de superarem discriminações ocorridas em suas vidas, lutando por melhores experiências para as futuras gerações de homossexuais. A formação como uma prática social, em que os ativistas são constituídos, foi apontada por todos os colaboradores da pesquisa, que sugerem nesta prática a forma de manutenção do movimento homossexual em nossas sociedades.

Ao investir tempo e saber nas narrativas dos colaboradores da pesquisa construí, uma história, e representei, em contato com a bibliografia, um sentido para essa rede de enunciados produzida compartilhadamente. Percebi a importância dada pelos colaboradores a este tipo de produção, que pode ser ilustrada em uma fala de *Lucas*: “*foi super bacana assim [avaliando a entrevista no momento de conclusão]*”. Acredito que esta pesquisa possibilitou que os colaboradores (re)pensassem e interrogassem a si mesmos sobre suas histórias e, em um exercício do pensamento, modificassem os significados que atribuíam a suas identidades, problematizando-as assim, e percebendo a produção de sujeitos – em especial os sujeitos homossexuais – na contemporaneidade, como um processo radicalmente histórico e não biológico ou “natural”. Concluo com uma citação de Facchini que afirma, “o fato de que não operem com referências diretas ao conflito de classe não significa que movimentos como o movimento homossexual não tenham o potencial de produzir mudanças de ordem cultural e criar novos tipos de hierarquia social” (2005, p. 59-60).



PERSPECTIVAS

PERSPECTIVAS

Qualquer pessoa que tenha lido,
a história da humanidade,
aprendeu que a desobediência
é a virtude original do homem.

Oscar Wilde

O Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais (CELLOS/MG) foi um sonho consolidado por um grupo de homossexuais, que vislumbram a superação da homofobia. Esta pesquisa é parte desta caminhada. Um grupo de companheiros que compartilhavam ideais socialistas, e que ainda hoje, permanecem na luta diária pelos direitos dos homossexuais, e sentem-se parte da construção de um mundo melhor para todos. Continuarei marchando nas trincheiras do movimento homossexual com meus companheiros, com meus passos singulares.

Com a conclusão desta pesquisa abrem-se novas trilhas, novas perspectivas. A possibilidade de leituras diferentes das que eu havia sido interpelado na graduação, possibilitaram um referencial teórico-metodológico coeso com o qual busquei descrever esta pesquisa e, a partir disso, optei por seguir a minha carreira no campo das ciências humanas; problematizando a sexualidade e a forma com a qual o movimento homossexual tem afetado nossa sociedade contemporânea. Com a aprovação que obtive no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas (DICH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), abriu-se a possibilidade de construção de uma pesquisa sobre políticas educacionais, mais especificamente com o anteprojeto submetido intitulado “Corpo, Gênero e Sexualidade na Escola: uma análise das políticas públicas da educação vinculadas ao programa federal Brasil Sem Homofobia”.

Com a finalização desta pesquisa, sigo certo que não é um ponto final na carreira a que me proponho, mas sim etapa necessária na minha formação e constituição enquanto pesquisador.



REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros (ABGLT). **Resoluções do I Congresso da ABGLT: avanços e perspectivas**. Curitiba: Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transgêneros, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BRASIL Sem Homofobia (BSH): Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLTB e Promoção da Cidadania Homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, Sexualidade e Currículo. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: FENAME, 1983.

BUJES, Maria Isabel. A invenção do eu infantil: dispositivos pedagógicos em ação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 21, set-dez, p. 17-40, 2000.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”**. Buenos Aires: Paidós, 2002.

_____. **Undoing Gender**. New York and London: Routledge, 2004.

CÂMARA, Cristina. **Cidadania e Orientação Sexual: a trajetória do grupo Triângulo Rosa**. Rio de Janeiro: Academia Avançada, 2002.

CONNELY, F. M.; CLANDININ, D. J. Relatos de experiencia e investigación narrativa. In: LARROSA, J. et al. **Déjame que te cuente**. Barcelona: Laertes, 1995.

CONSERVADOR, sim; exótico não – entrevista com Clodovil Hernandez. **GMAGAZINE**, ano 9, edição 110, nov. 2006, p. 57.

COSTA, Jurandir Freire. O referente da identidade homossexual. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Maria (orgs.). **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; ABIA: IMS/UFRJ, 1996.

COSTA, Marisa Vorraber. Estudos Culturais – para além das fronteiras disciplinares. In:

_____. (org.). **Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DIAS, Cleuza Maria Sobral. **Processo identitário da professora-alfabetizadora: mitos, ritos, espaços e tempos**. Porto Alegre, 201 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós Graduação em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002.

EBERT, Alan. **Hablan los homosexuales**. Barcelona: Ediciones Martínez Roca, 1979.

ESTRUTURAÇÃO. **Memória EBGLT: Encontros que marcam e constroem a trajetória do ativismo GLT no Brasil**. Brasília, 2005.

FACCHINI, Regina. Paradas: uma política (homos)sexual lúdica, mas não light. In: APOGLBTSP. **Revista Oficial da Parada**, vol. único, 2004.

_____. **Sopa de Letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos nos 1990**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FARIA, Súsán. **MEC inicia discussões sobre homofobia**. Portal do MEC, 2006. Recuperado no site: <http://portal.mec.gov.br/secad> em 16 de janeiro de 2007.

FERNANDES, Felipe Bruno Martins; FONSECA, Carlos Magno Silva; SILVA, Ricardo Henrique da. Construção de uma alternativa de organização para a juventude homossexual de Belo Horizonte, Minas Gerais. In: **I Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade: possibilidade e tendências**, Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2004.

FONSECA, Márcio Alves. **Michel Foucault e a constituição do sujeito**. São Paulo: EDUC, 1995.

FOUCAULT, Michel. Entrevista com Michel Foucault. **Comum**, Rio de Janeiro, Faculdade de Comunicação e Turismo Hélio Alonso, v. 1, n. 2, p. 6-20, 1978.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. **Estética: literatura e pintura, música e cinema.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001a.

_____. **Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975).** São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

_____. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1973-1974).** São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **A Ordem do Discurso, Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. **A Arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005a.

_____. **A verdade e as formas jurídicas.** Rio de Janeiro: NAU Editora, 2005b.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 1984.

GGB. **10 Verdades sobre a Homossexualidade.** <http://www.ggb.org.br/orientaverdades.html> (Acessado em 06 de março de 2006). Texto Original de Luiz Mott.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOMES, João Carlos. Matutando na rede da radicalidade: sem medo de ser infeliz. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, Brasília, REBEA, n. 0, p. 114-116, nov. 2004.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval: A homossexualidade masculina no Brasil do século XX.** São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GRUPO Arco-Íris de Conscientização Homossexual/RJ (GAI/RJ). **O Evento Histórico: Algumas reflexões.** Disponível em: <<http://www.arco-iris.org.br>>. Acessado em: 8 Ago 2006.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias.** Campinas: Papirus, 1990.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HEILBORN, Maria Luiza. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social. In: PARKER, Richard; BARBOSA, Regina Maria (orgs.). **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: RELUME DUMARÁ; ABIA: IMS/UERJ, 1996.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. Narrativa, identidad, y desidentificación. In: LARROSA, J.. **La experiencia de la lectura**. Barcelona: Laertes, 1996.

_____. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. Notas sobre narrativa e identidade. In: ABRAHAO, Maria Helena (org.). **A aventura (auto)biográfica: teoria & empiria**. Porto Alegre: EdPUCRS, 2004.

LINDNER, Liandro (org.). **ENONG – Encontro Nacional de ONG/AIDS: construção de sonhos e lutas**. Curitiba: L. Lindner, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACRAE, Edward. **A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MARTINS, Jçara. **Em aberto...** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

MINISTÉRIO da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e Aids. **Projeto Somos: desenvolvimento institucional, advocacy e intervenção para ongs que trabalham com GAYS e outros HSH**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

NETO, Agostinho. **Poemas de Angola**. Rio de Janeiro: CODECRI, 1979.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce Homo**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

_____. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

_____. **Para Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

O GLOBO. **Caderno Especial: Democracia**. Rio de Janeiro, p. 7, 15 de março de 2005.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

PINHEIRO, Vinícius C.. Modelos de desenvolvimento e políticas sociais na América Latina em uma perspectiva histórica. **Planejamento e Políticas Públicas**. n 12, jun/dez, 1995, p. 63-88.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (orgs.). **Masculino, feminino e plural: gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

RAMOS, Silvia. Violência e Homossexualidade no Brasil: as políticas públicas e o movimento homossexual. In: GROSSI, Miriam Pillar; BECKER, Simone; LOSSO, Juliana Cavilha M.; PORTO, Rozeli Maria; MULLER, Rita de Cassia F. (orgs.). **Movimentos Sociais, Educação e Sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

REIS, Toni; HARRAD, David. **Direito de Amar: a história de um casal gay**. Curitiba: REPROSET/Dignidade, 1996.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos: Claraluz, 2005.

REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL (REVBEA) / Rede Brasileira de Educação Ambiental (REBEA). – n. 1 (nov. 2004). – Brasília: Rede Brasileira de Educação Ambiental, 2004. (Edição especial – **Anais do V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental / Encontro da Rede Brasileira de Educação Ambiental**).

RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Inscrevendo a sexualidade: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do ensino fundamental**. Porto Alegre, 125 f. Tese (Doutorado em Ciências

Biológicas: Bioquímica) – Instituto de Ciências Básicas da Saúde. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

RIOS, Roger Raupp. **A homossexualidade no Direito**. Porto Alegre: Livraria do Advogado; Esmafe, 2001.

SAHLINS, Marshall. **Esperando Foucault, ainda**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

SANTOS, Luis Henrique dos. A Biologia tem uma história que não é natural. In: COSTA, Marisa Vorraber. (org.). **Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

SEFFNER, Fernando. (2003). **Derivas da Masculinidade: Representação, Identidade e Diferença no âmbito da Masculinidade Bissexual**. Porto Alegre, 260 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **Teoria cultural e educação – um vocabulário crítico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000a.

_____ (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000b.

SPARGO, Tamsin. **Foucault y la teoría queer**. Barcelona: Gedisa Editorial, 2004.

VEIGA-NETO, Alfredo J.. Ciência, Ética e Educação Ambiental em um cenário Pós-Moderno. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, UFRGS, v. 19, n. 2, p. 141-169, jul./dez., 1994.

_____. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: Costa, Marisa Vorraber. (org.). **Estudos Culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...** Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.

_____; FISHER, Rosa Maria Bueno. Foucault, um diálogo. **Revista Educação e Realidade**, n. 29, v. 1, p. 7-25, jan/jun, 2004.

VEJA. **Entrevista com Severino Cavalcanti: “Até os 100 anos”**. Editora Abril, edição 1895 – ano 38 – número 10, p. 11-15, 9 de março de 2005.

WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a Sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

WIKIPÉDIA. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Apresenta conteúdo enciclopédico. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Bandeira_arco-%C3%ADris&oldid=4544426>. Acesso em: 26 Fev 2006a.

_____. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Apresenta conteúdo enciclopédico. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Pelego&oldid=4046552>>. Acessado em: 7 Dez 2006b.

_____. Desenvolvido pela Wikimedia Foundation. Apresenta conteúdo enciclopédico. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Tri%C3%A2ngulo_rosa&oldid=3965584>. Acesso em: 26 Fev 2006c.

WILDE, Oscar. **De Profundis e outros escritos do cárcere**. Porto Alegre: L&PM, 2006.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; VEIGA-NETO, Alfredo. **Estudos culturais da ciência & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.



ANEXOS

ANEXO 1

Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Fundação Universidade Federal do Rio Grande
Mestrado em Educação Ambiental
Centro de Educação Ambiental - Ciências e Matemática
Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola

Projeto de Pesquisa: **Identities, Ativismo e Movimento Homossexual no Brasil Contemporâneo.**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Problema de pesquisa: Como os gays, lésbicas e transgêneros constroem sua identidade ativista (entre outras) no Movimento Homossexual?

Objetivos do projeto:

- * Compreender a constituição de identidades ativistas entre os membros do Movimento Homossexual;
- * Conhecer os significantes que demarcam a identidade de ativista homossexual;
- * Conhecer como o ambiente da organização não governamental auxilia no processo de demarcação das identidades ativistas homossexuais.

Informações gerais sobre observação, gravações e a utilização das produções (textos, desenhos, falas, cartazes).

Você e outros ativistas do Movimento Homossexual de Belo Horizonte estão sendo convidados para participarem de uma pesquisa; para melhor compreensão das informações, estes encontros poderão ser gravados e as produções fotocopiadas.

Confidencialidade

A sua participação é totalmente confidencial e voluntária. Ninguém além dos pesquisadores terá acesso ao que for dito. Os nomes verdadeiros não serão escritos ou publicados em nenhum local. Toda informação será guardada com número de identificação.

Pseudônimo que escolhi para alterar minha identidade na pesquisa: Edivan

Sua participação

Caso você deseje obter alguma informação relacionada ao projeto, contate o coordenador, através do telefone 3223-4739 (residencial) ou pelo e-mail complex.lipe@gmail.com.

Sua participação é voluntária, podendo recusar-se inclusive a responder qualquer pergunta, bem como, deixar de participar.

Você tem alguma pergunta a fazer?

VERIFICAÇÃO DO CONSENTIMENTO

Declaro que li ou leram para mim o consentimento acima e aceito participar da pesquisa.

Assinatura do participante

Felipe Fernandes
Assinatura do pesquisador

28/03/2006
Data

ANEXO 2

Roteiro de Entrevista

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. VOCÊ PODERIA CONTAR UM POUCO DA SUA HISTÓRIA DURANTE A INFÂNCIA E COMO ERA O SEU COTIDIANO? (SUA RELAÇÃO COM FAMILIARES, AMIGOS E VIZINHANÇA).
2. COMO VOCÊ SE RECONHECEU COMO UM HOMOSSEXUAL?
3. COMO FOI A RELAÇÃO COM A FAMÍLIA, AMIGOS, ESCOLA E OUTRAS INSTITUIÇÕES NO MOMENTO QUE VOCÊ ASSUMIU A HOMOSSEXUALIDADE?
4. PORQUE VOCÊ ESCOLHEU SER ATIVISTA HOMOSSEXUAL?
5. COMO VOCÊ COMEÇOU NO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL E QUAIS FORAM OS MOTIVOS QUE O LEVARAM A PARTICIPAR?
6. QUAIS SÃO OS LUGARES, ESPAÇOS E MOMENTOS DE EXERCÍCIO DAS ATIVIDADES MILITANTES?
7. O QUE VOCÊ VÊ DE COMUM ENTRE AS PESSOAS QUE MILITAM E ATUAM NAS ATIVIDADES DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL?
8. O QUE VOCÊ ESPERA QUE SEJAM ATITUDES E AÇÕES DE UMA PESSOA QUE SEJA ATIVISTA HOMOSSEXUAL?
9. VOCÊ TALVEZ CONSIGA DISTINGUIR NO SEU GRUPO DIVERSOS TIPOS DE CONHECIMENTOS. DE ONDE OS ATIVISTAS, EM SUA OPINIÃO, EXTRAEM SEUS CONHECIMENTOS E FORMAÇÃO?
10. NOS DIFERENTES CAMPOS SOCIAIS, LEMBRANDO QUE ESTAMOS FALANDO DO ATIVISTA HOMOSSEXUAL, QUAIS DIFERENÇAS VOCÊ PODE PERCEBER ENTRE O ATIVISTA HOMOSSEXUAL E AQUELES ATIVISTAS QUE NÃO SÃO HOMOSSEXUAIS? (COMO POR EXEMPLO, ATIVISTAS FEMINISTAS, DO MOVIMENTO NEGRO, SINDICAL, PARTIDÁRIO, ETC.).
11. E VOCÊ PERCEBE UMA DIFERENÇA ENTRE O HOMOSSEXUAL QUE É ATIVISTA E AQUELE QUE NÃO É ATIVISTA?
12. QUAL A IMPORTÂNCIA DO MOVIMENTO HOMOSSEXUAL PARA A SOCIEDADE BRASILEIRA?

ANEXO 3

Transcrição das Entrevistas: Rick; Lucas; Vicente; Edivan.
(Meio Digital)



ANEXO 4

Carta de Fundação do Centro de Luta pela Livre Orientação Sexual de Minas Gerais
(CELLOS/MG)

Carta Pública do CELLOS

Ao longo da história da humanidade, sempre existiram necessidades de classificações, enquadramentos e denominações de alguns sobre outros, que resultou em uma história de dominações, explorações e sofrimentos. Ora como resultado da raça, ora resultado do sexo. As vezes, era a religião, outras a posição econômica. Porém, se a história da humanidade é permeada por criações que geram discriminações e preconceitos, ela não é desprovida de pessoas que lutam contra essas formas geradoras de desigualdade e de formas diferenciadas de acesso aos bens objetivos e subjetivos da humanidade.

Os indivíduos que sentem desejos afetivos e/ou sexuais por pessoas do mesmo sexo, sempre estiveram postos como um alvo para os moralistas de plantão. Sejam com argumentos religiosos, biológicos, econômicos ou simplesmente morais. Alguns indivíduos se auto intitularam de "guardiães" de algo que nem eles mesmos sabem o que é. Mas sabem a quem atacar.

Mas como já disseram, a luta é o motor da história. Não nos faltam exemplos de luta e lutadores. Pessoas que defendiam coisas simples, como a igualdade e a liberdade de expressão, em todos os momentos de nossa história. Oscar Wilde, José Renildo dos Santos, Grupo SOMOS, O Lampião, Stonewall, Brenda Lee..E uma lista quase interminável de pessoas que lutaram com suas próprias vidas, por algo aparentemente tão simples, mas que é difícil explicar: a liberdade de ser o que somos.

Infelizmente, a luta de tantos, ainda não foi o suficiente para demonstrar que, independente da nossa vida sexual, somos indivíduos dotados de direitos. Independente do nosso estilo de vida, somos parte fundamental desta sociedade. Temos como contribuir para o crescimento da coletividade. Basta nos escutarem com o respeito que temos direito. Não viemos pedir caridade ou piedade, como alguns possam pensar. Os maiores portadores de piedade e caridade, são acusados das maiores atrocidades da história humana. Os indivíduos que têm orientações sexuais distintas da orientação sexual valorizada em nossa sociedade, estão imbuídos de garra, disposição e capacidade para ajudar a construção de um mundo melhor, de uma Belo Horizonte muito mais bela. Pois, só como avanço e o respeito às diferenças, poderemos nos considerar uma civilização no sentido pleno.

Achamos que você que está lendo este texto tem algo a oferecer neste processo de transformar nossa cidade e nosso estado em um lugar muito melhor para se viver. Do jeito que quisermos viver. Se tu achas que esta luta é imediata, procure o CELLOS. Queremos aumentar a lista dos lutadores em prol do direito de sermos gay, lésbicas, travesti, transexual, michê, bichinha, enrustido. Podemos ser o que quisermos, mas para isso precisamos ser lutadores dos nossos direitos. A luta para sermos indivíduos dignos de nós mesmos, só fará avançar a humanidade e serve para tomar o mundo muito mais feliz e alegre.

Fonte: <http://cellos.blogspot.com/2004/07/carta-pblica-do-cellos.html>

ANEXO 5

“Minha linha do tempo...” de *Rick*

Minha linha do tempo...



- 1) quando conheci o grupo e eles e [redacted] que fez o convite para que eu conhecesse o movimento gbt e que me tornasse militante do movimento gtb.
- 2) quando assumi o cargo como secretário onde foi realizado vários eventos e reuniões e movimentos gey.
- 3) onde fui tive conhecimento sobre militância e movimentos gey.
- 4) onde minha mãe teve vergonha de me assumir quanto gey e militante onde trabalho e junta a minha família.
- 5) de ser homofóbico e ao mesmo gey mas sempre com conhecimentos sobre minha homossexualidade.

ANEXO 6

Lei Estadual de Minas Gerais 14170/02.
Lei Municipal de Belo Horizonte 8176/01.

Norma: LEI 14170 2002 Data: 15/01/2002 Origem: LEGISLATIVO

Ementa: DETERMINA A IMPOSIÇÃO DE SANÇÕES A PESSOA JURÍDICA POR ATO DISCRIMINATÓRIO PRATICADO CONTRA PESSOA EM VIRTUDE DE SUA ORIENTAÇÃO SEXUAL.

Fonte: PUBLICAÇÃO - MINAS GERAIS DIÁRIO DO EXECUTIVO - 16/01/2002 PÁG. 88 COL. 2

Vide: DECRETO 43683 2003 MINAS GERAIS DIÁRIO DO EXECUTIVO – 11/12/2003 PÁG. 2 COL. 2 REGULAMENTAÇÃO TOTAL

Indexação: DISPOSITIVOS, APLICAÇÃO, SANÇÃO, PESSOA JURÍDICA, HIPÓTESE, DISCRIMINAÇÃO, PESSOAS, HOMOSSEXUAL, MOTIVO, ORIENTAÇÃO, SEXO. DEFINIÇÃO, SITUAÇÃO, DISCRIMINAÇÃO. GARANTIA, INCLUSÃO, CONSELHO ESTADUAL DE DEFESA DOS DIREITOS HUMANOS, REPRESENTANTE, SOCIEDADE CIVIL, DEFESA, LIBERDADE SEXUAL, ORIENTAÇÃO, SEXO. AUTORIZAÇÃO, EXECUTIVO, CRIAÇÃO, CENTRO DE REFERÊNCIA, DEFESA, LIBERDADE SEXUAL, ORIENTAÇÃO, SEXO.

Catálogo: DIREITOS HUMANOS.

Determina a imposição de sanções a pessoa jurídica por ato discriminatório praticado contra pessoa em virtude de sua orientação sexual.

O Povo do Estado de Minas Gerais, por seus representantes, decretou e eu, em seu nome, sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - O Poder Executivo imporá, no limite da sua competência, sanção à pessoa jurídica que, por ato de seu proprietário, dirigente, preposto ou empregado, no efetivo exercício da atividade profissional, discrimine ou coaja pessoa, ou atente contra os seus direitos, em razão de sua orientação sexual.

Art. 2º - Para os efeitos desta Lei, consideram-se discriminação, coação e atentado contra os direitos da pessoa os seguintes atos, desde que comprovadamente praticados em razão da orientação sexual da vítima: I - constrangimento de ordem física, psicológica ou moral; II - proibição de ingresso ou permanência em logradouro público, estabelecimento público ou estabelecimento aberto ao público, inclusive o de propriedade de ente privado; III - preterição ou tratamento diferenciado em logradouro público, estabelecimento público ou estabelecimento aberto ao público, inclusive o de propriedade de ente privado; IV - coibição da manifestação de afeto em logradouro público, estabelecimento público ou estabelecimento aberto ao público, inclusive o de propriedade de ente privado; V - impedimento, preterição ou tratamento diferenciado em relação que envolva a aquisição, a locação, o arrendamento ou o empréstimo de bem móvel ou imóvel, para qualquer finalidade; VI - demissão, punição, impedimento de acesso, preterição ou tratamento diferenciado em relação que envolva o acesso ao emprego e o exercício da atividade profissional. Art. 3º - A pessoa jurídica de direito privado que, por ação de seu proprietário, preposto ou empregado no efetivo exercício de suas atividades profissionais, praticar ato previsto no artigo 2º fica sujeita a: I - advertência; II - multa no valor de R\$1.000,00 (um mil reais) a R\$50.000,00 (cinquenta mil reais), atualizados por índice oficial de correção monetária, a ser definido na regulamentação desta Lei; III - suspensão do funcionamento do estabelecimento; IV - interdição do estabelecimento; V - inabilitação para acesso a crédito estadual; VI - rescisão de contrato firmado com órgão ou entidade da administração pública estadual; VII - inabilitação para recebimento de isenção, remissão, anistia ou qualquer outro benefício de natureza tributária. Parágrafo único – Os valores pecuniários recolhidos na forma do inciso II deste artigo serão integralmente destinados ao centro de referência a ser criado nos termos do artigo 6º desta Lei.

Art. 4º - A pessoa jurídica de direito público que, por ação de seu dirigente, preposto ou empregado no efetivo exercício de suas atividades profissionais, praticar ato previsto no artigo 2º desta Lei fica sujeita, no que couber, às sanções previstas no seu artigo 3º. Parágrafo único - O infrator, quando agente do poder público, terá a conduta averiguada por meio de procedimento apuratório, instaurado por órgão competente, sem prejuízo das sanções penais cabíveis.

Art. 5º - Fica assegurada, na composição do Conselho Estadual de Defesa dos Direitos Humanos, a participação de um representante das entidades civis, legalmente reconhecidas, voltadas para a defesa do direito à liberdade de orientação sexual.

Art. 6º - Fica o Poder Executivo autorizado a criar, na estrutura da administração pública estadual, um centro de referência voltado para a defesa do direito à liberdade de orientação sexual, que contará com os recursos do Fundo Estadual de Promoção dos Direitos Humanos. Parágrafo único - Até que se crie o centro de referência de que trata este artigo, os valores pecuniários recolhidos na forma do inciso II do artigo 3º serão destinados integralmente ao Fundo Estadual de Promoção dos Direitos Humanos.

Art. 7º - O Poder Executivo regulamentará esta Lei no prazo de sessenta dias contados da data de sua publicação, por meio de ato em que se estabelecerão, entre outros fatores: I - o mecanismo de recebimento de denúncia ou representação fundada nesta Lei; II - as formas de apuração de denúncia ou representação; III - a graduação das infrações e as respectivas sanções; IV - a garantia de ampla defesa dos denunciados.

Art. 8º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 9º - Revogam-se as disposições em contrário.

Palácio da Liberdade, em Belo Horizonte, aos 15 de janeiro de 2002.

Itamar Franco - Governador do Estado

Fonte: <http://www.abglt.org.br/port/leiest14170.htm>

Lei nº 8.176 De 29 de Janeiro de 2001

Estabelece penalidade para estabelecimento que discriminar pessoa em virtude de sua orientação sexual, e dá outras providências.

O Povo do Município de Belo Horizonte, por seus representantes, decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - Esta Lei estabelece penalidade para estabelecimento localizado no Município que discriminar pessoa em virtude de sua orientação sexual.

Art. 2º- O Executivo imporá penalidade para o estabelecimento comercial, para o industrial, para entidades, representações, associações, sociedades civis ou de prestação de serviços que, por atos de seus proprietários ou prepostos, discriminarem pessoas em função de sua orientação sexual ou contra elas adotarem atos de coação ou de violência.

Parágrafo único - Entende-se por discriminação:

I - o constrangimento;

II - a proibição de ingresso ou permanência;

III - o preterimento quando da ocupação e/ou imposição de pagamento de mais de uma unidade, nos casos de hotéis, motéis e similares;

IV - o atendimento diferenciado;

V - a cobrança extra para ingresso ou permanência.

Art. 3º - No caso de o infrator ser agente do Poder Público, o descumprimento desta Lei será apurado mediante processo administrativo pelo órgão competente, independentemente das sanções civis e penais cabíveis definidas em normas específicas.

Parágrafo único - Considera-se infrator desta Lei a pessoa que, direta ou indiretamente, tenha concorrido para o cometimento da infração.

Art. 4º - Ao infrator desta Lei que seja agente do Poder Público e que, por ação ou omissão, for responsável por práticas discriminatórias, serão aplicadas as seguintes sanções:

I - suspensão;

II - afastamento definitivo.

Art. 5º - O estabelecimento privado que não cumprir o disposto nesta Lei estará sujeito às seguintes sanções:

I - inabilitação para acesso a créditos municipais;

II - multa de 5.000 a 10.000 UFIR (cinco mil a dez mil unidades fiscais de referência), duplicada em Caso de reincidência;

III - suspensão de funcionamento por 30 (trinta) dias;

IV - interdição do estabelecimento.

Art. 6º - Qualquer cidadão pode comunicar às autoridades as infrações a esta Lei.

Art. 7º - O Executivo manterá setor especializado para receber denúncias relacionadas às infrações a esta Lei.

Art. 8º - O Executivo regulamentará esta Lei no prazo de 60 (sessenta) dias, contado da data de sua publicação.

Art. 9º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Belo Horizonte, 29 de janeiro de 2001

Célio de Castro

Prefeito de Belo Horizonte

(Originária do Projeto de Lei nº 1.672/00, de autoria do Vereador Leonardo Mattos)

O projeto desta lei, foi proposto pelo Vereador Leonardo Mattos do PV, tendo sido aprovado pela unanimidade dos vereadores da Câmara Municipal de Belo Horizonte, mas foi vetado integralmente pelo prefeito. A mobilização da comunidade GLS e a ameaça de manifestações fez com que o Prefeito Célio de Castro, através de um ato administrativo revogasse o veto. Abaixo transcrevemos a justificativa do autor do Projeto de Lei e os textos do veto do prefeito e do ato administrativo que anulou tal veto

JUSTIFICATIVA DO VEREADOR LEONARDO MATTOS PARA O PROJETO DE LEI

O presente Projeto de Lei, vem instrumentalizar em Belo Horizonte o que estabelece a Constituição Federal em seu artigo 5º - "Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza" e inclui, no inciso XLI do mesmo artigo, que a "lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais". Alguns segmentos da sociedade brasileira, entretanto, têm imputado todo o tipo de discriminação e preconceito aos homossexuais, que representam hoje um dos grupos mais desrespeitados, expostos a humilhações, intolerância, mastratos, agressões físicas, e até mesmo crimes covardes.

Como legisladores temos a responsabilidade de apresentar leis que promovam mais justiça, paz e respeito entre os homens e não podemos, portanto, ser coniventes em nossa cidade com tratamento diferenciado ou intolerância àqueles que são diferentes de um padrão estabelecido como "normal".

Atos discriminatórios, humilhantes são merecedores de mecanismos que os contraponham ou neutralizem. Daí,

conclamo os colegas a apoiarem a presente iniciativa, que pretende contribuir para acabar com a discriminação e o preconceito contra os homossexuais.

Belo Horizonte, 10 de abril de 2000.

Leonardo Mattos
Vereador - Líder do PV

RAZÕES DO VETO

Ao tomar conhecimento da Proposição de Lei nº 1.094/2000 que "Estabelece penalidade para estabelecimento que discriminar pessoa em virtude de sua orientação sexual, e dá outras providências", sou levado a vetá-la integralmente, pelas razões que passo a expor.

A Comissão de Administração Pública da Câmara Municipal de Belo Horizonte e a Procuradoria Geral do Município acordam que a presente Proposição de Lei é inconstitucional por invadir competência legislativa exclusiva da União, a quem cabe legislar sobre Direito Penal, conforme preceitua o art. 22, inciso I da Constituição Federal. Ademais, a matéria tratada na referida Proposição já se encontra prevista na Lei Federal nº Lei nº 7.437/85, que "inclui entre as contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceito de raça, cor, sexo ou de estado civil. Este tema está também tratado na Lei Municipal nº 7.380/97, "que dispõe sobre sanções contra empresas que cometem atos discriminatórios quanto a raça, sexo, religião e ideologia."

Em tais condições, como bem salientou o Parecer da Comissão de Legislação e Justiça "a correta técnica legislativa se traduz em um enxugamento do universo jurídico, no sentido de evitar a criação de inúmeras leis similares, análogas, ou ainda, que tratem de itens de um mesmo contexto."

Finalmente, o Município não tem como proceder a apuração de infração penal prevista na Proposição de Lei em tela, praticada por particulares, por absoluta falta de meios, uma vez que o mesmo não tem competência e nem função judicante para tal.

Pelo exposto, veto integralmente a Proposição de Lei nº 1.094/00, devolvendo-a ao reexame da Egrégia Câmara Municipal.

Belo Horizonte, 19 de janeiro de 2001

Célio de Castro
Prefeito de Belo Horizonte

ATO DO PREFEITO

O Prefeito de Belo Horizonte, no uso de suas atribuições legais,

Considerando que no Estado Democrático de Direito as decisões do Poder Público devem refletir, com a máxima fidelidade, o legítimo interesse coletivo;

Considerando que a manifestação do Executivo acerca da Proposição de Lei nº 1.094/00, publicada no Diário Oficial do Município de 20 de janeiro de 2001, não corresponde aos verdadeiros interesses coletivos;

Considerando o recesso legislativo em vigor, razão pela qual, encontram-se suspensos, por razões lógicas, a atividade legislativa da Egrégia Câmara Municipal e, em consequência, o curso do processo legislativo;

RESOLVE:

Tornar sem efeito a publicação do veto à Proposição de Lei nº 1.094/00, publicado no Diário Oficial do Município de 20 de janeiro de 2001.

Belo Horizonte, 29 de janeiro de 2001

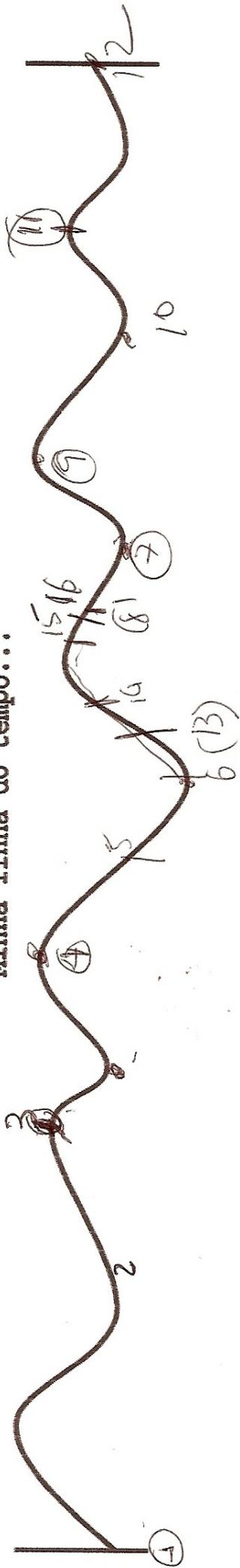
Célio de Castro
Prefeito de Belo Horizonte

Fonte: <http://www.abglt.org.br/port/leim8176.htm>

ANEXO 7

“Minha linha do tempo...” de *Lucas*

Minha linha do tempo...

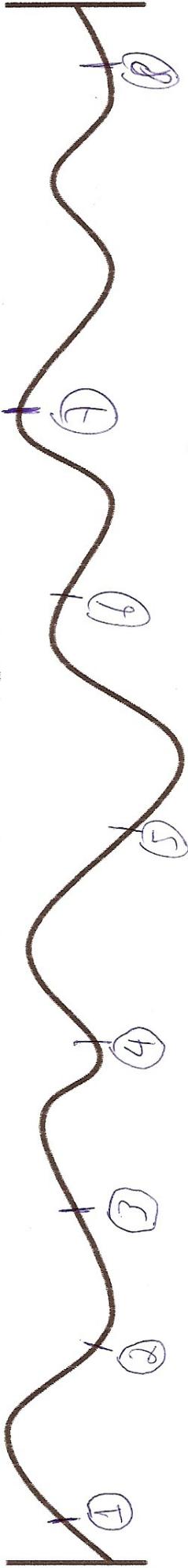


- 1) - NOV de 1984 - 14 anos - entrei no PT
- 2) Entrei na UNIVERSIDADE NO CURSO ENQ. QUÍMICA - 2000
- 3) JULA NO 2º TURNO 89 -
- 4) Rompei c/ PT POR CAUSA DA POLÍTICA de CONSO LÍAFAD DE CLASSE & feleguise BENTRO DA UFRPA
- 5) CONTATO C/ PRÓ - PSTU - CONVE REGÊN CIA SOCIALIS
- 6) MILITAR NO PSTU - 8 ANOS
- 7) Rompimento c/ PSTU - SECTARISMO e falta de RESPOSTA A ~~as~~ QUESTÃO GLBT
- 8) PARTICIPEI DA FUNDAÇÃO DO CELLOS/MG
- 9) PRESIDENTE DO CELLOS, me

ANEXO 8

“Minha linha do tempo...” de *Vicente*

Minha Linha do tempo...



1) MODELI PARA BH, E INICIEI MINHA NITFÂNCIA DO MOV. HOMOSSEXUAL (CABULE RAINBOW)

2) PARTICIPAÇÃO NAS LEISROSAS (MUNICIPAL E ESTADUAL)

3) TIVE UMA GRANDE DECEPÇÃO COM O CABULE RAINBOW NAS SEQUITES QUESTÕES
→ A ÉTICA
→ A IMPLACADA ENGANOSA
→ A EXPLORAÇÃO DE MÃO-DE-OBRA

4) CONHECI PESSOAS ÉTICAS E NITANTES DE VENTADE, SO QUAL DE CHADAMAN PARA FAZER PARTE DE UM GRUPO,
AO QUAL EU NITITO ATÉ HOJE E SE "POSSÍVEL" NITITAREI SEMPRE, GRUPO ESSE: CELLOSAB

5) COM ISSO COMECEI A CONHECER OUTROS MOVIMENTOS TENTANDO AGIR UMA INTEGRAÇÃO NA AUTA PERDA
DIREITOS E COMTA A DISCALINAÇÃO EXISTENTE NA SOCIEDADE, ME CAPACITANDO DE VARIAS FORMAS!!

6) VIVENCIEI O CRESCIMENTO DO GRUPO CELLOSAB QUE DÁ ÊNFASE A EDUCAÇÃO, SAÚDE E DIREITOS HUMANOS,
PARTICIPANDO DE TRABALHOS DE PREVENÇÃO DST/AIDS, PALESTRAS NAS ESCOLAS PARA FORMAÇÃO DE ALUNOS E PROFESSORES
ETC.

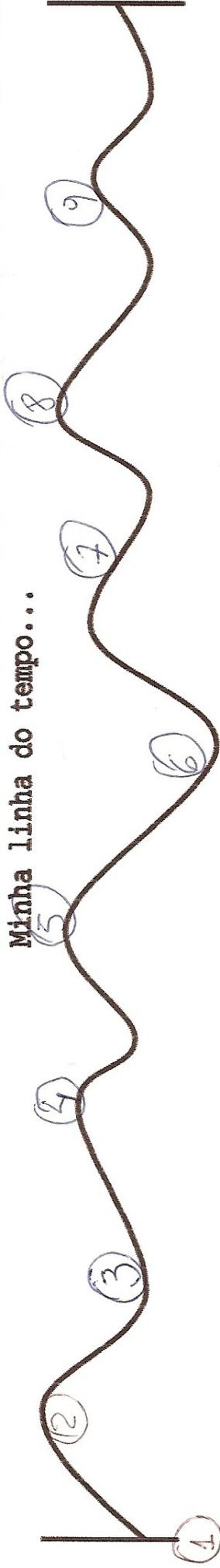
1) Com o Trabalho e a Força de Trabalho, esse atual governo (PFBH) abriu uma vaga para um homossexual ^{ASUBMISSO} dentro da C.N.D.H, cargo esse de técnico em D.H para que fizesse a intermediação entre o gov. e o governo e vice-versa, ao qual tive a felicidade de ser indicado, com uma certa autonomia para continuar na área, na hiditância

2) Atualmente estou com as demandas dobradas, pois também faço parte pelo gov. ~~das~~ ONG. DAS FOMADAS G.A.B.T, ^{com} AÇÕES AFIRMATIVAS como FOMADAS, PREVENÇÃO DST/AIDS, FOMADAÇÃO DE NOVAS HIDITANTES e com enfoque em DH tanto no gov. como no governo.

ANEXO 9

“Minha linha do tempo...” de *Edivan*

Minha linha do tempo...



- 1) Aos 14 anos, unicei a minha militância no grupo Dignidade, participação da fundação em 1993.
- 2) Fui o primeiro adolescente a organizar as reuniões do núcleo adolescente.
- 3) O meu primeiro emprego como epic-boy, dentro do grupo e participação do projeto "Carole massa". (Distribuição de materiais e apresentações com as travestis e nuchês).
- 4) Comecei em Natal/RN, a militar no GHP (grupo Lubras Corpus Potiguar) militei por uns 3 anos. (Gestamos vários projetos e viabilizamos algumas demandas do movimento).
- 5) Assumi a minha homossexualidade e o grupo foi bastante positivo em me apoiar nesta luta.

